

Maria Aparecida Cecílio

**Os Aspectos Sócioeconômicos e
Biopsicológicos da Formação do
Trabalhador Precoce em Atividade
Penosa na Zona Rural Brasileira**

Marília, 2002



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**OS ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS E
BIOPSICOLÓGICOS DA FORMAÇÃO DO
TRABALHADOR PRECOCE EM ATIVIDADE
PENOSA NA ZONA RURAL BRASILEIRA**

MARIA APARECIDA CECÍLIO

Marília, SP
2002

1410001364



MARIA APARECIDA CECÍLIO

**ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS E BIOPSICOLÓGICOS DA
FORMAÇÃO DO TRABALHADOR PRECOCE EM ATIVIDADE PENOSA
NA ZONA RURAL BRASILEIRA**

Maria Aparecida Cecílio

**ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS E BIOPSICOLÓGICOS DA
FORMAÇÃO DO TRABALHADOR PRECOCE EM ATIVIDADE PENOSA
NA ZONA RURAL BRASILEIRA**



MARILIA

2002

**ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS E BIOPSICOLÓGICOS DA
FORMAÇÃO DO TRABALHADOR PRECOCE EM ATIVIDADE PENOSA
NA ZONA RURAL BRASILEIRA**

Maria Aparecida Cecílio

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da
Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Newton Duarte

MARÍLIA

2002

AGRADECIMENTOS

Na realização deste trabalho contamos com a colaboração de um grande número de pessoas, sem as quais seria impossível chegar à produção do presente trabalho. Agradecemos, de modo especial, aos trabalhadores de diferentes idades que, confiando em nosso trabalho, falaram sobre suas vidas, relataram seus sentimentos, suas expectativas; seus problemas de saúde; suas condições de trabalho e convivência familiar;

Aos alfabetizadores, N. J. L. F. e R. B. S. A contribuição destes companheiros foi de fundamental importância na organização de nossos referenciais empíricos no Estado de Alagoas;

À Rosinêz Vinci de Souza Neto, pela dedicação na organização das fontes periódicas, pela degravação de nossas filmagens junto aos trabalhadores precoces e pela digitação dos nossos fichamentos;

Ao Departamento de Teoria e Prática da Educação, por entender a necessidade de nossa liberação para finalização deste trabalho;

Aos colegas do GETRAPP, que constituíram um grupo de diálogo sobre questões fundamentais na produção do presente trabalho;

A Elias Canuto Brandão, pelo companheirismo, pelo registro de imagens e pela diagramação final deste trabalho;

Ao professor Newton Duarte, por acreditar em meu propósito de estudar "As Bases Sócio-econômicas e Biopsicológicas da Formação do Trabalhador Precoce em Atividade Penosa na Zona Rural Brasileira", e pela paciência durante o período de produção do presente trabalho, e, diante dos imprevistos que a vida nos reserva. Também pelas críticas construtivas e coerência teórica nas orientações;

Aos professores Dagoberto Buim Arena e Maria Sylvia Simões Bueno, pela leitura, análise e sugestões no exame de qualificação;

Aos professores Maria Sylvia Simões Bueno, Marcus Vinícius da Cunha, Ligia Márcia Martins, Lourdes Marcelino, Elenita Ricio Tanamachi, Maria do Rosário Longo Mortatti e Vandei Pinto da Silva, pela análise da tese e participação na banca de defesa.

À CAPES, pela Bolsa de estudo, sem a qual teríamos dificuldades para realizar o deslocamento durante o desenvolvimento da pesquisa.



Entre nós existe um empenho em não chorar sobre o teu nome, Valmir.

Porque lágrima, já o sabiá espalhou como semente, por todos os lados.

Foste uma criança muda, um testemunho

Caído antes que a noite corresse o céu com azedumes.

Antes que a dor nascesse como um susto mais profundo

Semelhante ao trovão que te feriu a carne

E que todos escutamos enraivecidos.

Maldito seja o homem e o sistema

Que te levaram ao trabalho imaturo, antes do brinquedo.

Maldito o homem e a covardia

Que te roubaram a fantasia e o frescor da penumbra

E as coisas pequeninas de que necessitavas.

Maldito o latifúndio que te espancou a carne

Com fios farpados de sua ignorância

Espantando os pintassilgos que te cercavam

E que só voltaram para um adeus

Quando tua carne dormiu tranqüila

E a elegância da terra venceu a dor

Ordenando a lua que te sarasse as feridas

E devolvesse a ti - e aos teus em prêmio, toda tua juventude

Jelson de Oliveira

(O menino Valmir - 8 anos - morreu no hospital Regional de Barreiras-BA, no dia 29/10/1991, em consequência de lesões causadas pelo fazendeiro "Toinho Chorenga", que o espancou ao constatar que a roda do carro de boi com o qual o menino trabalhava, havia ficado presa num buraco. O menino, desde sua morte passou a ser reconhecido nacionalmente como símbolo das crianças vítimas do trabalho infantil e da violência no campo)

RESUMO

O trabalho sobre os "Aspectos Sócioeconômicos e Biopsicológicos da Formação do Trabalhador Precoce em Atividades Penosas na Zona Rural Brasileira", é resultado de um processo de investigação que objetivou, a produção de um referencial para discussão do trabalho precoce de caráter penoso, buscando os aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação do trabalhador precoce. Evidencia a importância de pensar o desenvolvimento humano, na condição de trabalhador braçal, abordando a problemática da exploração do trabalhador precoce na zona rural, no século XXI, e suas consequências.

Utilizamos, como referencial teórico, estudos de Psicologia, de História do Brasil, de legislação e de sociologia no que se refere à criança e ao adolescente e aos direitos trabalhistas. Periódicos informativos de órgãos governamentais e de organismos não-governamentais, jornais e estudos científicos de biomecânica.

O cotidiano dos trabalhadores precoces, no trabalho, na família e na brincadeira, foram pontos estratégicos de investigação, na busca dos aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação do ser humano

que praticou e do ser humano que pratica o trabalho penoso sem princípios educativos emancipatórios.

Para a realização deste trabalho, ouvimos depoimentos de adultos nascidos entre 1916 a 1983 que relataram suas infâncias e adolescências vividas na zona rural brasileira, como trabalhadores braçais. Também ouvimos trabalhadores precoces, nascidos entre 1985 e 1992, que praticam atividades produtivas de caráter penoso na zona rural brasileira.

Os depoimentos foram ouvidos a partir de visitas domiciliares e, em alguns casos, no local de trabalho, com roteiro dos assuntos a ser abordados, previamente preparado, facilitando o diálogo e o registro das falas. Utilizamos também recursos de registro de imagens e som de alguns depoimentos.

A partir desta investigação, discutimos o desenvolvimento do trabalhador precoce, mediado pelo trabalho braçal de caráter penoso, as condições sociais de vida deste trabalhador, as unidades neurológicas e suas funções na organização dos movimentos corporais e da postura, para compreender as consequências do trabalho precoce (executado em atividades temporárias para o mercado informal de trabalho - setor primário de produção) para o desenvolvimento humano, considerando o trabalho braçal, atividade penosa sem princípio educativo emancipatório.

A investigação resultou da participação de trinta e seis adultos que relataram suas infâncias e adolescências, e trinta trabalhadores precoces que falaram da condição de vida a que são submetidos enquanto

trabalhadores braçais. Os adultos, as crianças e adolescentes , vivem nos Estados de Alagoas (Litoral Norte) e Paraná (Região Noroeste).

O trabalho culminou na análise da biomecânica do desenvolvimento do trabalhador precoce, concluindo que as condições sócioeconômicas, a que são sujeitos esses trabalhadores, no Brasil, no século XXI, fazem parte das cadeias de produção que impossibilitam essas crianças e adolescentes de terem um futuro digno. Constituem uma população empobrecida, sem direito de brincar, de estudar, de conviver com a família.

O trabalho precoce, no Brasil, é o processo de apropriação que coloca o trabalho braçal como meio, e fim da sobrevivência das comunidades trabalhadoras em atividades rurais, em sua maioria, analfabetas. Os trabalhadores precoces, que desenvolvem atividades penosas, são submetidos a esforço físico prejudicial ao desenvolvimento humano. Constatamos, em nossos levantamentos, que, 50% das pessoas adultas ouvidas, são analfabetas e apenas uma, em trinta e seis, concluiu a quarta série primária. Trinta e quatro pais dos trinta e seis adultos ouvidos, eram analfabetos. Dos trinta e seis, quatorze tentaram estudar na adolescência, desistindo no primeiro mês de aula. Dos trinta e seis, quatorze freqüentaram escola por alguns ou meses e relatam a importância da escola nas suas vidas. A escola, para essas pessoas, tem significado de garantia de superação do analfabetismo, reinventando a perspectiva de vida futura. O trabalho braçal aniquila essa perspectiva.

Observamos que a economia baseada também na cana, como nos Estados do Paraná e Alagoas, tem significativa importância no impacto social e merece estudo aprofundado, principalmente, no que se refere às consequências para a vida humana.

ABSTRACT

The paper titled "The Socioeconomic and Biopsychological Aspects of the Planting and Preseasonal Workers' Character in the Brazilian Rural Areas" resulted from an investigation project. The goal of this paper was to make a reflective report for the effects of the planting and preseasonal work. It was expected for the socioeconomic and biopsychological aspects of the plantation workers' life. It was considered important to think about the human development taking into consideration the workers' welfare. We have also approached the activities of plantation and preseasonal workers in the 21st century, as well as its consequences.

Plantsation and preseasonal workers' history (preseasonal workers) resulted in a social and economic development, generating changes and advances in the rural areas, as well as in the workers' life. The plantation and preseasonal workers' activities in the 21st century are presented in this paper, as well as its consequences.

The qualitative method of grounded theory (GT) was used in this study. The GT was an investigation strategy. It helped us search for the

ABSTRACT

The paper called "The Socioeconomic and Bio-psychological Aspect of the Painstaking and Precocious Worker's Character in the Brazilian Rural Areas" resulted from an investigation process. The goal of this paper was to make a reference paper for the discussion of the painstaking and precocious work. It was searched for the socioeconomic and bio-psychological aspect of the precocious worker's development. It was considered important to think about the human development, taking into consideration manual workers. We have also approached the exploration of precocious rural workers in the 21st century, as well as its consequences.

Psychological studies, Brazilian history, legislation (regarding children and adolescents' rights as citizens and workers), governmental and non-governmental organisms' newspapers, regular newspapers and biomechanical scientific studies were used as theoretical references.

The everyday routine of precocious workers (at work, at home and at leisure time) was an investigation strategy. It helped us search for the

socioeconomic and bio-psychological aspect of human development, that is to say, one who works (or worked) painstakingly with no educational or emancipatory principle and that one who doesn't (or didn't).

In order to accomplish this research, we were reported some adult workers' experience. They were born in the Brazilian rural area between 1916 and 1983. They reported us their childhood and adolescence memories as manual workers. We also listened to some precocious workers, born between 1985 and 1992. These workers still work painstakingly in the Brazilian rural areas. We were reported at their homes and, in some cases, at work. A questionnaire was previously prepared in order to facilitate both the interview and the recording process. Some reports were also taped.

Starting from this investigation, we discussed the precocious workers' development mediated by the painstaking manual work, their social conditions, their neurological units and their functioning in the body motion and posture organization. We tried to understand the consequences of the precocious work (performed in temporary activities in the informal labor market - primary sector of production) in human development, considering the manual work as a painstaking activity with no emancipatory or educational principle.

Thirty-six adult people and thirty precocious workers were surveyed. Adult people reported their childhood and adolescence and the precocious workers reported their life condition as manual workers. Said

adult people, children and adolescents live in the States of Alagoas (Northeastern Brazil) and Paraná (Southern Brazil - Northwestern Paraná).

The work culminated with the biomechanical analysis of the precocious worker's development. We concluded that the socioeconomic conditions, in which these Brazilian workers are subjected to in the 21st century, make part of the production processes that deny those children and adolescents a bright future. They constitute an impoverished population; they have no education, no rights. They live away from their families.

Precocious work in Brazil is an appropriation process that places the manual work as the only alternative these people have in order to survive in rural activities. Moreover, most of rural workers are illiterate and precocious painstaking workers harm their physical development. It is clear in our surveys that 50% of the interviewed adult people were illiterate and barely one out of thirty six, attended elementary school for four years. Thirty-four parents out of thirty-six interviewed adults were also illiterate. Fourteen out of the thirty-six interviewed adults tried to get some schooling during their teenage days, but they gave up one month later. Some other fourteen out of the thirty-six interviewed adults attended school for some days/months and they know how important schooling was for their lives. For these people, schooling means a way of overcoming illiteracy, a way of improving their standards of living.

We understood that the economy based on sugarcane, the State of Paraná and the State of Alagoas are a typical example of it, causes a social impact concerning the informal labor market underlying it.

Precocious manual workers submitted to these economical activities might have their bodies deformed, and also slow their intellectual development because of school non-attendance. We are sure we started an important study about the precocious painstaking worker's development, because it is part of human development.

METODOLOGIA..... 25

SUPORTOS..... 32

RESULTADOS DOS DEPOIMENTOS..... 35

CAPÍTULO I

O COTIDIANO DO TRABALHADOR RURAL INFANTO-JUVENIL..... 40

a) O trabalhador infanto-juvenil rural..... 43

b) Crianças..... 64

c) A dimensão do Desenvolvimento..... 67

d) Atenção às desigualdades trabalhistas..... 78

e) A Sexualidade..... 101

f) A Escola..... 114

g) Os Corpos..... 125

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	17
INTRODUÇÃO.....	20
OBJETIVO.....	24
METODOLOGIA.....	25
SUPOSTOS.....	32
RESULTADOS DOS DEPOIMENTOS.....	36

CAPÍTULO I

O COTIDIANO DO TRABALHADOR RURAL INFANTO-JUVENIL.....	40
a) O trabalhador infanto-juvenil rural.....	53
b) Emoções.....	64
c) A biomecânica no Desenvolvimento.....	67
d) A família, as alegrias e o Trabalho.....	88
e) A Sexualidade.....	101
f) A Escola.....	114
g) Os Sonhos.....	125

h) A Fome.....	131
----------------	-----

CAPÍTULO II

OS TRABALHADORES PRECOCES	135
---------------------------------	-----

a) Argumentos sobre o Trabalho Precoce.....	141
b) Entre o trabalho e a Brincadeira.....	147
c) As brincadeiras e seus Significados.....	157
d) O trabalho e a Brincadeira.....	172
e) A Brincadeira.....	173
f) Aos Sábados e Domingos.....	178
g) A Alimentação.....	179
h) A Água.....	180
i) Insalubridade.....	183

CAPÍTULO III

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHADOR PRECOCE	193
--	-----

a) Unidades neurológicas.....	193
b) Funções físicas voluntárias.....	205
c) A organização dos Movimentos.....	211
d) O Corpo.....	218

e) A Postura.....	220
CONCLUSÃO.....	234
BIBLIOGRAFIA.....	247

1. AIDS - Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida;
2. ANDEF - Associação Nacional dos Defensores Agrícolas;
3. AL - Alencas;
4. BENFAM - Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil;
5. BIRD - Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial);
6. BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social;
7. CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior;
8. CF - Ceará;
9. CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
10. CON UNIM - Conselho Pontifício;
11. CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito;
12. DPE - Desperdiço por Fome e Energia;
13. DTP - Difusão, Tensão e Consequência;

SIGLAS

1. AIDS - Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida;
2. ANDEF - Associação Nacional dos Defensivos Agrícola
3. AL - Alagoas;
4. BENFAM - Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil;
5. BIRD - Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento
(Banco Mundial);
6. BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social;
7. CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do
Ensino Superior;
8. CE - Ceará;
9. CNBB - Conferência Nacional do Bispos do Brasil;
10. COR UNUM - Conselho Pontifício;
11. CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito;
12. DPE - Desnutrição por Proteína e Energia;
13. DTP - Difteria, Tétano e Coqueluche;

14. FAT- Fundo de Amparo ao Trabalhador;
15. FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Trabalho;
16. FIDH - Federação Internacional de Direitos Humanos;
17. FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo;
18. GETRAPP - Grupo de Estudos do Trabalho Precoce e Penoso;
19. GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas;
20. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
21. IDH - Índice de Desenvolvimento Humano;
22. IDI - Índice de Desenvolvimento Infantil no Brasil;
23. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais;
24. INSS - Instituto Nacional de Seguridade Social;
25. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada;
26. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
27. MEC - Ministério da Educação e do Desporto;
28. MG - Minas Gerais;
29. MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;
30. OIT - Organização Internacional do Trabalho;
31. OMS - Organização Mundial da Saúde;
32. ONU- Organização das Nações Unidas;
33. PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento;



- 34. PR - Paraná;
- 35. PROGER - Programa de Geração de Renda;
- 36. PRONAR - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar;
- 37. SEEC - Secretaria de Estado da Cultura do Paraná;
- 38. SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural;
- 39. SP - São Paulo;
- 40. STAB - Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil;
- 41. SUS - Sistema Único de Saúde;
- 42. UNESCO - Agência Especializada da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura;
- 43. UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

INTRODUÇÃO

A vivência com a população, que sobrevive do trabalho, na zona rural na Região Noroeste do Estado do Paraná a partir de 1993 e Litoral Norte do Estado de Alagoas a partir de 1998, mediante atividades de formação de alfabetizadores, possibilitou nosso contato direto com a realidade da vida cotidiana das famílias de trabalhadores. Constatamos, desde então, que a educação plena, praticada na escola, na família, na vida comunitária, nas instâncias políticas e religiosas, enfim, em todas as suas formas e em diferentes grupos sociais, não se concretiza entre os trabalhadores braçais como direito de toda pessoa humana no processo de desenvolvimento humano, na formação do cidadão.

O trabalho penoso, que envolve os trabalhadores precoces em atividades braçais, não tem princípios educativos emancipatórios, pois a infância e a adolescência são tratadas como períodos de aprender a trabalhar para produzir. Essa forma de vida faz parte da história da população rural no Brasil. Sua maioria habita zonas periféricas de nossas cidades, à margem dos benefícios sociais.

A realidade das famílias dos trabalhadores rurais, em sua maioria analfabetas, é permeada pelo trabalho infanto-juvenil de caráter penoso em atividades braçais, que exigem esforço físico concentrado. As formas de exploração dessa mão-de-obra nas cadeias de produção, resultam: na impossibilidade de freqüência escolar, para o aprendizado formal; no distanciamento entre pais e filhos; no desencadeamento de doenças e na consolidação do pensamento popular que extrai do trabalho precoce a justa medida para combater os problemas sociais que afetam a criança e o adolescente, justificando, com a precocidade laboral a garantia do sustento da família.

Para a população infanto-juvenil, que vive a realidade do trabalho penoso, o tempo de aprender é o tempo de trabalhar, o tempo de conviver com a família é o tempo de realizar afazeres domésticos, o tempo de brincar é o tempo de descansar. A infância e a adolescência vivida com liberdade, para grande maioria dos trabalhadores precoces brasileiros, foram e são sonhos irrealizáveis.

Essa forma de vida, economicamente gerada, é politicamente nutrida na história das famílias de trabalhadores rurais no Brasil, pela concentração de terras, por um lado, e pela aglomeração de trabalhadores oriundos da zona rural nos centros urbanos, atualmente desempregados e desassistidos nas periferias da zona urbana. Autores

brasileiros¹, alertam-nos para os efeitos da atitude capitalista excludente que predomina nas relações de trabalho no campo e na cidade, perpetuando a crença de que é melhor ocupar a população infanto-juvenil, principalmente a oriunda da zona rural, no trabalho produtivo do que permitir sua presença nos espaços públicos, como: ruas e praças, por caracterizar essa presença como desocupação. O trabalho penoso² não assume característica de atividade profissionalizante e humanizante, não apresenta princípios que indiquem a possibilidade de ser educativo, a não ser para o trabalho. O princípio que o regula é o condicionamento para a produção, é a concorrência.

O presente estudo possibilitou a compreensão das mudanças sócioeconômicas ocorridas no Brasil a partir da década de 1970. Nesse período, a zona rural brasileira viveu a revolução de hábitos de trabalho com a introdução de tecnologias internacionais de produção e a destituição da organização familiar de produção para subsistência.

A saída das famílias camponesas da zona rural deu origem à constituição de outras formas de organização do trabalho para essa população que se encontrava fixada na zona rural até então, uma vez que passa a fazer parte da vida das famílias camponesas uma nova forma laboral de sobrevivência, o trabalho sazonal por produção individual.

¹ Priore, 1999; Scarano, 1999; Mauad, 1999; Santos, 1999; Moura, 1999; Passetti, 1999; Rizzini, 1999; Dourado, 1999; Dabate, 1999; Araújo, 1999.

² O trabalho penoso é aqui entendido como trabalho braçal desenvolvido nas atividades rurais de monocultura.

O fluxo migratório entre cidades e entre Estados aumenta de forma politicamente descontrolada. As ações de contenção social agridem as famílias que migram, na busca de trabalho, à medida que suas necessidades sócioeconômicas básicas não são atendidas. Nesse contexto é implantado o trabalho precoce, de forma produtiva, em regime informal. O que era trabalho familiar em propriedades produtoras de culturas diversificadas, de sobrevivência, é transformado em trabalho precoce individual, de caráter penoso, nas engrenagens das cadeias de produção em larga escala. A criança sai da família para trabalhar por produção em atividades voltadas, em sua maioria, para a agroindústria de exportação e extração mineral.

O setor primário de produção ainda vale-se da miséria da população migratória, da força do trabalho precoce em atividades braçais de caráter penoso. As práticas de exploração são variadas, dependendo da produção de cada região do país. Os números de trabalhadores precoces são estimados, isto é, sem atualização estatística, seja pelas dificuldades geográficas, seja pela falta de políticas públicas de atendimento aos direitos do cidadão, seja pela interferência do poder econômico local.

OBJETIVOS

Em virtude desse contexto histórico vivido no Brasil, no qual a fome endêmica³ e o trabalho precoce, de caráter penoso, encontram-se e passam a representar força produtiva para o mercado informal, na produção de matéria prima para exportação, estudamos os aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação da criança e do adolescente trabalhador em atividades braçais, de caráter penoso, como objeto de nossa investigação, na produção de um referencial para futuras discussões ampliadas e aprofundadas, visando a compreensão da formação biopsicológica dos seres humanos e as implicações da atividade laborosa e laboral de caráter penoso, em idade precoce, para o desenvolvimento humano.

As perspectivas deste intento tem como alvo a idéia de atualização da discussão do trabalho precoce no contexto social brasileiro nas últimas duas décadas. Para tanto, buscamos os aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação dos trabalhadores precoces, seus sonhos, seu cotidiano, entendendo que a "[...] formação de todo ser humano é sempre um processo que sintetiza, de forma dinâmica, todo um conjunto de elementos produzidos pela história humana"⁴.

³ Fome endêmica é explicada por Josué de Castro, no livro *Geografia da Fome*, como expressão biológica dos males sociológicos. É a fome por falta de alimentação adequada.

⁴ DUARTE, 1993, p. 13



O propósito primeiro deste estudo é evidenciar a importância do pensar o desenvolvimento humano na condição de trabalhador braçal em atividades penosas na zona rural brasileira.

METODOLOGIA

Nossa análise dos aspectos que envolvem a vida do trabalhador precoce, na zona rural, tem, como eixo de relação, a formação biopsicológica do trabalhador precoce nas atividades penosas, de caráter informal, desenvolvidas na zona rural brasileira. O resultado da pesquisa de campo trabalhada tem como parâmetro geopolítico e sócioeconômico os Estados do Paraná (Região Noroeste) e Alagoas (Litoral Norte) por representarem as diferentes regiões do Brasil. Focamos as influências do meio social, as condições de vida e de trabalho braçal que perfazem a maior parte do tempo de vida do trabalhador precoce.

O caminho que tomamos para atingir nosso propósito foi ouvir pessoas, entre as idades de 19 e 83 anos, que residem nos Estados do Paraná e Alagoas, e que viveram suas infâncias sujeitas ao trabalho precoce de caráter penoso, ou seja, o trabalho braçal na zona rural. Também ouvimos trabalhadores precoces nascidos entre 1985 e 1992 e que, no final do século XX e início do século XXI, encontram-se em plena atividade na zona rural. Utilizamos como recurso anotações de diário de

campo, entrevistas dirigidas e filmagens de depoimentos. No caso das filmagens, realizamos a degravação para colher dados contidos nas falas.

O que pudemos inferir, são informações incidem, década a década, no processo de exclusão sócio-econômica das famílias que dependem do trabalho rural e, da apropriação do trabalho precoce, confirmando as implicações dessa forma de vida, no desenvolvimento do ser humano.

Diante desse contexto, o estudo, que realizamos, representa uma pequena parcela do que podemos conhecer do mundo construído para e pelos trabalhadores precoces na constante busca da sobrevivência no entorno do Estado economicamente ativo e politicamente determinante das condições de vida dos brasileiros, ou seja, na formalidade sistêmica estruturada para benefícios de alguns, ou na informalidade que garante mão-de-obra descartável para a manutenção do mercado de exploração da energia humana.

Nessa busca, ouvimos, entre adultos, crianças e adolescentes, sessenta e seis pessoas que relataram a infância e a adolescência como trabalhadores braçais e que hoje fazem parte da população explorada como mão-de-obra na zona rural brasileira nos Estados de Alagoas e Paraná.

Observamos que, nas trinta e seis entrevistas realizadas nos anos de 1999 e 2001, durante visitas domiciliares realizadas em Maringá/PR, Cruzeiro do Sul/PR, Querência do Norte/PR e Roteiro/AL, pessoas nascidas em diferentes Estados (SP, PR, AL, MG e CE) perguntadas

sobre o tempo de infância, se era tempo de brincar ou trabalhar, responderam, argumentando as razões de suas respostas sem usar o argumento das condições alimentares, como fator que desfavorece o desenvolvimento humano.

Mediante os cenários de produção rural de exportação, focamos, no mundo da produção de diferentes crianças, a vida presente entre o trabalho e a brincadeira como campo de nossa investigação. Os fatores presentes no cotidiano das crianças e adolescentes, caracterizados nas brincadeiras como jogo, que, ora permite a imitação do mundo adulto e ora a fuga deste mesmo mundo adulto representado pelo trabalho, são equacionados na busca de caminhos para compreensão da vida intelectual do trabalhador precoce em atividades braçais.⁵

A imitação é caracterizada pela representação de comportamento adulto em situações rotineiras, como o trabalho doméstico dos pais e de outros profissionais. São situações em que as crianças brincam de médico com uma boneca, de professora, de papai e mamãe. A fuga é a situação de uso da imaginação para idealizar personagens, para fazer de conta que se tem um amigo invisível para brincar, para conversar, quando necessita trabalhar. A imitação e a fuga, expressas em brincadeiras, são jogos distintos, não-simultâneos, são desenvolvidos por crianças que vivem situações diferenciadas. A imitação, na vida do trabalhador precoce, é um jogo que permite a aproximação entre a criança e o adulto,

enquanto a fuga da realidade é expressão de distanciamento do trabalho como atividade adulta que limita o tempo livre, que exige esforço físico com movimentos condicionados, autocontrolados. A fotografia como recurso visual, foi utilizada no registro de situações vividas por crianças e adolescentes.

A vida dos trabalhadores enclausurados em atividades penosas, motivou a observação e descrição, através das falas dos trabalhadores, das características da realidade vivida no mundo do trabalhador em formação por ele reconhecidas, na busca de explicações para as implicações desta condição de vida no processo de desenvolvimento humano.

Também constituíram-se, em objeto de análise, os dados organizados a partir de entrevistas, filmagens e fotografias com a população de trabalhadores precoces nascidos em diferentes épocas, além da pesquisa bibliográfica e do acompanhamento das discussões da imprensa e do Ministério Público no Estado do Paraná, que, no ano de 2001, realizou audiências públicas para discussão de questões voltadas à condição de vida do trabalhador rural, entre elas, a questão da prática do regime de trabalho conhecido como "5X1" (cinco por um), a cada cinco dias de trabalho, um dia livre, independentemente do dia da semana.

⁵ Fonte: entrevistas realizadas entre os anos de 1999 e 2001 com adultos que trabalharam na infância e adolescência.



Este regime afasta pais e filhos, pois ao inviabiliza o encontro da família nos finais de semana e afasta os cônjuges, uma vez que, na maioria das famílias de trabalhadores rurais, trabalham pais e filhos e, se cada um folga em um dia diferente, poucas vezes, durante o ano, terão oportunidades de encontro familiar. Essa prática impede que pais e filhos mantenham diálogo, que pais acompanhem os estudos dos filhos, quando estudam, e que casais possam ter lazer com suas famílias.

No desejo de retratar, em detalhes, o que visualizamos historicamente do mundo dos trabalhadores segundo sua cultura, linguagem e pensamento e condições sócio-educativas, econômicas e biopsicológicas, neste estudo, descrevemos o contexto social mais amplo que envolve a vida da população trabalhadora em idade precoce.

Os dados, com os quais trabalhamos, fazem parte de questões inteiramente voltadas para a vida da criança e do adolescente brasileiro dos séculos XX e XXI que trabalharam e trabalham em atividades braçais na zona rural.

Ressaltamos a importância dos aspectos biomecânicos para o movimento, para a postura, na formação do corpo humano, por compreender o ser humano como complexo que envolve processos físicos e psicológicos indissociáveis, na abordagem da formação integral. Em nossos estudos, aprendemos que a vida cognitiva responde aos efeitos do trabalho, à medida em que, a atividade braçal suga as energias

do corpo. Aqui lembramos Vigotski ao que "[...] a fala tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores".⁶

Informações empíricas e literárias fazem parte do trabalho de coleta e análise dos dados na sistemática do estudo científico das vias de compreensão das bases sócio-econômicas e biopsicológicas no desenvolvimento humano da população infanto-juvenil investigada.

Os referenciais teóricos, que nos fazem pensar em equações próprias da problemática da formação biopsicológica dos seres humanos em desenvolvimento, são referenciais reunidos, a partir da característica da análise histórico-social, ou seja, que trabalham a vida contextualizada e também, referenciais que trabalham a dinâmica social como os periódicos⁷ que informam das políticas públicas - são produzidos por

⁶ Vigotski, 1998, p. 30

⁷ Boletim Acordo Brasil. Ministério da Educação e do Desporto, 1997; Revista Marinheiro. Federación de l'Esplai, Sant Feliu de Llobregat - Espanya e Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua do Rio de Janeiro e Maringá. Abril 2000 N.º 1; Informativo Educação para a Cidadania/ PCA - Programa da Criança e do Adolescente - UEM/Maringá; Boletim da Frente Parlamentar pela Criança e Adolescente - 1993-1999 (e-mail: encontro@eca.org.br); Diretrizes do CONANDA - Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1990; Boletim de lançamento do relatório "Situação da Infância Brasileira 2001 (principal.htmpprincipal.htm); Diretrizes para o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - Portaria 2.917 de 12/09/2000 - Ministério da Previdência e Assistência Social; Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente Declaração dos Direitos da Criança de 20/11/89; IDI - Índice de Desenvolvimento Infantil no Brasil - 1990/Unicef; Revista: Psicologia: reflexão e crítica; Relatório da Situação Mundial da Infância. Unicef, Brasília e São Paulo, 1995; Ministério da Justiça - Secretaria dos Direitos e Cidadania - Departamento da criança e adolescência - SIPIA BRASIL - Manual do Usuário. 3ª edição, Brasil, novembro de 1995; Revista LIDA - Revista do Ministério do Trabalho. Nov./Dez/1999 - ano 1 n.º 5 (e-mail: acs@mtb.gov.br) - fone: (061) 327-2751; Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência. Curitiba/PR Rua Emiliano Perneta, 680 - 17º andar (fone: (041) 224-4409 - CEP 80.420.000; Boletim Brasil Criança Urgente - a Lei 8.069/90 - o que é preciso saber sobre os novos direitos da criança e do adolescente. Instituto Brasileiro de Pedagogia Social. Columbus Cultural Editora. São Paulo 1990; Caderno de Políticas Sociais. Série documentos para discussão. Brasília - DF; Revista Isto É. Junho/1998. Trabalho infantil na colheita da laranja em São Paulo; OIT. Eliminação do Trabalho Infantil: a criança que trabalha

ministérios, por organizações internacionais - periódicos acadêmicos sobre recentes análises científicas empreendidas, das ações educativas desenvolvidas e do ordenamento jurídico no embate social em todas as regiões brasileiras e, de modo especial, nos Estados do Paraná e Alagoas.

As Constituições brasileiras dos diferentes períodos históricos (1824 a 1988), foram fontes indispensáveis para a compreensão das ações empreendidas sobre a vida de crianças e adolescentes. Os procedimentos de análise das diferentes coletas de dados foram organizados com a contribuição das pesquisas de cientistas de diferentes áreas. São procedimentos de interpretação social, educativa, jurídica, econômica, histórica, biopsicológica e biomecânica, priorizando a análise do homem como ser social, historicamente entendido mediante suas condições de vida e de trabalho.

O estudo da biomecânica humana constituiu amparo necessário ao desenvolvimento de nossos comentários, envolvendo informações coletadas junto a pessoas adultas que viveram a realidade do trabalho braçal, de caráter penoso, na infância e adolescência e de crianças e adolescentes, que vivem no início deste novo milênio, situações de empenho físico e psicológico no trabalho braçal produtivo desenvolvido na zona rural. As informações dizem respeito a suas vidas cotidianas na infância e na adolescência, em diferentes épocas e Estados da União.

compromete seu futuro, 1995, V. 3; Revista Ponto de Encontro. Infância sem vez e sem



A aproximação com os trabalhadores foi necessária para a investigação comparativa dos dados coletados sobre diferentes épocas da história do Brasil, recuperando as implicações do trabalho forçado para a formação integral do ser humano. Para essa aproximação, na região Nordeste do Brasil, contamos com a colaboração de dois alfabetizadores, ex-trabalhadores rurais no Estado de Alagoas.

O encontro das teorias das diferentes áreas do conhecimento científico, com os dados organizados durante o trabalho empírico de coleta, constituíram a discussão do objeto do presente estudo. O entendimento metodológico de produção teórica do assunto investigado partiu deste pressuposto: leitura de diferentes concepções do desenvolvimento humano, sua formação e funcionamento biopsicológico e mecânico, visando analisar, a partir da história de vida das pessoas, a mediação do trabalho braçal no desenvolvimento humano, sob condições de vida determinadas pelo mercado informal de trabalho na zona rural brasileira.

SUPOSTOS

Observamos que o trabalhador é impedido de falar durante suas atividades, seja pelo controle da respiração exigido pelo esforço físico nos movimentos repetidos, ~~seja~~ pelas regras de produção. Nesse sentido,

voz. (www.sescsp.com.br).

Vigotski, ao discutir o papel da fala na organização das funções psicológicas superiores, faz-nos pensar que o não-exercício da fala durante a jornada de trabalho, pode acarretar dificuldades para o desenvolvimento da linguagem. Considerando que o trabalhador precoce vive a limitação da fala em situação de trabalho braçal, sofre por ter necessidade de falar, sendo assim, prejudicado no seu desenvolvimento.

Nosso pressuposto, diante de fatos, como: privação da fala livre, é de que a vida mediada pelo trabalho braçal penoso, é influenciada e influencia negativamente na formação dos processos cognitivos, no desenvolvimento da inteligência, da intelectualidade e emocionalidade da pessoa.

As emoções, a postura física, os movimentos e o pensamento assumem características próprias da condição de vida da população que "cresce" trabalhando. A qualidade de vida indica a quantidade de vida sob condições de trabalho que mobilizam o sujeito como objeto exclusivo da produção.

Nas cadeias produtivas beneficiadas pelo trabalho precoce, é que podemos compreender as raízes da imobilidade social no combate a esse tipo de exploração. Mateos⁸, publicou, uma pesquisa que diz "quem explora a mão-de-obra infantil", chegando à conclusão de que nossas crianças são as "sucatas do progresso".

⁸ Revista Atenção. Nº 2, Ano 1, Dez/95 a Jan/96.



A pesquisa de Mateos (1995) mostra que, entre o trabalhador precoce e os produtos de seu trabalho, estão sendo beneficiadas empresas como siderúrgicas, bancos, montadoras, a maioria de capital estrangeiro e o próprio Governo Federal, envolvido nas cadeias de produção, por meio de projetos de financiamento, como é o caso do Proálcool.

A sociedade brasileira, observada em suas realidades imediatas, ainda convive com diferentes crianças no século XXI. O sistema de produção economicamente desenvolvido, retém, no setor primário, a maioria de nossas crianças e adolescentes trabalhadores sem escola, sem a proteção da família e do Estado, desempenhando atividades penosas produzindo, não apenas arroz, feijão, açúcar, matéria-prima para carros, laranja para suco, café, pedras, sisal, carvão... O Setor primário, ao utilizar mão-de-obra precoce, produz também, diferentes crianças, criando e mantendo um mundo de desigualdades, na formação humana, ao conservar a exploração de vidas humanas em desenvolvimento de modo ilegal, injusto e desumano.

A cadeia de produção sustentada, na prática da educação de diferentes crianças, não é nova. Constitui-se como cultura, no Brasil, assim como em muitos outros países, o que entendemos ser de relevância na discussão do índice de desenvolvimento humano mundial. De acordo com a ótica capitalista, um país é aquilo que produz. O Brasil é um produtor de diferentes crianças por ainda conviver com o trabalho

precoce. Transformam-se as formas de trabalho, a unidade já não é a família mas permanece a relação de exploração a qualquer preço.

Essa organização social da produção das vidas dos trabalhadores brasileiros empobrecidos é questão política, jurídica, social e econômica de caráter educativo. Essa manutenção da prática de exploração é o vértice da problemática que apresentamos nesse estudo.

Os periódicos brasileiros são fontes históricas inesgotáveis de evidências da impunidade que consolida a desigualdade social produzida pela exclusão da população trabalhadora dos direitos à cidadania. Entre as violações, encontramos a que consideramos, a mais cruel de todas as práticas: a violação dos direitos da criança, entre eles, o direito de ser criança e brincar.

José João Paulo da Silva, 79 anos, na Zona da Mata Pernambucana, em maio de 97, disse que "Só não cai na palha da cana aquele que tiver sorte de morrer logo quando nasce".

A reportagem de Xico Sá na Folha de São Paulo, no dia primeiro de maio de 1997, na página 6, ao apresentar José João, mostra que 84% dos pais da região de José João, acreditam que o trabalho precoce é destino e por isso criança tem que acompanhar os pais. Conforme publicou a Folha de São Paulo, a Zona da Mata tem sido denunciada, desde a década de 1950, pelo elevado índice de desnutrição, período da publicação da primeira edição dos livros sobre a fome, de Josué de

Castro⁹. Realidades, como a da Zona da Mata, são encontradas em muitas outras regiões do Brasil. O trabalho precoce, entendido como destino para os filhos de trabalhadores sem o poder da leitura e da escrita, explica como, entre outros, o direito de brincar é violado.

RESULTADO DOS DEPOIMENTOS

Dos trinta e seis depoimentos de adultos que relataram suas infâncias e adolescências, dezenove foram contrários à idéia de que criança deve trabalhar e dezessete favoráveis, desde que a criança possa trabalhar e estudar sem prejuízos na aprendizagem.

Os argumentos dos contrários ao trabalho na infância são construídos sobre o pressuposto de que a escola é lugar de criança e de que o trabalho prejudica o desenvolvimento da criança. Dizem que os tempos mudaram, a escola está bem mais próxima das famílias e que a criança tem que brincar e estudar. Outro argumento utilizado é a necessidade de pensar o futuro. As pessoas perguntam-se se as crianças que trabalham terão futuro e, em seguida trabalham com a hipótese de que não terão. Pensam nas suas vidas de criança e na vida adulta que levam. Observamos o que disse um trabalhador alagoano ao argumentar: "hoje a criança deve estar na escola para que no futuro não venha a

⁹ Castro, 1946 e 1957.



enfrentar tantas e tantas dificuldades que hoje eu enfrento"¹⁰.

O tempo para estudar é colocado como necessário para garantir que, no futuro, as crianças não se transformem num "Zé ninguém"¹¹. O sofrimento na idade adulta, para aqueles que não estudaram, serve de exemplo ao pensarem a vida das crianças de hoje. O estado de ignorância da linguagem escrita na vida adulta é justificado pela exploração do trabalho da criança e do adolescente por produção. A escola, como lugar de aprender a ler e escrever e construir condições de se profissionalizar é o argumento mais presente nas falas das pessoas que ouvimos.

A idade também é apresentada como argumento contrário ao trabalho precoce: "[...] criança não tem idade para trabalhar ainda"¹² "[...] tem que estudar para ter futuro melhor mais tarde".¹³

Os argumentos contrários ao trabalho precoce evidenciam a importância da escola e da brincadeira no desenvolvimento humano. No entanto, considerável número de pessoas ouvidas durante nosso estudo, argumentam a favor.

Os argumentos favoráveis ao trabalho na infância e na adolescência, trazem-nos à lembrança a história da vida dos trabalhadores no Brasil e na Europa. As idéias que, no século XVIII,

¹⁰ C. A. L. (27 - sexo masc.) - Roteiro/AL - 2000.

¹¹ I. V. S. (52 - sexo fem.) - Maringá/PR - 2000.

¹² J. S. (24 - sexo masc.) - Roteiro/AL - 2000.

¹³ J. C. A. (42 - sexo fem.) - Roteiro/AL - 2000.

justificavam as fábricas inglesas cheias de pequenas mãos manuseando máquinas produzidas especialmente para elas, continuam presentes nas mentes e nos atos de muitos brasileiros que vivem do trabalho braçal na zona rural. Podemos verificar esse fato nas seguintes falas:

1. Melhor trabalhar do que ficar nas ruas em más companhias, o trabalho educa a criança, ajuda a diminuir a criminalidade;
2. [...] eu concordo porque a gente vive do trabalho;
3. [...] é necessário desde pequeno para dar importância para o trabalho, não com tanta intensidade; porque não fica na rua só atrás do que não é bom para um adolescente;
4. [...] concordo porque se você não concorda com isso você não tem coragem para trabalhar ou mesmo para plantar uma roça.¹⁴

O conteúdo destas frases representa o quanto a prática da exploração da mão-de-obra infanto-juvenil foi doutrinadora no Brasil. Dezesete dos trabalhadores adultos ouvidos continuam pensando que o trabalho educa, disciplina a vida em sociedade e garante a sobrevivência de suas famílias. A crença de alguns aponta a proibição do trabalho, antes dos dezesesseis anos, como errada e indica que o trabalho precoce deve ser aceito para que as pessoas não corram o risco de perder o gosto pelo trabalho.

A acomodação, na condição de trabalhador braçal, é justificada

¹⁴ A. T., (45 - sexo masc.) - Maringá/PR - 2000; L. A. A., (20 - sexo masc.) - Roteiro/AL - 2000; M. Q. C. (49 - sexo fem.) - Roteiro/AL - 1999; A. M. F. (77 - sexo masc.) - Sarandi/PR.

pela falta de esperança assinalada nas falas dos brasileiros ouvidos para esta reflexão e explica a falta de credibilidade no governo no combate aos massacres promovidos nas cadeias produtivas que ocorrem no campo e nas cidades brasileiras. Entre os anos de 1999 a 2001, ouvimos também grupos de crianças trabalhadoras junto a seus núcleos familiares, no município de Cruzeiro do Sul/PR e Roteiro/AL. Observamos que todas tentam praticar o autoconvencimento de que trabalhar na infância é melhor do que brincar, pois precisam garantir o sustento.

O argumento usado é que: "se não trabalha não come"¹⁵. No entanto, quando perguntadas sobre seus sonhos, observamos que a escola, as brincadeiras e a vida na cidade, representam a libertação da vida penosa provocada pelo trabalho precoce. Falam de suas experiências no trabalho e apontam o cansaço, a falta de água e alimento, como as grandes dificuldades que enfrentam, por isso precisam acreditar que o trabalho é a melhor solução para suas vidas. As crianças e adolescentes são conhecedores de sua situação alimentar e a classificam como dificuldade que atrapalha no desenvolvimento, diferindo dos adultos que não reconhecem a alimentação inadequada como prejudicial ao desenvolvimento.

¹⁵ L.S.M. (10 - sexo mas.) - Cruzeiro do Sul/PR - 2001



CAPÍTULO I

O COTIDIANO DO TRABALHADOR RURAL INFANTO- JUVENIL



Foto: Natanael José de Lima Filho. Roteiro/AL - 2001.

Constatamos no banco de dados da Secretaria do Programa Nacional de Bolsa-Escola (programa criado pela Medida provisória 2.140, de 13/02/2001 - através da lei 10.219, de 11/04/2001 como Programa Nacional de Renda Mínima vinculada à Educação - "Bolsa-Escola") que, no Município de Roteiro/AL, com uma população de 6.982 habitantes, 462 famílias poderão ser atendidas. No Município de Cruzeiro do Sul/PR, com uma população de 4.776 habitantes, 184 famílias poderão ser atendidas se cumprirem as seguintes exigências : ter filhos com idades entre seis e quinze anos matriculados no ensino fundamental com 85% de frequência, apresentar renda per capita de até noventa reais e comprovar residência no município.

Propagandas televisivas afirmam, em nome do Governo Federal, que mais de 700.000 crianças já foram retiradas do trabalho insalubre e penoso no Brasil. As imagens propagadas no ano de 2001 fazem referência à criança urbana. É na zona urbana que estão as escolas, as instituições de apoio, os conselhos. E a população que trabalha na zona rural, como é assistida?

Estamos questionando aqui as limitações sócioeconômicas e políticas que fazem da criança e do adolescente trabalhadores na zona rural, uma população descartável, mediante políticas que geram programas de gestão apenas administrativos, sem o caráter educativo como critério de atendimento às necessidades das famílias suburbanas



que vivem de trabalhos temporários na zona rural, apesar do comprometimento de autoridades locais no acompanhamento às famílias.

As crianças, que ainda habitam a zona rural, precisam deslocar-se até a zona urbana de seus municípios para terem acesso à escola. A população rural, que migrou do campo para a cidade e que continua a trabalhar na zona rural, tem suas crianças sem condições de freqüentar a escola uma vez que a jornada de trabalho é incompatível com os horários da escola.

Apesar de reconhecer que o trabalho infantil, na zona rural, é motivador da problemática da criança fora da escola, o trabalho do Ministério da Educação e do Desporto - MEC está diretamente ligado ao preparo da criança trabalhadora da zona urbana para o mercado de trabalho formal, que exige a formação escolar profissionalizante como condição básica de concorrência, o que transforma a educação rural em uma reivindicação dos movimentos sociais, na implementação das políticas públicas do projeto de reforma agrária.¹⁶

Podemos verificar nos veículos de informação do Ministério da Educação, como o "Boletim Acorda Brasil", sobre os planos governamentais na área da educação, que todos os seus parceiros¹⁷

¹⁶ Texto Base da Conferência Nacional: Por uma Educação Básica no campo, 1998.

¹⁷ Adag Serviços de Publicidades; Banco Bamerindus; Banco Itaú; Caixa Econômica Federal; Carta Editorial; Companhia Vale do Rio Doce; Coca-Cola do Brasil; Compaq Computer Brasil; Comunicart Marketing; CNI; Diário do Grande ABC; DM9; DNA Propaganda; Editora Abril; Elgin Máquinas; Fiemg; Fiesp; Fiergs; Fiat Automóveis; Fundação Abrinq; Fundação Athos Bulcão; Fundação Banco do Brasil; Fundação Biblioteca Nacional; Fundação Cesgranrio; Fundação Odebrecht; Fundação Santista;

estão investindo em projetos urbanos de formação escolar, ou seja, os projetos do Ministério da Educação estão vinculados aos projetos de formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho formal urbano, na produção de trabalhadores que venham, em parte, a encaminhar-se para as universidades. É a troca de escola no presente por mão-de-obra no futuro. É investimento certo, conforme argumentam os parceiros, ao falarem sobre a parceria governo/empresários nos projetos educativos, conforme podemos observar em alguns depoimentos divulgados no Boletim Acorda Brasil.¹⁸

Roberto Amaral, superintendente do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), criado em 1995, para avaliar ações sociais, analisar resultados para investidores, elaborar projetos na área e dar cursos, ao falar das parcerias, afirma: "Propagamos que o investimento privado no social dá certo."

Segundo Amaral, a Fundação Bradesco é o maior investidor social do Brasil, investe oitenta milhões de dólares por ano. A FIAT Automóveis investiu no ano de 1999, cinco milhões de dólares em escolas dos

Gife; Futurekids do Brasil; Giovanni Comunicações; Gráficos Charbel; Grupo Votorantim; Grafitec do Brasil; HB Grupo Editorial; Hiram Castelo Branco, Camargo e associados; IBM do Brasil; Indústrias Gesse Lever Internation Tele Education; Jornal da Tarde; Jornal dos Sports; Jornal O Estado de São Paulo; Jornal O Globo; KTV Comunicações; Parceria Comunicação; Plural Comunicação; Publinews Propaganda; Rádio Transamérica; Microsoft Informática; Sasse Cia. De Seguros; Sony Comércio e Indústria; Sony da Amazônia; Star da Amazônia; TBA Informática; Telebrás; Vasp; Yázigi.

¹⁸ Boletim Acorda Brasil, n.º 2 - ano 1 de 1997, p. 8 e 9.

estados da Bahia, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E admite:

Talvez, estimulados pelo governo, vemos que mais e mais companhias e organizações mobilizam-se, até para enfrentar os efeitos competitivos da globalização.

O então presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Carlos Eduardo Moreira Ferreira confirma a tese: "Sem investimento na área, comprometemos nossa economia."

O conhecimento que se tem sobre o investimento governamental para o combate do trabalho infantil na zona rural, é divulgado pela Fundacentro, através dos trabalhos do PROGER - Programa de Geração de Renda - e PRONAR - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. São programas financiados com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), do Ministério do Trabalho.¹⁹

Além dessa questão, estão em discussão os acordos com os Estados Unidos da América, como o firmado no ano de 1996 entre o Governo Brasileiro e Bill Clinton, para o desenvolvimento de uma estratégia de cooperação na educação. A parceria é para a "melhoria do ensino fundamental" a partir de cinco áreas específicas, conforme divulga o Boletim Acorda Brasil, no ano de 1997, o adido cultural no Brasil, Jefferson Brown:

¹⁹ Fundacentro - 0800-610101.



[...] educação à distância e computadores em sala-de-aula; padrões educacionais e avaliação; desenvolvimento profissional para professores e administradores escolares; parcerias empresa-comunidade-família e intercâmbio educacional. (p. 10).

Se observamos o que diz o diretor da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (SP), Alain Florent Stempfer²⁰, veremos que algumas características do trabalhador que prevalecerá no mercado formal de trabalho já estão bem definidas, como domínio de línguas (Inglês e Espanhol), agilidade no uso de computadores, capacidade de adaptação a novos ambientes e novas situações, mobilidade entre países e culturas, disposição para o aprendizado contínuo, capacidade de comunicação oral e escrita, capacidade de ouvir, preparar relatórios e fazer apresentações, trabalhar em equipes, assumir papéis de liderança e de tomar decisões, participar de esforços cooperativos. Enfim, a criatividade e a iniciativa deverão exprimir a eficácia de um generalista, um eterno aprendiz em função do mercado. Enseja-se o desenvolvimento intelectual aprimorado, apropriado à flexibilidade do mercado.

Na Região Noroeste do Estado do Paraná, divisa com Mato Grosso do Sul e Paraguai, no ano de 1999, os conflitos de terra ocorridos demonstraram que considerável número de trabalhadores rurais sem terra

²⁰ Revista Exame, 1997, p.36 e 37.



que participam das ocupações de fazendas são "brasiguaios" que retornaram ao Brasil, sem destino, após serem expulsos do país vizinho.

As crianças que vivem essa realidade são, geralmente, apáticas, apresentam dificuldade para sorrir, são amedrontadas e ariscas. Essas características, são conferidas após poucas horas de convivência. Tivemos a oportunidade de estar no Município de Querência do Norte/PR, no mês de junho de 1999, e lá constatar estes fatos ao acompanhar as ações militares de desocupação das áreas de acampamento organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

O Estado do Paraná tem sido palco de cenas históricas de violência que nos apresentam dia-a-dia, desde a década de 1980, episódios da realidade rural brasileira que invalidam as propostas de desenvolvimento no setor agrícola para a cultura de subsistência.²¹ O campo de guerra que se estabelece na zona rural brasileira, tem, como exemplo, os conflitos violentos registrados na Região Noroeste do Estado do Paraná. É mais um agravante na condição de vida que leva a criança e o adolescente para o trabalho penoso.²²

As ações são tão conflitantes a ponto de exigir a presença de representantes da **Federação Internacional dos Direitos Humanos - FIDH**, em diligência especial para visitar acampamentos do Movimento dos

²¹ Vale registrar que a violência está presente em toda a história do Estado do Paraná, desde o contestado (1904 a 1916), passando pelas ocupações e despejos, iniciados no século XIX e atingindo o século XXI.

²² Brandão, 2000.



Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST de Querência do Norte e região, onde são encontradas vítimas da repressão policial e de autoridades do Estado, inclusive crianças sitiadas sem alimentação e remédios. É, em cenários como este, que se comprova a existência de fatores de estrangulamento das políticas públicas para o desenvolvimento agrário. São famílias, que, após serem despejadas, passam a constituir a população volante de desassistidos dos municípios que sobrevivem da monocultura.

O analfabetismo instalado na zona rural brasileira e paraguaia tem-se tornado a grande causa da exploração da mão-de-obra precoce e penosa principalmente no cultivo e colheita da cana-de-açúcar na Região Sul e na Região Nordeste. No município de Roteiro/AL, por exemplo, a situação era de tal gravidade na década de 1990, que o município passou a receber atenção do Governo Federal através do Programa Alfabetização Solidária. Na região Noroeste do Estado do Paraná atuam organizações não-governamentais, há pelo menos, uma década, em programas de alfabetização de adultos na zona rural, e nos últimos dois anos, as universidades, através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, desenvolvem cursos de formação para alfabetizadores do campo em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

As crianças e adolescentes brasileiros e brasiguaios, como os que vivem na zona rural da Região Noroeste do Estado do Paraná, estão

perdendo suas identidades. As brasileiras, por representarem fonte de força de trabalho a baixo custo. Não representam custo educacional, previdenciário, enfim, são sinônimo de lucro líquido e certo, mudo e sem organização sindical, não são crianças e adolescentes cidadãos. Grande parte não existe para o Estado, não possuem registro de nascimento, não pertencem a uma comunidade escolar, não são cadastradas pelo sistema de saúde.

As brasiguaias, iguais em quase tudo, a não ser pelo fato de carregarem a pecha de brasiguaias e representarem um percentual a mais de trabalhadores, em potencial, para ser explorado e com um complicador na comunicação, muitas misturam, confundindo os idiomas dos dois países.

Neste cenário, que é amostra nacional, observamos o UNICEF trabalhando para que seja possível a construção de um índice de desenvolvimento infantil, chegando à conclusão de que é necessário pensar indicadores próprios para a realidade brasileira, uma vez que os indicadores utilizados na maior parte do mundo não servem para demonstração da situação da infância no Brasil. Muitos municípios sequer possuem dados estatísticos atualizados sobre saneamento e esgoto, por não contarem com estes serviços. Para pensar o IDI (Índice de Desenvolvimento Infantil no Brasil), o UNICEF²³ trabalhou sobre o pressuposto de que, o que determina os cuidados com a infância, são

²³ Cf. UNICEF: ().



questões de ordem científica que dizem respeito à formação cerebral de redes cognitivas e à formação de estruturas cerebrais duradouras, entendidas como assentamento de conexões neurológicas desencadeadoras de habilidades lógicas e emocionais, somadas à capacidade de memória, raciocínio, para o desenvolvimento lingüístico, social e afetivo.

Diante desta perspectiva, os fatores existenciais definidos como prioritários no rol da investigação, foram: a vida familiar, a vida escolar, a estrutura de família, o tamanho do domicílio, as condições sanitárias básicas de moradia, a renda familiar e o nível educacional dos pais. Entendemos que esses indicadores não atingem os trabalhadores precoces que não têm vida escolar e, na maior parte do dia, não são encontrados em suas moradias para responderem aos levantamentos de dados necessários para a elaboração dos índices. Estes indicadores são utilizados pelo IBGE/BIRD - 2000. Dentro destas linhas gerais de investigação o UNICEF/Brasil, desenvolveu uma linha de análise do IDI, que denomina variáveis do IDI²⁴, ligando às causas e não às

²⁴ As fontes de pesquisa para fundamentação do IDI usadas pelo Unicef são: PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; Doutrina de Proteção Integral da Convenção dos Direitos da criança de 20/11/89; Estatuto da Criança e do adolescente, lei 8.069/90;

Avaliação de Programas Infantis na América Latina que relacionam desenvolvimento e pobreza, nas últimas décadas e, determinam os "Cuidados na primeira infância para a sobrevivência, o crescimento e o desenvolvimento". Pesquisas Sociológicas e Demográficas do IBGE e BIRD - 2000; Programa Universal de Imunização - Fundação Nacional de Saúde - 1998/1999; Ministério da Saúde; INEP/MEC - 1999; SEEC/INEP/MEC - 1999; IBGE/1997; IDH - Índice de Desenvolvimento Humano; BARROS, R.P. , MENDONÇA, R. Infância e Sociedade no Brasil: as conseqüências da pobreza diferenciadas por gênero, faixa etária e região de residência. Rio de Janeiro: IPEA, 1990. (Textos para discussão n.º 202); IPEA - 1999; Early Child Services. Rio de

conseqüências dos problemas vividos pela população. Essa linha de análise observa os seguintes pontos:

- Percentual de crianças menores de seis anos morando com mães com escolaridade precária;
- Percentual de crianças menores de seis anos morando com pais com escolaridade precária;
- Cobertura vacinal contra sarampo e DTP em crianças menores de um ano de idade;
- Percentual de mães com cobertura pré-natal adequada;
- Taxa de escolarização bruta na pré-escola, (taxa de matrícula);
- Taxa de escolarização bruta na creche, (taxa de matrícula);
- A falta de acesso ao saneamento básico nos municípios, água limpa, coleta de lixo.

Constatamos que o UNICEF tem fundamentado a definição de indicadores de desenvolvimento infantil, em resultados de pesquisas realizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), através de programas desenvolvidos em diferentes países, com seus resultados apresentados nos Encontros Mundiais de Cúpula pela Infância. Verificamos, na página três do relatório do encontro realizado em março de 1995, em Copenhague (Dinamarca), o que UNICEF divulga ser o

Janeiro.; IBGE - 2000. Pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997. Rio de Janeiro.; BENFAM - 1996. Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde. Rio de Janeiro.

compromisso internacional pelo desenvolvimento social, a obtenção de melhores resultados na proteção do crescimento físico e mental da criança, considerando (p. 9)²⁵ infância como período no qual mentes e corpos estão sendo formados e que qualquer privação, mesmo que temporária, pode infligir prejuízos e distorções no desenvolvimento humano. Vale lembrar que o documento é pautado em crianças menores de seis anos de idade, o que restringe os indicadores e foge da realidade do trabalhador precoce.

Justificam a afirmação dos prejuízos ao desenvolvimento da criança, a partir de casos que afetaram muitos países, como o da Deficiência por Iodo, uma espécie de distúrbio alimentar que, no ano de 1990, atingiu 18 milhões de mulheres no mundo, provocando cegueira, paralisia e retardos mentais em seus filhos. De acordo com dados da OMS/1993, registraram 60 mil casos de morte dos fetos ou dos recém-nascidos e 120 mil casos de deficiências, principalmente após 4 anos de idade. A Deficiência de Iodo causa aumento da Glândula Tireóide, associados a alguns níveis de retardo mental.

Esse tipo de deficiência alimentar durante a gravidez, prejudica o desenvolvimento do sistema nervoso central da criança. As conseqüências são relatadas na página 15 do mesmo documento, após acompanhamento de muitos casos:

Hoje, porém, à medida que esse um milhão de crianças

²⁵ Relatório Situação Mundial da Infância, 1995. Publicação do Unicef/Brasil.



apresentam deficiências de coordenação visual e motora; outras ficaram parcialmente surdas, ou desenvolveram estrabismo acentuado, ou dificuldade na fala, ou outros distúrbios neuro-musculares.

O relatório declara que, somente no dia 30/09/1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas Para a Infância (UNICEF) apresentaram aos líderes mundiais o desafio da iodização do sal como solução.

Outra fonte de fundamentação para o UNICEF, são os dados sobre a desnutrição, por alimentação inadequada, que resultaram da avaliação realizada em 87 países, no ano de 1994. Esta deficiência alimentar é conhecida como DPE (Desnutrição por Proteína e Energia). Os estudos dessa desnutrição foram realizados com o apoio do UNICEF/OMS. Uma outra fonte são as pesquisas realizadas em 67 países pelo Unicef/OMS, que concluíram sobre a deficiência de vitamina A e Ferro. A falta de vitamina A vitimou nestes países, no espaço de um ano, segundo registros da OMS, 500 mil crianças, sendo que a metade, morreram.

A anemia, por deficiência de Ferro coloca em risco gestantes e suas crianças, podendo levar à morte os dois, ou prejudicar o desenvolvimento da criança.

Na definição do Índice de Desenvolvimento Infantil, para o Brasil, as pesquisas apresentadas nos encontros mundiais são referencias para o trabalho de pré-natal e cobertura vacinal em nível nacional. Apesar de

esta cobertura não atingir toda a população, como no caso das famílias que vivem em acampamentos rurais. Entendemos que a grande causa a ser atacada, de acordo com nossas investigações, é a condição de trabalho a que se submete a população empobrecida das nações pesquisadas pela Organização Mundial da Saúde e atendida pelo Fundo das Nações Unidas para Infância.

As prioridades, que há pouco comentamos, foram consideradas pelo UNICEF as principais ameaças ao desenvolvimento infantil e às oportunidades para sua realização. Estas prioridades foram pensadas a partir dos 5.507 municípios brasileiros existentes até 1997. Apesar dos propósitos do trabalho do levantamento, observamos que as famílias dos trabalhadores precoces que habitam as zonas suburbanas²⁶ dos municípios, dificilmente são visitadas pelos pesquisadores devido à jornada diária de trabalho das pessoas que trabalham na zona rural.

O trabalhador infante-juvenil rural

O trabalhador infante-juvenil, em seu cotidiano de atividades rurais, configura a forma de sobrevivência desumana a que é relegado pelas políticas desenvolvidas no Brasil. Basta lembrarmos o período do governo militar, para entender que, com o modelo econômico implantado

²⁶ Entendemos como zona suburbana os bairros mais afastados da zona urbana. Geralmente, não contam com saneamento básico, água tratada e transporte coletivo.

no período, o capital internacional passou a dominar todos os setores da economia brasileira.

Com a complacência dos governos que iniciaram o regime de colonização industrial, com atos institucionais, e dos que o sucederam, estabeleceram-se, em território nacional, as multinacionais para explorar a mão-de-obra flutuante que perdera poder aquisitivo com a política de rebaixamento dos salários e seus empregos com, o fechamento de inúmeras empresas brasileiras.

As reformas do Governo Militar também atingiram o homem do campo. Todos os projetos de reforma agrária foram anulados, os movimentos sociais reprimidos e a concentração de terras acelerada. O cultivo da monocultura, para exportação, expandiu-se, tomando os campos onde se produzia cultura de subsistência. As famílias de pequenos produtores e agregados dos grandes proprietários foram obrigadas a migrar para as cidades, em grande parte, para os grandes centros industriais. Os grandes grupos econômicos encontraram, nesse contexto, as condições necessárias ao desenvolvimento de seus projetos.

Hoje não vivemos mais o regime militar, no entanto, os grupos econômicos norte-americanos continuam a dominar a política econômica brasileira, ditando regras e fixando prazos para a conferência das taxas de retorno de seus investimentos no Brasil. A população brasileira continua trabalhando para satisfazer as exigências das multinacionais,

continua a produzir laranja para o suco por eles industrializados, a cana para o açúcar e álcool, o sisal para as fábricas de estofados de carro, o carvão, para as siderúrgicas fornecedoras de matéria prima para as indústrias e montadoras, o café para exportação, entre tantos outros produtos.

Nas cadeias de produção, que envolvem estes diferentes ramos de produção, existe algo em comum: o trabalho infanto-juvenil. O governo brasileiro, apesar de ratificar as convenções internacionais para o combate à exploração, investindo em campanha pública pela erradicação do trabalho infantil, continua subordinado ao ideal de desenvolvimento norte-americano. Constantemente realiza acordos de cooperação com o Banco Mundial objetivando obter empréstimos destinados a fundos de sustentação de bancos privados e de setores que produzem, em larga escala, como os que formam as cadeias de produção, envolvendo o trabalho infanto-juvenil. Conforme investigação de Mateos (1995) o "Governo subsidia o trabalho escravo: o Proálcool da Petrobrás financia usinas que exploram crianças."

Esse é apenas um fato constatado sobre a formação das cadeias de produção que usam o trabalho precoce e penoso no Brasil com investimentos do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. Portanto, falar do cotidiano do trabalhador precoce, pressupõe apresentar os espaços de vida que envolvem os precoces trabalhadores e suas práticas, entre elas as que caracterizam sua infância

e sua adolescência, no mundo do trabalho penoso, constituindo a população descartada pelos planos de globalização da economia excludente e pelo Mercado Comum do Cone Sul.

As demandas de atendimento à criança e ao adolescente são conhecidas em dados estatísticos de levantamentos realizados pelo UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), ONU (Organização da Nações Unidas), Cúpula Mundial da Infância, entre outros organismos vigilantes dos problemas sociais mundiais e divulgadas em relatórios sobre a "Situação da Infância no Mundo", publicação do UNICEF, no ano de 1995. No documento "A situação da Infância no Brasil"²⁷, publicado pelo UNICEF, no ano de 2000, dados estatísticos demonstram os limites do atendimento público à criança e ao adolescente que trabalham na zona rural.

O documento aponta, com base nos dados de 1996, que, no Brasil, 270 mil bebês nascem todos ao anos abaixo do peso (2,5) quilos. Na região Nordeste, no ano de 1996, o índice era de 21,7% de nascimentos abaixo do peso. O mesmo documento também indica que a ocorrência tende a diminuir devido ao Programa Saúde da Família do Governo Federal, que, no ano de 2000, atingiu 3.059 municípios. Porém, o grande desafio estende-se depois do nascimento com a incidência de sarampo, doença erradicada a partir de 2000, segundo planejamento governamental, realizado no mesmo ano.



O UNICEF utiliza registros do Ministério da Saúde no relatório sobre "A Situação da Infância no Brasil" para o levantamento de registro civil dos nascimentos. Os dados possibilitaram a constatação de que um milhão de crianças não foram registradas no primeiro ano de vida, no ano de 1996. O relatório registra que, no Maranhão, de cada cem crianças nascidas, oitenta e quatro não são registradas até doze anos de idade.

Constatados os dados, o Governo Federal lançou campanha para informar a população sobre a Lei 9.534, que dispõe sobre a gratuidade do Registro Civil. As ações de combate aos problemas que envolvem a criança e o adolescente são identificadas, em sua maioria, como iniciativas isoladas, não fazendo parte de uma política nacional em rede. Quando atingem uma dimensão nacional, em geral, são projetos pontuais, limitados e voltados para a idade escolar, como é o caso do Bolsa-Escola Federal.

O documento do UNICEF, ao qual nos referimos (A Situação da Infância no Brasil - 2000) também traduz, a partir da investigação estatística, o significado de pobreza como sendo renda insuficiente, saúde frágil, baixa escolaridade, discriminação, marginalização, fatores que levam a um menor poder de decisão na vida adulta, insegurança e maior exclusão.

Estes fatores fazem parte dos indicadores de desenvolvimento humano utilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e

²⁷ Disponível em:



Estatística) que vêm demonstrando índices de cada Estado, conforme se registra no relatório. O Rio Grande do Sul é apresentado como o mais alto do país, 0,87 e Alagoas como o mais baixo do país, 0,5.

Fatores como a mortalidade de mulheres e crianças, são considerados importantes para o cálculo deste índice, uma vez que os dados do SUS (Sistema Único de Saúde) apontam número de mortalidade de mães adolescentes, entre dez e dezenove anos e suas crianças durante o parto. São mais de 730 mil mães atendidas pelo SUS no Brasil por ano. A causa é apontada como sendo a falta de acompanhamento pré-natal. No Nordeste, vinte e seis em cada cem gestantes não realizam pré-natal; na zona rural, 32% não realizam. Somente dez Estados atingem um índice de 50% de gestantes que realizam, ao menos seis consultas, entre eles o Estado do Paraná.²⁸

Dados do Ministério da Saúde, no ano de 1998, apontam o índice de 11,9% de óbitos infantis, que ainda ocorrem no Brasil, com causa mal definida. Em 1998, 2.051 vítimas morreram com complicações na gravidez, parto e pós-parto. Esses números são apenas de óbitos registrados. 7,5% destas vitimas, eram da região Nordeste e 6,4% da região Sul. Para cada cem mil crianças nascidas vivas no nordeste, cento e sessenta e duas mães morreram. Na região Sul, cento e seis para cada cem mil nascidas vivas, um índice alto, se considerarmos as condições de

²⁸ Cf. DATASUS, 1997.



vida entre as duas regiões e o índice de desenvolvimento humano entre Sul e Nordeste.

Existem no Brasil 4.500 maternidades, as quais compõem o banco de dados do Ministério da Saúde, possibilitando uma visão mais ampla da população assistida, para que ações governamentais possam ser implementadas, com estimativas da parcela populacional ainda desassistida. No ano de 1999, os registros dessas maternidades revelaram que, no Nordeste, as mães amamentam em média 38,2 dias, enquanto no Sul, a média é de 53,1 dias e que somente no referido ano, foram notificadas com o vírus da AIDS, 5.349 crianças brasileiras.²⁹

De acordo com informações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais/1999)³⁰, das 21 milhões de crianças entre zero e seis anos, registradas no Brasil, apenas 6,3 milhões são atendidas com Educação Infantil. No Estado de Alagoas, 60,4% reprovaram na primeira série escolar.

Considerando que a educação infantil é obrigação dos municípios e constatando a falta deste atendimento, podemos refletir sobre a pobreza de nossos pequenos municípios, principalmente aqueles que vivem de impostos da agricultura, levando-se em conta que o predomínio do cultivo da monocultura é um dos motivos do empobrecimento, uma vez que este

²⁹ Cf., PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem a domicílio - Ministério da Saúde, 1999

³⁰ IDI - Dados fornecidos pela Secretaria de Estatísticas Educacionais do INEP/MEC/1999 - Disponível em: <http://www.Unicef.org.br>.



tipo de produção vive de incentivos fiscais e raramente reverte fundos para os municípios. Este quadro agrava-se quando o relatório do UNICEF aponta a existência de situações especiais entre a população de crianças e adolescentes que ainda são desafios para a nação. As situações especiais são traduzidas como problemáticas pois envolvem trabalho infanto-juvenil, maus tratos, abuso, violência, privação do direito ao convívio familiar.

Lembramos que a situação da infância no Brasil é uma realidade que fere a Declaração dos Direitos da Criança na Convenção da ONU (Organização das Nações Unidas) realizada no dia 20 de novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil por meio do Decreto 99.710/90.

Entendemos como relevante a retomada dos pontos principais deste documento, para compreendermos as políticas públicas e a falta delas para a garantia de direitos da população infanto-juvenil. Os princípios que nortearam a Declaração são entendidos, como: proteção especial, direito a um nome e nacionalidade, direito à seguridade social, à alimentação, habitação, recreação, serviços médicos, desenvolvimento harmonioso, direito à educação obrigatória e gratuita, direito à primazia em proteção e socorro. Diante destes princípios gerais, são discriminados estes direitos universais:

- Inerente à vida;
- À preservar sua identidade;
- À liberdade de expressão;

- À liberdade de pensamento, consciência e de crença;
- À liberdade de associação;
- À proteção pela lei;
- À proteção contra todas as formas de violência física ou mental;
- À proteção e assistência especial do Estado;
- À proteção e assistência humanitária;
- A cuidados especiais às portadoras de deficiências físicas e mentais;
- À saúde;
- À educação;
- À capacitação;
- À reabilitação;
- Ao lazer;
- À preparação para o emprego;
- A gozar melhor padrão de vida;
- A fornecimento de alimentos nutritivos;
- À água potável;
- À assistência médica preventiva;
- A internamento, exame periódico;
- À Previdência Social e Seguro Social;

- A um nível de vida adequado ao desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social;
- Ao ensino primário obrigatório e gratuito;
- Direito da criança indígena, a praticar sua religião e idioma;
- Ao descanso, lazer e divertimento;
- À proteção contra exploração econômica e contra a realização de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, nocivo à sua saúde ou para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social;
- À proteção contra o uso ilícito de drogas e substâncias psicotrópicas previstas nos tratados internacionais;
- À proteção contra tortura, tratamentos ou penas cruéis, desumanas e degradantes;
- Ao contato com a família;
- À assistência jurídica.

Com a ratificação da Declaração pelo governo brasileiro, no ano de 1990, Decreto 99.710, as políticas públicas nacionais incluem o desenvolvimento do projeto Bolsa-Escola Federal, a campanha para retirada de crianças do lixo.

Apesar de ser reconhecida internacionalmente como uma prática determinante no combate ao trabalho infantil, o projeto "Bolsa-Escola", implantado pelo Governo Federal, limita-se a deixar de atender os

trabalhadores antes que terminem os ciclos de estudos regulares do ensino fundamental.

Essa contradição política, na execução do projeto, favorece o retorno dos adolescentes ao trabalho e à situação de exploração contínua. Sem estima, sem perspectiva de volta aos estudos, permanecem nas lavouras, pedreiras, fornos de carvão, olarias..., servindo de estoque de mão-de-obra descartável para o mercado de exportação. Este limite reforça o número de analfabetos no Brasil.

Segundo números do IBGE³¹ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 1999, o Estado do Paraná contava com 1,4% da população urbana analfabeta e Alagoas com 14,9%. Na contagem da população infanto-juvenil, no Estado do Paraná, 15% trabalhavam e estudavam e 2,6%, trabalhavam mas não estudavam. No Estado de Alagoas, 10,8% trabalhavam e estudavam e 2,6% trabalhavam e não estudavam.³²

A fala dos trabalhadores precoces, em diferentes épocas, sobre a vida do trabalhador braçal é composta de fatos que explicam as alterações ocorridas na vida dessa população. Entre a década de 1920 e a década de 1980, adultos que trabalharam na infância e na adolescência nos Estados de São Paulo, Paraná, Alagoas, Ceará e Minas Gerais, iniciando suas atividades entre 6 e 15 anos, lembram as difíceis fases de

³¹ Disponível em: <http://auto.search.msn.com/preview.asp>.

³² Cf., Tabelas do IBGE, 99-2000

suas vidas, a partir da necessidade que sentiam de brincar, diante da impossibilidade de dedicar tempo a essa atividade. As falas constituem narrativas carregadas de sentimento de perda, são, suas imagens e olhares tristes, por vezes chorosos.

Os depoimentos dos trabalhadores são carregados de emoções. Não poderíamos deixar de observar o esforço emocional realizado na produção das frases, que expressam, para contar suas histórias de vida.

Emoções

A descrição das emoções, que brotavam mediante o desejo de brincar, contido pelo trabalho, são lembradas com tristeza. Podemos observar, a exemplo de outros, as falas de A. C. N. (65- sexo masc.), de Maringá/PR que "Sentia vontade de brincar. Se parasse para brincar, apanhava!" e de T.P.N. (69 - sexo fem.), de Maringá/PR, disse que: "Sentia vontade de brincar. Até hoje tenho vontade de brincar. Só ganhei uma boneca aos 8 anos, ela era de papelão!; L. A. A.(20 - sexo fem.), Roteiro/AL, disse: "Eu sentia inveja porque eles tinham oportunidade de brincar e eu não tinha!".

Ratner, ao estudar a Psicologia Sócio-histórica de Vygotsky, fala do conteúdo social das emoções a partir de várias interpretações científicas, mostrando que as emoções podem estar relacionadas com a consciência. Diante das diferentes interpretações do que poderia levar uma criança a

sentir tristeza, perguntamos-nos: o que ocorre com as emoções dos trabalhadores precoces?

Lembra Ratner³³ que:

Algumas emoções, como a alegria, a tristeza, o medo e o ciúme possuem correspondentes nos animais e nos bebês humanos. Porém, enquanto as "reações emocionais" nesses organismos originam-se de processos naturais, as emoções do humano adulto perdem sua base natural e espontânea e passam a ser mediadas pela consciência social.

Pensando na compreensão da emoção relacionada à consciência social na vida adulta, o que observamos nas informações dos adultos que relataram suas infâncias e nos relatos das crianças e adolescentes que hoje trabalham, é a perda da naturalidade e da espontaneidade, que, de acordo, com estudos psicológicos, ocorreria na vida adulta, porém precocemente. Vejamos alguns exemplos de trabalhadores precoces que sustentam suas falas na família e no trabalho como referências em suas vidas:

J. A S. S. (13 - sexo: masc.), Roteiro/AL:

Trabalho é bom porque eu trabalho e quando é sábado tenho dinheiro. Corto cana e no inverno limpo mato. A família é boa coisa, é importante porque tem que ser

³³ Ratner, 1995, p.67

importante mesmo! Meu pai trabalha na roçadinha [Usina] e eu na Usina S., clandestino. Vou às quatro horas da manhã e volto às dezenove da noite.

L. S. (14 - Sexo: masc.), Roteiro/AL

Trabalho é cortando cana o dia todo. Depende, eu corto cana, limpo mato, o que tiver! Vou às quatro hora da manhã e volto às dezoito horas. Quando estou trabalhando, como arroz, charque, feijão, peixe! Eu levo água para beber, trabalho sozinho. Sinto cansaço, tontura e dores nas costas. Dependendo, às vezes, eu ganho mais de cinquenta reais ou menos. Trabalho longe!! Pego o ônibus de madrugada.

A.S. (14 - sexo: masc.), Rorteiro/AL:

Trabalho é uma coisa muito ruim! Família é as pessoas que mora comigo em casa. Trabalho porque tem que ganhar dinheiro para fazer compras. Corto cana na Usina S.; levanto às três horas e volto às dezoito horas, no sábado vou receber e no domingo eu vou comprá alimento.

O trabalho penoso é o fator ao qual atribuímos a mediação social, que conceitua a definição dos motivos das emoções adultas sendo manifestadas em crianças, diante da consciência de sua condição de trabalhador braçal.

A biomecânica no desenvolvimento

Tomando o referencial biomecânico, como ponto de partida para o equacionamento do sofrimento da criança e do adolescente que sufoca seu desejo de brincar, entendemos que as conseqüências negativas do trabalho marcam a vida da criança e do adolescente, pois há, no trabalho precoce, o despertar para os desafios da vida de trabalhador adulto, como elemento da formação da consciência de limites ao direito de ir e vir. O brincar, diante do trabalho, tem significado de liberdade e como pondera Ratner³⁴, "[...] a vida social é mais importante para a estimulação da inteligência do que as demandas do ambiente físico".

O condicionamento exigido pelo trabalho desenvolvido em um ambiente físico que desfavorece a presença humana, como, por exemplo: os canaviais, devido às regras de produção, provoca o esforço físico como forma de contenção do desejo, de anulação dos pensamentos voltados às atividades livres, como é o de brincar. Esse limite da ação voluntária pode levar o trabalhador precoce ao exercício muscular desnecessário, extremado, reunindo força física para suportar as tarefas pesadas.

Sobre a concentração de força, explica Costa³⁵, que,

Apesar da importância dos momentos articulares resultantes na compreensão do movimento, muito pouco

³⁴ Ibidem, 1995, p.21.

³⁵ Costa, 2000, p. 7.

tem sido feito da avaliação desse parâmetro como indicador do padrão-motor gerado centralmente e da capacidade de controle de sobrecargas, sendo, assim, responsável por mudanças na estrutura do movimento em função da idade.

Os adultos, que trabalharam quando crianças, sentiam inveja das crianças que não trabalhavam. A inveja é manifestada como sentimento de perda da estima pela brincadeira. É comum ouvirmos dos trabalhadores precoces o uso deste argumento: é melhor trabalhar do que brincar. Dizem que, ao trabalhar, esquecem a brincadeira e passam a pensar na melhor forma de trabalhar para dar conta da tarefa diária garantindo dinheiro para o alimento da família. Podemos observar no depoimento de R.S (14 - sexo fem.) de Roteiro-AL, que esse argumento aparece:

Não brinco, brincava com minhas amigas de boneca, às sete horas no trabalho, não tenho brinquedo. Trabalho é divertimento para mim. Eu vou trabalhar amanhã, adubo cana, na ponte de pedra, na fazenda G., em todo lugar. Seis horas eu começo e largo às cinco horas da tarde. No sábado eu vou fazer compra e no domingo vou lavar roupa no rio. Quando estou trabalhando, como arroz, feijão, tomo água, fumo e também levo água. Meu pai morreu e então estou trabalhando só, recebo um real e cinqüenta centavos por dia. Machuquei o abdome quando

sustentava um saco de adubo ao meu lado. Eu vou pro trabalho de caminhão.

Entendemos que o brincar e o não-brincar são causas da emoção de inveja, pela negação de um desejo psicológico de movimentar seu físico e sua mente em atividades que dão liberdade, lazer e conhecimento pela possibilidade de socializar curiosidades e descobertas.

Observamos que outras emoções, como a raiva do filho pelo pai que o obriga a trabalhar pode ser emoção sem correspondente natural, ou seja, a raiva pode ser fruto da crença da criança de que o pai lhe fez mal ao obrigá-la a trabalhar. A crença pressupõe que o pai foi mal-intencionado, quando a cultura dos trabalhadores rurais de produzir a subsistência familiar, contando com a mão-de-obra de todos os membros da família, inclusive das crianças, reproduz a prática da exploração do trabalho precoce como destino. Indicador dessa reprodução é o conseqüente analfabetismo cultivado no Brasil. A exemplo desta afirmação constatamos que 50% das pessoas adultas que relataram suas infâncias durante nosso estudo são analfabetas e somente uma das trinta e seis concluiu as quatro primeiras séries do primeiro grau.

Outro fator de mediação social das emoções, além do trabalho, a partir da década de 1970, é a existência do novo modo de produzir a subsistência familiar, trabalhando na zona rural e, muitas vezes, não morando no local do trabalho.

Constatamos que as pessoas entrevistadas nascidas até 1970, trabalhavam junto a suas famílias, em pequenas propriedades familiares ou em grandes propriedades no regime de colonato mas, apenas, o trabalho do pai é reconhecido como atividade produtiva. A família era uma unidade produtiva. A partir da década de 1970, com o aparecimento da monocultura da cana no Estado de Alagoas e a revitalização da cultura do café nos Estados de São Paulo e Paraná, a família desarticula-se como unidade de produção. A unidade de produção passa a ser o "indivíduo".

Junto à revitalização da monocultura, o capital agro-exportador absorve a população migratória e, até estimula, esse movimento ao fornecer transporte para o deslocamento dos trabalhadores entre Estados para trabalhar nas safras. Ou seja, o capital implanta o trabalhador rural volante como recurso importante no sistema de produção no setor primário. No Estado de Minas Gerais - Triângulo Mineiro, encontramos ainda hoje, trabalhadores de outros Estados, colhendo café e morando em alojamentos coletivos construídos no meio das lavouras para abrigá-los.

No setor sucroalcooleiro, na década de 1990 é operada a instrumentalização teórica para os trabalhadores tornarem-se mais produtivos. Podemos verificar essa sistemática na cartilha de corte da cana entregue aos trabalhadores no Município de Astorga/Paraná, nos períodos de safra. São elaboradas em forma de gibi, pedagogicamente



organizadas para aplicação de seus conteúdos pelos responsáveis imediatos dos grupos de trabalhadores.

As orientações recebidas pelos cortadores de cana apresentadas na cartilha produzida pelo SENAR-PR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e STAB (Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil), mostram como, na prática, se organiza a apropriação do trabalho alheio diante da teoria da "Economia no Emprego do Capital Constante", que, para Marx³⁶, na Crítica da Economia Política é traduzida da seguinte forma:

Que nada se estrague ou seja desperdiçado, que os meios de produção somente sejam gastos do modo exigido pela própria produção, depende em parte do adestramento e da formação do trabalhador, em parte da disciplina que o capitalista exerce sobre os trabalhadores combinados e que se torna supérflua numa situação social em que os trabalhadores trabalham por sua própria conta, assim como agora ela já se torna com salário por peça.

Esta forma de compreensão é explicitada nos termos a seguir: "[...] todos devem trazer de casa podões, de preferência já afiados e limas com proteção de segurança".³⁷

³⁶ Marx, 1988, p.63.

³⁷ Faganello, 1995, p.10.



Como podemos observar, os trabalhadores são orientados a comprar a ferramenta de trabalho. O investimento, para que haja garantia de aproveitamento da produção no corte da cana, é feito pelo trabalhador e não pelo empregador. Também recebem instrução metódica de como manusear o instrumento de trabalho no aproveitamento total da cana.

[...] com uma das mãos, vocês seguram no meio da cana e com a outra segurando o podão, vocês cortam o pé da cana, mas vejam bem, rente ao chão, não deixando toco algum aparecendo.³⁸

A orientação desta mensagem coloca o trabalhador na posição de deslocamento do equilíbrio de seu corpo para realização da tarefa. A intenção da mensagem é orientar o aproveitamento total da cana no corte manual. No entanto, não apresenta orientação que vise ao bem-estar físico do trabalhador.

A máquina de cortar cana não trabalha cortando rente ao chão. Somente os trabalhadores braçais são capazes de aumentar a produção, sem despesas, adequando-se ao meio. Se observamos que o trabalhador deve comprar suas ferramentas e equipamentos de segurança, recebendo quantias insignificantes para uma vida digna, o corte manual da cana é o mais rentável possível para o empregador.

Levando em ~~consideração~~ ^{consideração} que o uso da máquina sugere investimento, ~~manutenção~~ ^{manutenção} e reposição, veremos que o trabalhador produz

³⁸ Ibidem, p, 13.

mais, sem investimento e sem gastos com manutenção, uma vez que ele compra seus alimentos e suas ferramentas, muitas vezes, comprando do próprio empregador. Quando consideramos a atuação de trabalhadores infanto-juvenis, a produção é mais rentável. Como lembra Silva:³⁹

Dentro da chamada mão-de-obra invisível, as crianças e adolescentes não aparecem nas estatísticas oficiais e não têm direitos trabalhistas e benefícios previdenciários garantidos. [...] Somente na Zona da Mata pernambucana são mais de 70 mil crianças e adolescentes, representando 30% da força de trabalho no setor canavieiro.

Além de maior produtividade, o trabalhador é capaz de organizar seu trabalho dando qualidade à produção, isso sem investimento por parte do empregador, o que o torna economicamente diferente da máquina. Vejamos o que diz a cartilha sobre o assunto:

[...] algumas empresas adotam o costume de cortar a cana "esteirada" sem fazer montes, só que neste caso, elas devem usar máquinas com um equipamento especial que "sacodem" as canas deixando cair as "sujeiras" como terras, pedras e palhas, caso contrário, muita impureza irá para a indústria prejudicando a qualidade da matéria-prima.

³⁹ Silva, 1996, p. 3.



A cartilha afirma também o que nossa pesquisa de campo revela sobre as regras de produtividade e os valores praticados sobre a mão-de-obra dos trabalhadores da cana, independente da idade.

[...] um bom cortador deve sempre cortar a cana inteira, para que os montes fiquem bem feitos e não escapem pedaços de cana picada no carregamento. É importante pessoal, para que vocês sejam campeões de corte de cana e recebam um bom salário, obedecer "os dez mandamentos do bom cortador".⁴⁰

O texto apresentado na cartilha demonstra que salário e produtividade são compatíveis. Só tem bom salário quem produz muito. De acordo com os trabalhadores na cana, o trabalhador produtivo é aquele que corta em média, 8 toneladas de cana por dia, sempre buscando superar sua média de produtividade diária.

O que consta na prática teorizada em forma de cartilha é que o bom salário não existe. O preço praticado sobre o trabalho do cortador é sempre uma incógnita, levando em consideração que os valores a ser pagos são definidos após o trabalho realizado e de acordo com a avaliação das chefias sobre a qualidade da cana cortada.

Os parâmetros de qualidade não são dominados pelos trabalhadores que se obrigam a receber o que o imediato quiser pagar por seus serviços. Observando estes detalhes, podemos olhar para os

⁴⁰ Faganello, 1995, p.17.



"mandamentos" impostos aos trabalhadores e verificar seus efeitos na vida cotidiana. Como unidade de produção que transpõe limites diários, o trabalhador braçal torna-se peça indispensável na engrenagem maquinada para funcionar a todo vapor de vida. Nessa engrenagem, o homem não pode parar por um dia e deve investir em seus instrumentos de trabalho e fazer manutenção fora do horário de trabalho. Os mandamentos publicados, que regulam as atividades dos trabalhadores são os seguintes:

1º. Não perder dia de serviço⁴¹;

2º. Trazer de casa dois ou três podões já amolados⁴²;

Verificamos aqui, que ter ferramentas próprias é uma regra institucionalizada, um consenso na visão do empregador⁴³ da mão-de-obra. A ferramenta é a extensão do homem na atividade produtiva. É na comunicação do homem com o instrumento de trabalho que a produção se faz. Essa forma de comunicação, para ser realizada, exige concentração mental, apuração de força física, ritmo e habilidade com os movimentos, para manter o equilíbrio necessário na realização das tarefas. Além destes requisitos, o trabalhador deve manter seu corpo abastecido de água potável, por ele trazida de casa.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ Explorador.

3º. Ter sempre a mochila e o galão d'água próximos ao local de trabalho⁴⁴;

O local de trabalho mencionado na cartilha é descrito pelos trabalhadores como "pé do eito", ou seja, a marmita e a água devem estar próxima do trabalhador, o tempo todo, para que não gaste tempo com deslocamento para refeições e para tomar água. Tal prática significa economia de energia/tempo e maior produtividade.

O "pé do eito" é o meio da plantação da cana que está sendo cortada, sob sol, chuva, frio, sem abrigo, sem condições para a higiene e para as refeições e descanso, enfrentando, por vezes, o declive de muitas áreas. É o ambiente físico ao qual o homem tem que se adaptar para desenvolver sua ação produtiva, diferenciando-se da máquina que não funciona, adaptando-se ao meio físico inclinado, necessitando de terreno "apropriado" para funcionar sem dificuldades.

4º. Manter o "eito" limpo e o serviço bem feito para não dar desânimo⁴⁵;

Temos, nesta frase, a confirmação do caráter penoso do trabalho executado na cana e a consciência do empregador da existência da possibilidade do sentimento de desânimo mediado pelo contexto de trabalho em condições desumanizantes. A consciência da condição de trabalho oferecida pelo empregador conduz à instrumentalização

⁴⁴ Faganello, 1995, p. 17. A água é um dos elementos mais importantes na nossa dieta, vital em nosso metabolismo. Além de na forma pura, ela é encontrada em quase todos os alimentos. Cf., Telarolli, 1997, p. 109.

⁴⁵ Ibidem.

preventiva, para garantir o trabalho, sem a ação consciente do trabalhador, o que poderia levá-lo à situação de desânimo e à não-produtividade, com a qualidade desejada, qualidade que somente o homem pode oferecer, por ser capaz de realizar o trabalho sem desperdícios.

Na concepção de Marx⁴⁶, essa consciente orientação explica-se no processo de trabalho, pela forma de utilização da força de trabalho, quando os,

[...] meios de trabalho não são só medidores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humano, mas também indicadores das condições sociais nas quais se trabalha.

Podemos observar esta preocupação consciente de forma mais clara no mandamento de número 5.

5º. Fazer o corte bem baixo e o desponte certo para não ter que repassar o serviço⁴⁷;

Somente o ser humano é capaz de organizar o trabalho de forma a adaptar sua ação ao objeto de seu trabalho, no caso discutido, a cana. Para que este trabalho seja realizado pela máquina, há necessidade de investimento em tecnologia avançada e manutenção, mesmo assim, o

⁴⁶ Marx, 1988, p.144.

⁴⁷ Faganello, 1995, p.17.

produto não teria a qualidade do corte braçal e da organização da cana cortada e depositada em montes para o recolhimento.

A qualidade do trabalho braçal recebe destaque nas regras de produção, como fator determinante da avaliação do preço do serviço. O reconhecimento da arte mecânica desenvolvida pelo homem, no trabalho artesanal, com movimentos autocontrolados, é explorada pelo capital que coloca o homem, "ícone produtivo", em evidência como força física apurada a baixo custo. Essa relação de instrumentalização, diz Gama⁴⁸, "[...] é muito mais do que ferramentas e artistas, máquinas e processos.

Temos, nos termos dos mandamentos, os passos da relação de exploração e apropriação⁴⁹ do trabalhador, seja ele homem, mulher, criança ou velho. Não se trata apenas da exploração da força de trabalho mas da expropriação⁵⁰ do direito de respirar, de se nutrir, de viver em condições humanas.

O requinte da exploração centra a lógica das palavras escritas nos mandamentos. São palavras que retiram do trabalhador sua qualidade de sentir. O sofrimento implícito, nesse rol de ordenamentos de produção, não é considerado como fator prejudicial ao ser humano, são comandos de uma máquina auto-organizada, a partir de princípios de ação imprimidos em sua memória. Trata-se de um processo de expropriação do direito de ter mente desenvolvida, de ter vida intelectual.

⁴⁸ Gama, 1986, p.181.

⁴⁹ Apropriação: acomodar, conformar.

Dennett⁵¹, ao falar sobre a dor e sofrimento, ressalta que:

Quando crianças muito novas são maltratadas, utilizam caracteristicamente um estratagema desesperado mas eficiente: elas "se desligam". [...] a diferença, qualquer que seja, entre uma criança não-dissociada e uma dissociada é uma diferença que, marcadamente, afeta a existência ou a quantidade de sofrimento.

As palavras de Dennett são fundamentais na compreensão do sofrimento a que a criança é submetida, quando vivenciam as regras do trabalho penoso impostas, no processo de produção. A incorporação da criança e do adolescente nesse processo é sinônimo de imposição de sofrimento e dor que contribuem para o desencadeamento de sistemas de defesa, exemplificado por Dennett como uma espécie de desligamento, ou como diria Gaiarsa, tornar-se-iam crianças "tetânicas", duras, frias e apáticas, destituídas do direito da liberdade de expressão como aponta o mandamento seguinte:

6º. Não ficar com "brincadeiras" durante o serviço e no trajeto de ida e volta⁵²;

Será que os adultos ficam brincando durante o trabalho? Ou será que este mandamento é para os trabalhadores precoces? O que há de mau nas brincadeiras para que sejam proibidas? Será que é o fato de

⁵⁰ Expropriação: privação, destituição.

⁵¹ Dennett, 1997, p.146-147.

⁵² Faganello, 1995, p.17.

permitirem que as pessoas troquem informações, desenvolvam uma forma de comunicação que possibilita novas relações?

Por que a brincadeira é reprimida? A brincadeira pode ser uma forma de as pessoas colocarem em atividade sua intelectualidade enclausurada nos movimentos repetidos e solitários do corte da cana e do empunhar a enxada. Talvez seja esse o preceito que leva os trabalhadores braçais a cultivarem o pensamento de que seus filhos devem ser criados sem grandes manifestações de sentimento de amor, alegria, proibidos de brincar e estudar, obrigados a trabalhar para se tornarem produtivos e fortes, a fim de agüentarem os efeitos do trabalho, com frequência garantida.

7º. Ter cuidado com a higiene e com a segurança pessoal para não ficar doente e não perder dias de serviços⁵³;

A orientação é descabida em seu próprio intento. A mesma cartilha informa aos trabalhadores que não há água para lavar as mãos e que todos devem trazer de casa a água que irão consumir durante o dia de trabalho; no local de trabalho não contam com sanitários. O trabalhador é considerado, ao avaliarmos os mandamentos, apenas a máquina descartável de cortar cana. Máquina que não precisa de gastos com combustível, água e ferramenta para funcionar. Garante produtividade e é de fácil reposição. Se consideramos esse tratamento para o trabalhador precoce, entenderemos que garante também a segurança da impunidade

legal, levando em conta que o trabalhador adulto oferece o risco da organização em defesa de seus direitos. Diferentemente das crianças e dos adolescentes que, em muitos casos, não existem para o Estado por não possuírem documentação como comprovado pelo Ministério da Saúde (1996), em muitos Estados brasileiros, nas últimas décadas. Não são cidadãos, não fazem parte das estatísticas governamentais. Esta população trabalhadora, que é vista como máquina, no processo de produção, também não precisa de descanso. É o que confirma o mandamento seguinte.

8º. Aproveitar as folgas, na hora do café e do almoço, para "amolar" os podões de corte⁵⁴;

Mais uma vez o sinal da impunidade sobre os direitos legais do trabalhador. Induzir o trabalho no horário de descanso, além de legalmente abusivo, podemos considerar uma afronta ao poder judiciário e ao Ministério do Trabalho, sem dizer ao trabalhador. Lembramos ainda que este documento está registrado na Biblioteca Nacional, conforme decreto 1823 de 20 de dezembro de 1997.

Consultando um advogado trabalhista sobre o assunto, verificamos em seu parecer a infração legal cometida nesta cartilha:

TRABALHO RURAL - BÓIA-FRIA

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.



De acordo com Cartilha do SENAR/..., registrada inclusive na Biblioteca Nacional, os trabalhadores rurais, conhecidos como bóias-frias, são orientados para que aproveitem o horário de "descanso" das refeições, para amolarem seus instrumentos de trabalho (facões, foices, etc.). Além de receberem orientação para permanecerem sempre atentos durante a produção, visando a sugar ao máximo a força de trabalho destes profissionais. É clara a configuração de tal orientação, como dissimulação do intervalo, de modo a prorrogar a jornada de trabalho, o que ensejaria, inclusive o pagamento de horas-extras. Além de configurar excessiva e abusiva exploração da força de trabalho humano.

Segundo a sistemática jurídica, o trabalhador rural mesmo eventual, como é o caso dos chamados "bóias-frias" está amparado pelo direito do trabalho. O art. 17, da Lei n.º 5.889/73, diz expressamente que: "As normas desta lei são aplicáveis, no que couber, aos trabalhadores rurais não-compreendidos na definição do art. 2º, que prestem serviço a empregador rural. "Isto significa que têm direito estes trabalhadores a: salário mínimo, descanso remunerado proporcional, jornada de 8 horas diárias e 44 semanais, além de adicional por horas-extras ou noturnas.

E, mais especificamente, o art. 5º da mesma Lei determina que: "Em qualquer trabalho contínuo superior a seis horas, será obrigatória a concessão de um intervalo para repouso ou alimentação, observados os usos e costumes da região, não se computando este intervalo na duração do trabalho. Entre duas jornadas de trabalho haverá um período mínimo de onze horas consecutivas de descanso".⁵⁵

Encontramos, no parecer legal, os dispositivos de lei que são afrontados na prática do processo de produção com a dissimulação do direito do trabalho. A infração legal constatada neste "mandamento", como podemos verificar, representa uma pequena parcela das ações degradantes praticadas contra o trabalhador no setor primário de produção. Podemos constatar que, outras formas de dissimulação estão implícitas neste material.

9º. Exigir diariamente um comprovante dos metros cortados, do preço por metro e do ganho total do dia⁵⁶;

Dizem os trabalhadores que o controle é feito diariamente e o pagamento semanalmente ou quinzenalmente. Os critérios para atribuição de valor nem sempre são de conhecimento dos trabalhadores, e o mais agravante, a maioria não lê e não escreve. Isto também se comprova em nossa investigação. À medida que há a necessidade de dizer por escrito

⁵⁵ ARAUJO, Avanilson Alves. Advogado Trabalhista da Rede Nacional Autônoma dos Advogados Populares - RENAAP.

que o trabalhador deve exigir comprovante dos metros cortados diariamente, do preço por metro e do ganho total do dia, firma-se a idéia de que o trabalhador toma conhecimento do que irá receber após ter realizado o trabalho por não dominar a linguagem escrita.

No caso das crianças e adolescentes, a situação assume complicadores de ordem moral e ética, além de legal, uma vez que os valores são diferenciados, inclusive por sexo, considerando também que essa população trabalhadora executa tarefas perigosas e sem proteção.

10º. Usar sempre os equipamentos recomendados para sua proteção⁵⁷;

Os trabalhadores, com os quais dialogamos, não usam os equipamentos, muitos não conhecem os equipamentos. Trabalham sem calçados e luvas, expostos a ferimentos pelos instrumentos perfurocortantes e picadas de animais peçonhentos. Narram histórias de acidentes de trabalho por falta de equipamento de segurança. Dizem que algumas empresas têm equipamentos mas o trabalhador deve comprá-los da empresa. Seus salários são incompatíveis com os preços, são insuficientes para a aquisição. Algumas empresas alugam o equipamento. Diante da necessidade do investimento, o trabalhador acaba por não se proteger.

Após a apresentação dos mandamentos, há na cartilha uma última recomendação que declara que o trabalhador não precisa de nada mais

⁵⁶ Faganello, 1995, p.17.

⁵⁷ Ibidem.



que empenho e dedicação para ser produtivo e concorrer com seus iguais em condição de trabalho. A competição é estimulada entre os trabalhadores, com a afirmação de que só depende do trabalhador a produção. Para Faganello, "[...] tomando todos esses cuidados e seguindo essa orientação, vocês com certeza, serão campeões do corte, é só ter empenho e dedicação" (p. 18).

Na página 21, as recomendações de Segurança do Trabalho no corte da cana-de-açúcar trazem o seguinte texto:

[...] vocês devem trazer água de casa no "corote" pois a que está no tanque que o ônibus transporta é apenas para completar, quando a água do "corote" acabar. É só para beber, pois se todo mundo for lavar as mãos ela vai acabar logo.

A situação limite aqui se coloca na descrição do uso da água potável. O combustível da máquina descartável é controlado e oferecido como suprimento distribuído para a garantia de que a produção seja assegurada. Por outro lado, considerando a água como fonte nutritiva, temos aqui mais um fator de dissimulação da vida humana.

A ação de orientação técnica, de fundo ideológico-capitalista-explorador, apropriador e expropriador, contribui para que as famílias de cortadores de cana repassem aos filhos os conceitos apregoados sobre a conduta de um cortador de cana campeão. A criança começa a ser explorada, em atividades braçais de caráter penoso, como trabalhador

produtivo, no processo de formação de novos trabalhadores a ser apropriados sistematicamente. Formação fundamentada no pensamento de que filho de trabalhador na cana, cortador de cana será.

Mediante a filosofia da orientação técnica recebida pelos pais, confirma-se, a cada mandamento, a Pedagogia do Terror. Isolada do pai e da mãe a criança e o adolescente executam atividades próprias da monocultura de exportação e na extração de minerais. Realidades como estas são divulgadas pelos meios de comunicação de Norte a Sul do Brasil e são confirmadas pela Campanha de Erradicação do Trabalho Infantil no Brasil, campanha veiculada pela Rede Globo de Televisão, no ano de 2001, que anuncia a existência de grande número de trabalhadores precoces desenvolvendo atividades penosas no Brasil.

Observamos que, as cadeias de produção que envolvem o trabalho precoce e penoso, começam a receber atenção da mídia, a partir do final do governo militar, na década de 1980. Na década de 1990, as primeiras iniciativas efetivas em prol da criança e do adolescente, com aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, dão à mídia fatos, estatísticas e denúncias e ao IBGE novos critérios para formulação do Índice de desenvolvimento humano no Brasil. A Folha de São Paulo é um dos periódicos que mais tem publicado, nos últimos anos, fatos, cotidianos que facilitam o entendimento de como são organizadas as cadeias de produção no Brasil. A comemoração do dia 1º de maio é motivo para

reportagens longas explorando a problemática do "Trabalho Infantil", no Brasil e no mundo.

Conforme Avancini (1997)

Na África e Ásia [...] o trabalho infantil atinge 26,3% da população africana entre 10 e 14 anos. Na Ásia, cerca de 13% [...] A OIT estima que há no mundo, 250 milhões de trabalhadores entre 10 e 14 anos. Metade trabalha em tempo integral, geralmente em atividades relacionadas à agricultura comercial e setores afins.⁵⁸

Para Abnor e Falcão (1997),

As informações obtidas junto à Comissão Pastoral da Terra, como resultado de pesquisa realizada para o relatório "Conflitos no Campo" em 1996, são lembradas por Gondim e Falcão que ressaltam: "A violência no campo,[...] atinge cada vez mais crianças e adolescentes. De 90 a 96, dez menores foram mortos em disputas de terra e outros 37 morreram em acidentes do trabalho - principalmente em acidentes de trânsito envolvendo caminhões de bóias-frias. No mesmo período, 3.321 menores foram vítimas de trabalho escravo e 62.253 trabalharam sem gozar direitos trabalhistas. [...] 11 mil crianças trabalham na exploração e beneficiamento do

⁵⁸ Folha de São Paulo, 1/5/1997, p. 11.



sisal, fibra vegetal utilizada em encosto de bancos de carro e medicamentos. [...] em Retirolândia há 1.600 pessoas mutiladas por acidentes nas indústrias de beneficiamento do sisal, muitas delas, crianças. A estimativa é que dos 1.600 acidentados, ao menos, 100 tenham ficado inválidos. Outro foco de mutilação de crianças são as carvoarias do Mato Grosso do Sul, onde há casos de crianças queimadas e vítimas de quedas de caminhões que transportam o carvão".⁵⁹

A família, as alegrias e o trabalho

A alegria na infância é caracterizada pelas condições materiais na vida das famílias dos trabalhadores rurais. A necessidade material é reconhecidamente mais importante que as necessidades espirituais e emocionais. Observamos que os motivos de alegria são identificados como: ganhar presente e ter condições de comprar mais comida no Natal, pois, durante o ano, as dificuldades tornavam-se grandes devido à falta de dinheiro para a manutenção da família. As economias feitas no Natal são lembradas como motivo de alegria. Era uma atitude coletiva significativa. A família estaria guarnecida de alimento durante um período

⁵⁹ Folha de São Paulo: 03/07/ 1997, p. 11.



prolongado, ao conseguir realizar suas economias nos períodos de fartura de alimentos.⁶⁰

Ganhar presentes, ganhar brinquedos, ganhar doces, beber guaraná no Natal, comprar roupa e calçado nos finais de ano, ganhar algum dinheiro dos pais; ir à festa natalina com roupas novas e ouvir os mais velhos contar "causos", são motivos de alegria que, para as pessoas que nasceram na zona rural entre 1916 e 1983 e que nos relataram suas histórias de vida, indicam a importância da família para a segurança da criança, embora as dificuldades de relacionamento afetivo entre pais e filhos. É na família que a criança e o adolescente encontravam alegrias, hoje, motivo de lembrança para o adulto.

A família era motivo de segurança financeira, união, alegria, convivência preciosa, apesar da ação punitiva exercida pelos pais em relação aos filhos. Respeito para com o outro e força para vencer os problemas, parentesco, grupo de pessoas que se alimentavam juntas, apesar da dureza da realidade, como o relato de T. P. N. (67 - sexo fem.) Maringá/PR:

família era aqueles que comiam comigo, feijão amassado na panela e almeirão do mato. Um litro de óleo para 15 dias para 7 pessoas. Ao meio dia, inhame com açúcar mascavo e o café feito com rapadura⁶¹.

⁶⁰ Fonte: depoimentos coletados através de entrevistas entre 1999 e 2001 nos estados do Paraná e Alagoas.

⁶¹ T. P. N., (68 - sexo fem.) - Maringá/PR.

Ao mesmo tempo, muitos, embora concebendo a família como base para o desenvolvimento humano, apontam a insatisfação por não saberem o que é uma família por parentesco. A falta de carinho dos pais, o desafeto do pai que abandona a família, as brigas entre os pais e o alcoolismo são indicativos de problemas que contribuem para o desequilíbrio emocional e insegurança na infância e consequentemente, na vida adulta.

Anteriormente falamos da falta de contato físico entre pais e filhos nas brincadeiras e, aqui, referimo-nos aos momentos de reunião familiar que não representam o contato afetivo entre pais e filhos. Apenas a segurança financeira proporcionava situações de alegria.

A representação de mundo, lembrada pelos adultos, de suas infâncias na zona rural, vivendo a realidade da cultura de subsistência e a condição de colonato, tem a dimensão da grandeza geográfica que norteava os campos, do belo da natureza com a qual interagiam, do contato com os rios, com animais, com as árvores e pela imaginação de como é o mundo fora dos espaços físicos por eles experimentados. Também faz parte das representações de mundo dessa população, a consciência das limitações sociais da vida em povoado, das alterações na organização das famílias, da esperança na possibilidade de mudanças sociais e econômicas.

O que hoje desejam é o reconhecimento do trabalho da mulher e da existência do trabalho da criança e a valorização do trabalho pelo qual

recebiam seus pais, preço vil dos patrões por tarefas executadas por família. São sonhos não-realizados.

O mundo é descrito como um povoado que baila e festa com suas famílias, apesar das dificuldades, um lugar bom de viver, o mundo da cidade e da viagem ficava na imaginação. O mundo do desemprego, na zona rural, assustava e fazia as crianças e adolescentes sonharem com o mundo da cidade grande. O mundo era algo para ser descoberto. O mundo rural é descrito como ruim para a criança trabalhadora que não viajava, não aprendia a ler e escrever. Trabalhava mas não recebia e era exaurida de suas energias e roubada em sua liberdade, inclusive de pensar, de dar asas à imaginação.

Um aspecto especial da percepção humana, que surge em idade muito precoce, é a percepção de objetos reais. [...] entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado⁶².

Os referenciais de família e de mundo, que apresentamos, são de adultos que iniciaram no trabalho durante suas infâncias e adolescência nos Municípios de Iepê/SP, Pedro do Turvo/SP, Manduri/SP Presidente Prudente/SP, Duartina/SP, Penápolis/SP, Socorro/SP, São Paulo/SP, Vila Nova/PR, Alto Paraná/PR, Nova Esperança/PR, Iguaçu/PR, Roteiro/AL, São Miguel/AL, Rio Largo/AL, Cajueiro/AL, Barbalha/CE, Montes

⁶² Vigotski, 1988, p. 44.



Claros/MG, Itanhandu/MG e Mata do Sino/MG. É importante registrar, que estas são as cidades de origem das pessoas adultas entrevistadas, para causar a impressão de mudança da delimitação geográfica da pesquisa.

Quatro das trinta e seis adultos que relataram suas infâncias para este estudo, disseram não gostar dos pais que as obrigavam a trabalhar na infância e adolescência. Sete pessoas afirmaram gostar mais da mãe do que do pai e trinta e duas disseram ter adoração pelos pais, embora sofrendo as conseqüências do trabalho precoce e de caráter penoso, por entenderem que a família representava tudo o que possuíam, fosse ela a família desejada ou não, brincassem os pais com elas ou não.

Dos adultos ouvidos, vinte afirmaram que os pais obrigavam os filhos a trabalhar na roça. Dizem que se sentiam obrigados a trabalhar porque deviam obediência aos pais. Na vida de pobreza, para não deixar os filhos sozinhos em suas moradias, a maioria dos pais obrigava os filhos a acompanharem-nos, somando força de trabalho com os adultos.

Entendiam os pais que era obrigação das crianças e dos adolescentes produzir seu sustento. Trabalhar era "lei a ser cumprida" para aumentar a renda familiar. Alguns acreditam que os pais obrigavam os filhos para se livrarem do trabalho que não gostavam de executar. Os pais ensinavam que era necessário ajudar na manutenção da família. Na avaliação dos filhos, hoje adultos, muitos pais não tinham coragem de trabalhar sozinhos, viviam cansados.

Dezesseis disseram que trabalhavam na infância e na adolescência porque foram acostumadas pelos pais desde pequeninas a ir para a roça. Dessa forma, as atividades pesadas, que exigem esforço físico, se praticadas desde cedo, pareceriam naturais. Lembram que os pais diziam que trabalhar é bom para aprender o respeito. Tinham que trabalhar, ajudar nas tarefas do sítio, porque "o trabalho desenvolvia a pessoa". O desenvolvimento aqui era entendido como desenvolvimento físico apenas. Os braços fortes e as mãos calejadas são aspectos desse desenvolvimento.

A prática do trabalho precoce, por fazer parte da história e da cultura das famílias rurais, divide opiniões entre aqueles que trabalharam na infância e na adolescência, sobre as conseqüências para a vida adulta. 50% das pessoas que ouvimos, afirmam que o trabalho na infância e adolescência prejudica o desenvolvimento humano e indicam as conseqüências vividas por elas hoje. Entre as dezenove conseqüências citadas, o analfabetismo é apontado pelos adultos, ao relatarem suas infâncias e adolescências como a mais prejudicial à vida de todos. Podemos verificar esta manifestação nos relatos dos trabalhadores adultos quando relembram suas infâncias e adolescências:

J. S. (24 - sexo masc.), Roteiro/AL - 1999:

Sou analfabeto, pois pelo fato de morar na fazenda nunca tive oportunidade de estudar, portanto, na época de criança trabalhava na roça.

C. B. G. (22 - sexo masc.) Roteiro/AL - 1999:

As crianças têm que está estudando para aprender a ler e escrever, não ser igual eu que por causa do fato de eu ser analfabeto eu não consigo arrumar um emprego melhor.

J. C. F. S. (22 - sexo masc.) Roteiro/AL - 1999:

Hoje se eu fosse uma pessoa que tivesse estudo eu não estaria nessa vida que eu estou agora, cortando cana!

M. Q. C. B. (49 - sexo fem.) Roteiro/AL - 1999:

Freqüentei escola só uma semana mais ou menos, depois meus pais mudaram pra uma fazenda e a gente não estudou mais. Esses meninos que trabalham não vão ter futuro nenhum, vão ser pessoas ignorantes que nem eu.

O desemprego, para os analfabetos que relataram suas infâncias de trabalhadores, é entendido como desencadeador da falta de lazer e de condições de vida digna. É fator de anulação de desejos e condicionamento à vida domesticada. Para Foucault, o que os trabalhadores definem como anulação de desejos, "é arte da existência"⁶³. A anulação dos desejos é narrada pelos trabalhadores como consequência da falta de energia, do cansaço físico provocada pelo esforço físico diário desde a infância. É o homem deixando de ser sujeito

⁶³ Foucault, 1984, Passim.



de seus desejos sexuais, emocionais, intelectuais, nutricionais e econômicos. É a anulação do próprio homem. É anulação de sua existência enquanto ser de desejo que necessita reinventar a sua arte de existir na condição de unidade produtiva.

O trabalho, no corte da cana, a exemplo de atividades braçais penosas por toda uma vida, alia-se à falta de esperança, à falta de assistência por não ter contribuído com a Previdência Social, com o aparecimento de doenças decorrentes das atividades penosas e à incapacidade física para a vida produtiva.

Os trabalhadores, que vivem esta realidade, sentem-se psicologicamente prejudicados. Os que tentaram estudar afirmam que o trabalho na infância causa bloqueios no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares pela insegurança emocional vivida na infância. A falta de diálogo entre pais e filhos, a coação física de pais contra filhos ao obrigá-los a trabalhar, provocava, em muitos casos, desprezo e rancor dos filhos pelos pais. Dizem os trabalhadores que essa situação desconfortante de convivência encaminhava as pessoas à fuga desse núcleo familiar. Muito cedo, pensam ganhar a liberdade constituindo um novo núcleo familiar.

Luria⁶⁴, ao escrever sobre a evolução sócio-histórica da mente, após coleta de dados realizada nos anos de 1931 e 1932, durante o processo de reestruturação da União Soviética diz que "[...] a eliminação

do analfabetismo, a transição para uma nova economia coletivista e o realinhamento da vida pelos novos princípios socialistas", era, naquele período histórico, questão a ser pesquisada e lembrava esta equação:

[...] se as mudanças de estruturas sócio-históricas ou mudanças na natureza da prática social produzem apenas ampliação da experiência, aquisição de novos hábitos e conhecimentos, alfabetização e assim por diante, ou se essas mudanças produzem uma reorganização radical dos processos mentais, alterações do nível estrutural da atividade mental e formação de novos sistemas mentais.

A pesquisa foi realizada "[...] nas regiões mais remotas do Uzbequistão e Kirghizia, nas "Kishlaks" (vilarejos) e "dzahailaus" (terras de pastoreio nas montanhas).⁶⁵". Conta-nos Luria que "[...] apesar dos altos níveis de criatividade na ciência, arte e arquitetura atingidos pela cultura tradicional do Uzbequistão, as massas viviam, há séculos, na estagnação econômica e no analfabetismo⁶⁶".

A pesquisa foi realizada com o estabelecimento de relações amistosas com os moradores da localidade e realização de entrevistas, partindo de conversas, troca de opiniões, durante as quais eram introduzidas questões preparadas. Das respostas anotadas, eram

⁶⁴ Luria, 1990, p.27.

⁶⁵ Ibidem, p.7.

⁶⁶ Ibidem, p. 8.

processados os dados. Apesar do processo trabalhoso, ao final do desenvolvimento de quatro etapas de análises: codificação lingüística do material sensorial mais evidente, estudo do desempenho dos indivíduos nos processos de abstração e generalização, compreensão, discriminação e agrupamento de objetos, concluiu-se que:

[...] a estrutura da atividade cognitiva não permanece estática ao longo das diversas etapas do desenvolvimento histórico e as formas mais importantes de processos cognitivos - percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise da vida interior - variam quando as condições da vida social mudam e quando rudimentos de conhecimento são adquiridos.⁶⁷

Ao analisar a problemática do trabalho precoce e penoso no séc. XXI, no Brasil, estamos abordando, questões sobre a condição de vida da infância e adolescência em contextos específicos e as diferenças básicas na formação de diferentes crianças e adolescentes, demonstrando o que entendemos ter sido a preocupação que fez com que Luria registrasse a necessidade de pensar as conseqüências das transformações sócio-históricas na formação de novos sistemas mentais. Vigotski⁶⁸, ao tecer críticas à teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento da criança conclui:

⁶⁷ Ibidem, p.215.

⁶⁸ Vigotski, 1998 , p. 29.

[...] estamos convencidos de que o estudo do desenvolvimento do pensamento em crianças de um meio social diferente, e, em especial de crianças que ao contrário das estudadas por Piaget, trabalham, levará com certeza a resultados que nos permitirão formular leis com uma esfera de aplicação muito mais ampla.

Nossas investigações sobre os aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação do trabalhador precoce no Brasil, apontam para as perspectivas traçadas e defendidas por Vigotski, visando à ampliação da discussão do desenvolvimento do pensamento a partir do meio rural brasileiro, de modo especial, e para as conclusões de Luria de que "[...] as condições da vida social mudam quando rudimentos de conhecimento são adquiridos".⁶⁹

Constatamos, durante análise dos resultados de nossa investigação que os sentimentos em relação à família e o conceito de família, são transformados mediante a insegurança econômica, que as emoções são somatizadas, e que o medo, a raiva e a tristeza se manifestam no cotidiano dos trabalhadores precoces, de forma freqüente.

O comportamento de fuga dos problemas presentes na adolescência torna-se uma prática reconhecida entre os trabalhadores precoces, alguns fazem a tentativa de estudar e quase sempre desistem, outros se decidem pelo casamento. Estas constatações, consideradas

⁶⁹ Luria, 1990, p.215.



sinais de transformação na vida da população trabalhadora, em idade precoce, são razões que temos para pensar que alterações mentais ocorrem, que a linguagem infantil é invadida de preocupações com o trabalho, para o sustento próprio e da família, e que o desejo de brincar é sufocado nas e pelas atividades cotidianas.

O pensamento curva-se à ideologia do trabalho como ato dignificante, necessário, podendo transformar-se naquilo que os trabalhadores definem como "bloqueio" para aprender os conteúdos escolares. O pensamento concreto, com a realização de tarefas árduas diárias, pode constituir dificuldades em prescindir o pensamento abstrato exigido nas atividades escolares. A mudança de padrão de vida resultaria no desenvolvimento do pensamento abstrato sem as dificuldades encontradas pelos trabalhadores no dia a dia.

O casamento precoce é apontado como a forma de fuga comum na vida dos adolescentes que vivem a realidade do trabalho braçal, que, ao tomarem consciência da impossibilidade de convívio com os pais e das reais condições econômicas da família, procuram reestruturar suas bases familiares, ou seja, construir uma nova família.

Entendem que essa forma de fuga gera a necessidade de manutenção de uma nova família, uma vez que a chegada de filhos é rápida entre os adolescentes, e causa desequilíbrio financeiro. O casamento precoce leva à reprodução do comportamento de seus pais colocando também seus filhos a trabalhar ainda crianças. A falta de

profissionalização presente na população de analfabetos é aceita, na vida adulta, como consequência do trabalho precoce que impossibilita experiências diferentes das impostas no trabalho braçal, que condiciona o físico, e restringe a mente quanto ao desenvolvimento de seus potenciais.

Esse exemplo de fuga dos conflitos familiares mostra como ocorre a reprodução do trabalhador precoce e os riscos dessa condição de vida para o gênero humano, apesar de constatar que o trabalhador precoce desenvolve habilidades fisicomotoras e o autocontrole sobre elas por Ter ciência da necessidade de trabalhar para sobreviver. Recorremos a Duarte⁷⁰ para explicar essa dinâmica social que determina a condição de vida.

A atividade vital é a base, a partir da qual, cada membro de uma espécie reproduz a si próprio enquanto ser singular e, em consequência, reproduz a própria espécie. No caso do ser humano, a mera sobrevivência física dos indivíduos e sua reprodução biológica, através do nascimento de seres humanos, assegura a continuidade da espécie biológica, mas não assegura a reprodução do gênero humano, com suas características historicamente constituídas.

⁷⁰Duarte, 1993, p.28.

A sexualidade

Do total de trinta e seis pessoas adultas com as quais dialogamos, a maioria apresenta dificuldades em falar da sexualidade, independentemente de terem executado atividades penosas na infância. Os depoimentos mostraram que o trabalho precoce é entendido como fator que distancia pais e filhos, dificultando o diálogo, impedindo a troca de informações pela falta de tempo para convivência. Apenas uma afirmou, a partir de sua experiência pessoal, que o trabalho precoce prejudica o desenvolvimento da sexualidade. Afirma M. H. (83 - sexo fem.) residente em Paranaíba/PR, nascida em Kumato Ken - Japão: "O trabalho prejudicou o desenvolvimento da sexualidade, não sobrava tempo para pensar sobre o assunto".

M. L. P. (54 - sexo fem.), residente em Maringá/PR, avalia que, na vida conjugal é possível perceber que deixou de conhecer o próprio corpo. A vergonha do corpo é manifestada por todas as pessoas que relataram suas infâncias e adolescências, como a principal consequência desencadeada em suas vidas pelas condições sócio-econômicas, educacionais e religiosas nas quais foram orientadas na infância e na adolescência. Alegam que, ao viverem a insegurança financeira com privação material e a influência doutrinária da Igreja nas orientações às famílias, a falta de diálogo, entre pais e filhos, era uma problemática das mais comprometedoras no processo de desenvolvimento.

Lembra M. L. P. que:

Na época, falar de sexo era pecado, tabu. A falta de material divulgativo, revistas, fotos, filmes, educação escolar e familiar. A sexualidade se desenvolvia...!!!

A desinformação dos pais e a falta de diálogo que impossibilitava outra forma de orientação em família, desencadeava o processo de autoconhecimento através de experiências, por observação, da vida animal. A sexualidade biológica era assim descoberta, experimentada e socializada entre os meninos. As meninas eram mais reprimidas e tinham suas experiências de autoconhecimento desenvolvidas durante o casamento.

É possível observar no relato de M. L. L. (63 - sexo fem.) residente em Maringá/PR, a descrição da síntese desse processo:

Sexualidade é uma coisa que faz parte da vida, não só do ser humano mas de todo ser vivo. Eu me casei com dezessete anos e não sabia o que era isso. Pra mim o sexo era uma coisa bem diferente, desenvolvi minha sexualidade só depois do casamento. Acredito que o trabalho prejudicou porque era só trabalho, trabalho! Nunca frequentei escola. Discordo totalmente do trabalho infantil. Eu acho que uma criança tem que estudar e depois trabalhar!

As pessoas de sexo masculino contam que suas aprendizagens ocorreram por poucos experimentos práticos (físicos) com animais, sem informações prévias e com consequências trágicas em alguns casos,

como por exemplo, o contágio de doenças venéreas a que ficavam expostos ao praticarem o ato sexual com animais domésticos.

G. A. M. (72 - sexo masc.), residente em Maringá/PR, conta sua experiência:

O corpo começou a mudar, comecei a sentir vontade mesmo sem a presença de mulher. Mantinha relações sexuais com os animais, assim como os amigos e os irmãos.

Vale lembrar que a desinformação sexual é uma questão histórica. É a partir da Segunda Guerra Mundial que os meios de comunicação propagam informações sobre as doenças venéreas pesquisadas no mundo, e que, até o início do século XXI, ainda não haviam sido socializadas com as populações rurais no Brasil.

Os experimentos entre os meninos, lembrados pelos trabalhadores brasileiros, ocorriam em momentos em que as tarefas permitiam o contato com os animais, geralmente, ocorriam rapidamente devido ao receio de serem vistos pelos pais. Reclamam da falta de tempo para experimentos que possibilitassem a observação das reações do corpo, o que avaliam como prejuízo para o desenvolvimento geral da sexualidade não apenas como libido.

No caso dos trabalhadores adultos que relatam suas infâncias e adolescências para o presente estudo, além da falta de informação, outro

fator é entendido como dificultador no desenvolvimento da sexualidade como dimensão humana: o trabalho precoce e penoso.

O excesso de trabalho é colocado como fator de impedimento da dedicação de tempo para a observação e diálogo sobre o desenvolvimento do próprio corpo. O esforço físico exigido nas atividades diárias é interpretado como prejudicial ao ciclo menstrual, que, pela conseqüente irregularidade, favorecia a gravidez, muitas vezes, inesperada.

O medo da falta de controle sobre o próprio corpo inibe a atividade sexual feminina, formando pessoas reprimidas na vida adulta. Muitas mulheres não conseguem ter vida sexual saudável. O cansaço contínuo manifestado na hora da relação sexual, que, somado à falta de conhecimento do próprio corpo, torna o ato indesejado e sem prazer. Podemos citar, a título de exemplo, o relato de P. S. F. S. (18 - sexo masc.) Roteiro/AL - 1999: "o trabalho prejudicou muito porque na hora de fazer sexo eu me sinto cansado".

97% dos entrevistados preservam-se ao falar sobre sua sexualidade, acreditam não ter nada a dizer, mas opinam sobre situações que envolvem pessoas de seu convívio. O medo de falar sobre o desenvolvimento do corpo é motivado pela vergonha de se manifestar sobre o próprio corpo, vergonha inculcada na infância pelo conceito de pecado, de proibido, transmitido pelos pais através da repreensão às manifestações de curiosidades e desejos.

Considerando-se as razões apresentadas pelos trabalhadores, talvez seja possível construir pressupostos para compreensão do posicionamento sobre o trabalho precoce como prejudicial ao desenvolvimento da sexualidade humana devido ao comprometimento psicológico.

Observamos que trinta e quatro trabalhadores que relataram suas infâncias e adolescências são contrários ao trabalho precoce e dois concordam, justificando o posicionamento através de argumentos que colocam o trabalho acima de tudo, na vida do trabalhador. Ao trabalho é atribuída a função de educar a criança e ensinar as pessoas a dar importância ao trabalho. A partir do pressuposto de que o trabalho é a vida do trabalhador, acreditam na idéia de que o trabalho diminui a criminalidade, mas, ao mesmo tempo, manifestam este pensamento: a criança deve trabalhar pouco em atividades que não sejam pesadas e deve estudar.

A questão suscita o pensamento sobre a legalidade da prática do trabalho precoce, e a legislação é lembrada através do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Discordam da eficácia do documento-lei. Dizem ser uma "lei errada" diante da falta de condições para as pessoas viverem dignamente com suas famílias. Reiteram o pensamento, afirmando que qualquer trabalho é dignificante, desde que a criança estude e tenha lazer. O trabalho é conceituado como ocupação capaz de evitar problemas com os



jovens que não trabalham, que são considerados desocupados. O ócio é refutado e entendido como possibilidade de desvio de conduta para a juventude, que, estando nesta condição, poderá aprender coisas que não sejam desejadas pela sociedade. Vejamos o que diz A. F. N. (68 - sexo fem.) Maringá/PR - 1999:

Acho que o trabalho educa as crianças, acho que ajuda diminuir a criminalidade. Acho que a criança deve estudar, mas trabalhar, não no serviço pesado. Acho que a lei contra o trabalho infantil erra uma vez que o governo não dá condições de vida para que as pessoas não precisem que seus filhos trabalhem.

Lembra Priore⁷¹, que o Padre José de Anchieta pregava, no período colonial, que o pai devia dar trabalho aos filhos. Essa pregação catequética produziu resultado significativo para a vida de grande parcela da população de trabalhadores rurais, conforme observamos, para verificar a conduta defendida pelos pais dos trabalhadores precoces em diferentes décadas. Lembra Priore, que, nesse período, no Brasil, as cartilhas de alfabetização tinham seus conteúdos orientados em rudimentos teológicos como as idéias de que é "[...] preciso compreender que depois do pecado original condenou Deus a todos os homens ao trabalho".

⁷¹ Priore, 1999, p.101.



Esta forma ideologizante explica, em parte, a crença na necessidade de colocar a criança para trabalhar como condenação divina, como condição redentora. A cultura da exploração, conforme é constatada nos estudos históricos no Brasil⁷², desenvolveu-se concomitantemente com a participação jesuítica na elaboração e implantação de projetos de ideologização, salvo as exceções que acabaram por compreender a necessidade de respeito pela cultura do trabalho para a sobrevivência vivida pelos nativos e não para produção na forma capitalista.

Fazem parte das lembranças dos adultos, que relatam suas infâncias e adolescências, os períodos de solidão vividos sem orientação dos adultos. Como forma de demonstrar os sentimentos que marcaram esse tempo em suas vidas, descrevem suas observações sobre o desenvolvimento da sexualidade em seus contextos. As vontades, ou seja, os desejos contidos, interferem em suas vidas adultas, muitas vezes tumultuando a vida conjugal, como conta A. F. N. (68 - sexo fem.) Maringá/PR - 1999:

Achava que crianças eram trazidas pela cegonha.

Quando casei, aos 16 anos, percebi a sexualidade. Não sabia nem mesmo o que era fluxo menstrual.

Contam os trabalhadores que a cobrança da responsabilidade com o próprio corpo os sufocava pela falta de explicações dos adultos.

⁷² Holanda, 1995, Passim. Prado Júnior, 1999. Passim.

Vejamos o que conta A B. F. (49 - sexo masc.) residente em Maringá/PR - 2000: "Não tinha noção de nada, achava que as crianças eram trazidas numa bolsa, isso aos quinze anos!". Percebiam as necessidades do corpo, reconheciam o sexo apenas como gerador da família, experimentavam diferentes sensações de prazer que os despertava para o reconhecimento dos comportamentos sexuais dos animais. Essas observações são lembradas como estímulos sexuais na descoberta solitária do corpo, descrita por M L. P. (54 - sexo fem.) residente em Maringá/PR, como "a fome que aparece naturalmente, pois na época falar em sexo era pecado, tabu. Você tinha que, praticamente, descobrir sozinho". As conversas sobre "o pecado da carne"⁷³ motivavam as escutas sigilosas das discussões realizadas entre adultos.

Entre as memórias descritas sobre o desenvolvimento da sexualidade, as transformações físicas, o nascimento de pelos pubianos e o crescimento dos seios, a primeira ejaculação e menstruação, são detalhes lembrados como motivos de vergonha que acentuavam a solidão e o sofrimento diante da curiosidade, da vontade de saber porque tudo isso acontecia. São histórias de vida que lembram códigos morais de comportamento, que na concepção de Foucault⁷⁴, são entendidas "como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la".

⁷³ O termo "pecado da carne" é utilizado com frequência entre os trabalhadores para expressar a compreensão da sexualidade difundida durante sua infância e adolescência.

⁷⁴ Foucault, 1984, p. 29.

A vergonha descrita pelo trabalhador precoce, é a emoção imersa e emersa nas e das coerções físicas e psicológicas enfrentadas no período de maturação sexual, período conhecido como adolescência.

Constatamos que, na vida adulta, 40% das pessoas que sofreram as conseqüências do trabalho precoce reclamam da falta de informação sobre a sexualidade humana vivida na adolescência. Reclamam da falta de diálogo entre pais e filhos e a prática da repressão sofrida pelos adolescentes ao manifestarem desejos, embora fosse o desejo de obter informações. 60% manifestaram compreensão de que a sexualidade é desenvolvida em sentimentos, expressa em vontades que despertam responsabilidades diante das necessidades biopsicológicas descobertas individualmente. Lembram que, na adolescência, a sexualidade significava tabu e pecado. As informações acerca da manifestação de desejos e da percepção das transformações físicas características do desenvolvimento humano eram mantidas em segredo pelos adultos.

Observamos em Foucault⁷⁵ que,

[...] em tais morais a importância deve ser procurada do lado das instâncias de autoridades que fazem valer esse código, que o impõem à aprendizagem e à observação, que sancionam de uma forma quase jurídica, em que o sujeito de leis às quais ele deve se submeter sob pena de incorrer em faltas que o expõem a um castigo.

⁷⁵ Ibidem, p. 29.

Lembramos, a considerar o que escreve Foucault, que as práticas jesuíticas com os adolescentes indígenas expressas em forma de punições pela manifestação de desejos, de descoberta do corpo, em épocas passadas, fazem-nos pensar nas histórias de vida das pessoas que trabalharam na infância, entendendo a forma de vida praticada no século XX no meio rural, em parte, como herança cultural dos efeitos educacionais do processo de colonização portuguesa desenvolvido no Brasil.

A inibição da fala sobre sexualidade conduziu a discussão, não para o desenvolvimento dessa dimensão humana, mas para as dificuldades, às limitações vividas, principalmente, na adolescência. Pequena parcela do grupo de pessoas envolvida na discussão durante nosso estudo, encaminharam seus relatos para o desenvolvimento de suas sexualidades.

Foram identificadas por dois dos adultos que relatam suas infâncias e adolescências e confirmadas pelos demais, sem comentários, as transformações observadas entre oito e dezessete anos no período de 1926 a 1980, conforme podemos observar nos dizeres de A. C. N. (65 - sexo masc.) residente na cidade de Maringá/PR: "Aos quinze, dezesseis anos, percebi a mudança de voz"; e O. L. S. (sexo masc. - 62) residente em Maringá/PR: "Após os dez anos apareceram os pelos" e também P. N. M. (+- 50 - sexo masc.) Iguaçu/PR: "Percebi mudança de algumas coisas no corpo."

A vontade de observar o sexo oposto, durante o período de mudanças no corpo parece ser natural entre homens e mulheres, mas que as mulheres ocupavam-se mais da observação do próprio corpo.

A busca de experiência sexual entre humanos e animais e a iniciativa com humanos de sexo oposto, são condutas masculinas explicadas como necessidade de ser homem o mais rápido possível. As mulheres mostram que os pais eram complacentes com os rapazes, possibilitando-lhes experiências sexuais antes do casamento. A descoberta do sexo, no casamento, para a maioria das mulheres ainda adolescentes, era uma experiência temida.

Meninos e meninas viviam as descobertas das transformações físicas, como a primeira ejaculação e menstruação, a prática da masturbação, na solidão. As paixões, as trocas de olhares, a falta de tempo para aprender o que era o prazer, davam margem à imaginação, aguçando a curiosidade e o senso de observação das atitudes dos pais.

A vida cotidiana da família era a referência mais próxima na busca de informações. As mães tinham por hábito esconder dos filhos a gestação de seus bebês. Ouvimos casos em que as crianças, na curiosidade, faziam buscas sob os colchões dos pais encontrando roupas de recém-nascidos escondidas, aguardando o novo membro da família. Para as crianças, ao nascerem os bebês era dito que a cegonha os havia trazido. O relato de T.P.N. (67 - sexo fem.) residente em Maringá/PR ilustra esse hábito:



Minha mãe escondia até a gravidez e não conversava com a gente. Como a curiosidade era grande, a gente procurava e achava embaixo do colchão as roupas de nenem.

Observamos que, dos oito aos dezessete anos, o ser humano, independentemente de sua condição sócioeconômica, manifesta comportamentos que expressam desejos, atração, observação do sexo oposto, observação das alterações do próprio corpo. Desenvolvem percepções internas e externas que consolidam condutas de ação individualizada, em relação ao outro.

Essas condutas demonstram que o desenvolvimento da sexualidade humana, em suas características mais generalizadas, ocorre em todas as classes sociais de acordo com sua formação cultural. O que difere, na vida da população envolvida no trabalho precoce, é a conseqüente falta de diálogo na família, no trabalho e com os adultos de modo geral, a ausência de informações instrutivas e a exclusão dos direitos econômicos a que são submetidas as famílias de trabalhadores no setor primário de produção no Brasil, desde os tempos coloniais.

Os trabalhadores adultos, que relataram suas infâncias e adolescências, descreveram as formas de percepção do desenvolvimento da sexualidade em suas vidas sob a ótica das situações individuais de exploração dos sentidos visual, tátil e auditivo em situações coletivas de relação.

Os relatos de histórias de vida dos trabalhadores rurais adultos possibilitaram-nos organizar um paralelo de informações das percepções e das situações observadas na adolescência, facilitando a compreensão das manifestações de comportamentos pontuados como próprios do desenvolvimento da dimensão da sexualidade humana na adolescência.

Vejamos:

PERCEPÇÕES	SITUAÇÕES
Vontade de observar o sexo oposto Sentimento de desejo sexual Masturbação sem uso das mãos	Ao observar o sexo entre os animais.
Descoberta do prazer ao tocar os seios	No banho e no carinho do namorado
Desejo da companhia do sexo oposto	Caminhada de 15 km para visitar a namorada.
Atração pelo sexo oposto	Ao dançar, agarrar-se, aproximar o corpo juntando-se ao outro.
Vontade de dançar só Vontade de sair da companhia dos pais	Ir aos bailes e festas escondido dos pais.
Desejo vindo da impulsividade natural	Ao fazer experiências com animais.
Masturbação Ejaculação	Ao pensar em uma mulher bonita Ao ver uma mulher de biquíni ou de roupa curta em calendários.
Sensibilidade em algumas partes do corpo ao receber carinhos do namorado	A primeira menstruação.
Sentir desejos carais sem poder realizá-los	Na troca de experiências com pessoas da mesma idade Ao ouvir escondido as conversas dos mais velhos.

Desejo de brincar com o sexo oposto	Quando os pais reprimiam proibindo as brincadeiras coletivas entre meninos e meninas.
Curiosidade sobre a gravidez	Quando descobriam que os pais haviam escondido a geração de uma criança.
Vontade de falar sobre os desejos	Quando os pais diziam que os desejos deviam ficar em segundo plano.

A escola

A criança trabalhadora é lesada no direito de desenvolver a linguagem escrita, como necessária a seu desenvolvimento cultural. Como escreveu Vigotski⁷⁶ ao falar das implicações práticas do desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças: "[...] desenhar e brincar, nas crianças, deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças".

A escola é conceituada pelos trabalhadores, hoje adultos, como um lugar distante, geográfica e culturalmente para a criança moradora na zona rural da época de suas infâncias. O distanciamento físico da escola é lembrado como fator desmotivador às crianças que viveram há décadas.

A distância quilométrica é o argumento forte utilizado para explicar por que muitas não gostavam da idéia de ir para a escola. A necessidade

de ter que caminhar longas distâncias todos os dias era motivo de desânimo para criança. Sabiam o que era uma escola/prédio e entendiam que era um lugar onde as crianças brincavam, aprendiam regras de convivência, era um lugar onde nem todos podiam freqüentar. Além da distância, a falta de recursos financeiros era mais uma força restritiva. O lugar de aprender a ler e escrever, de se educar era um local, para infância da população economicamente ativa, para os filhos dos proprietários de grandes lotes de terra.

Entendiam que a escola era uma ferramenta para o sucesso e a felicidade, e que a maioria das crianças rurais não tiveram a chance de conhecer seus benefícios, como, por exemplo: a alfabetização. Esse referencial, embora pareça um paradoxo, era sem significado para a vida da criança trabalhadora que não tinha, como relatam os trabalhadores, hoje adultos, oportunidade de viver a experiência de aprender a ler e escrever num ambiente gostoso, uma segunda casa, que dava às crianças a oportunidade de realizar aprendizagens para o futuro, que sabiam ser uma necessidade cultural, mas entendiam que, apenas a minoria da população podia usufruir desse direito que transforma a condição de vida das pessoas⁷⁷. Como escreveu Vigotski⁷⁸ sobre o trabalho experimental de Luria em sua pesquisa sobre o simbolismo da escrita.

⁷⁶ Vigotski, 1998, p. 157.

⁷⁷ Coleta de dados junto aos adultos que trabalharam na infância e na Adolescência - 1999 a 2001.

Basta imaginarmos as enormes transformações que ocorrem no desenvolvimento cultural das crianças em consequência do domínio do processo de linguagem escrita e da capacidade de ler, para que nos tomemos cientes de tudo o que os gênios da humanidade criaram no universo da escrita.

A realidade, que precede o conceito de escola reproduzido entre aqueles que viveram a infância e a adolescência após 1916 e que nos relataram suas histórias de vida nessa fase da vida, mostra a importância da frequência escolar no desenvolvimento sócio-cultural, como direito à vida em sociedade, negado aos trabalhadores precoces brasileiros, ou seja, durante todo o tempo de sistematização política da existência da instituição educativa no Brasil. Pois, pensar esse desenvolvimento, é pensar que "[...] é necessário que o indivíduo se aproprie dos produtos culturais, tanto os da cultura material como aqueles da cultura intelectual".⁷⁹

Durante este período, a população trabalhadora, em especial, os filhos de trabalhadores braçais, viveram à mercê de instituições de recolhimento e das escolas de preparação de ofícios, conforme a demanda do mercado em cada momento da história econômica do país. Sendo a população rural a mais atingida pelo desenvolvimento da economia agroexportadora na segunda metade de século XX. A

⁷⁸ Ibidem, p.154.

⁷⁹ Duarte, 2000, p.4.

educação, como prioridade na formação do cidadão, constitui discussão recente e restrita a algumas frentes políticas formadas por partidos de ideologia socialista.

Florestan Fernandes⁸⁰, ao apresentar o livro "Tensões na Educação" de sua autoria, escrevia enquanto parlamentar, no ano de 1993, sobre o processo de exclusão que percebemos estar implícito na visão de escola expressa pelos trabalhadores.

Os dois mandatos que me levaram ao parlamento mostraram-me a face real do desinteresse medular pela educação imperante nas elites conservadoras das classes dominantes. Elas não carecem de hegemonia cultural para exercer o monopólio sobre a maioria oprimida e trabalhadora da sociedade. Por isso adotam uma retórica iluminista, como se fossem os campeões da difusão e da democratização do Ensino. Mas tolhem, por todos os meios, que os princípios constitucionais republicanos e federativos alterem a situação existente. Empenham-se no "ensino para o trabalho", onde isso seja o aparato institucional do Estado para concentrar recursos financeiros em seus negócios, alegando que o desenvolvimento econômico terá em sua esteira a multiplicação e a melhoria do ensino. De fato, usam a educação, escolarizando defensivamente a favor de seus

⁸⁰ Fernandes, 1995, p. 5-6.



próprios intentos econômicos, sociais e políticos - e ofensivamente afugentando das escolas pobres e destituídos.

A confirmação desta realidade educacional pode ser verificada nas informações sobre a vida adulta dos trabalhadores. Pois quatorze deles, informaram que freqüentaram, entre oito dias e cinco anos, algum tipo de escola nos períodos de entressafras, quando não havia trabalho no campo. Vinte e dois disseram não ter freqüentado escola, nem por um dia, ressaltando que as pessoas acreditavam que a escola não tinha valor para a vida do trabalhador da roça. Pensavam que a escola é o caminho para sair da lista do analfabetismo. Avaliam que é uma forma de adquirir conhecimento para arrumar emprego. Entendem a escola como instrumento para aprender a estudar, aprender a ser outra pessoa, aprender a viver mais. É a possibilidade de sonhar com um futuro brilhante. É considerada como espaço de socialização das novidades que melhoram a vida das pessoas ao facilitar o estudo, possibilitando o aprendizado da leitura e da escrita e muitos outros assuntos. A escola é vista como forma de inclusão no mundo da instrução. Lembram que no período de suas infâncias, a escola fazia as pessoas que as freqüentavam ser mais preparadas para a vida e dava status social.

O papel da escola é definido pelos que vivem a realidade da exclusão e percebem o problema social, como possibilidade de fuga e o distanciamento dos limites para as atitudes diferenciadas das praticadas

por seus pais e avós, em relação à educação escolar dos filhos. Tornaram-se "brotos" murchos que não atingiram a maturação para darem vida às "flores" para que delas vingassem os frutos do desenvolvimento da "zona proximal".

O aprendizado escolar tem o sinônimo de "fruto" das relações estabelecidas com o outro, pois "[...] o aprendizado humano pressupõe um processo, a partir do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam"⁸¹. A escola é o processo de encadeamento de relações continuadas, nem sempre conexas, mas que possibilita o exercício de um pensamento que, abstrai da realidade, problemas que possibilitam o desenvolvimento cognitivo, a ativação de conexões, o aprendizado⁸². A importância da vida escolar está na formação de idéias complexas, no desenvolvimento cultural, na relevância do aprendizado da leitura e da escrita para a vida.

No relato dos adultos nascidos entre 1916 e 1983, que trabalharam na infância e adolescência, a visão de seus pais sobre a escola é lembrada na observação da importância da escola reafirmada na qualidade de instituição vista como formadora de cidadãos e transmissora de conhecimentos que possibilitam o estudo, a educação, o aprendizado da leitura, da escrita e da contabilidade. Tudo o que, naquele contexto, é

⁸¹ Vigotski, 1998, p.115.

⁸² Ibidem.

entendido como preparo profissional, ensinamento de conteúdos úteis à vida produtiva que possibilitavam um futuro diferente na cidade.

Essa visão não excluía a compreensão de 39% dos pais de que a escola, apesar de ter um papel importante na vida das pessoas, não atenderia à demanda rural por continuarem crendo que os filhos dos trabalhadores rurais seriam trabalhadores rurais e não íam para a escola devido à falta de recursos financeiros, falta de transporte e interesse dos pais em manter os filhos estudando quando poderiam estar trabalhando, produzindo para a família. As poucas escolas eram distantes, faltava roupa e calçado e o sono impedia a freqüência daqueles que, mesmo diante das dificuldades, procuravam pela escola.

Constatamos que o índice de analfabetismo dos pais dos adultos, que relataram suas infâncias era alto; dos trinta e seis, trinta e quatro tinham pais analfabetos. Os dois alfabetizados mandavam os filhos para escola enfrentando as dificuldades (falta de transporte, falta de roupa e calçado, cansaço...) por vislumbrarem a possibilidade de uma vida mais digna para seus filhos.

De todos os ouvidos, quatorze realizaram a tentativa de voltar a estudar na adolescência, desistindo no primeiro mês de aula. Os quinze que freqüentaram escola, embora por alguns dias, são capazes, dezenas de anos mais tarde, de exemplificar a importância da escola em suas vidas. Aprender a assinar tem o maior significado, superando inclusive a expectativa da obtenção do diploma. A profissionalização possibilitada

para os que aprenderam ler e escrever assume o segundo lugar no apontamento dos benefícios da escola na vida de um trabalhador braçal. A escola significa a garantia de superação da condição de analfabetismo reinventando a perspectiva de vida futura.

Segnini⁸³, ao escrever sobre o "Controle e resistência nas formas de uso da força de trabalho em diferentes bases técnicas e sua relação com educação" faz menção, ao processo de alfabetização desencadeado na década de 1970, pelo setor de transformação.

Eliminar o analfabetismo tem sido colocado como exigência fundamental. As empresas têm desenvolvido programas internos ou estabelecido convênios para tanto, como por exemplo, a Autolatina, Bradesco, Fundação Tupi, Moinho Santista, Freios Varga, Aços Finos Piratini e tantas outras.

O reconhecimento da necessidade da democratização do processo de aquisição da linguagem escrita, para o desenvolvimento do setor secundário de produção é corrente no pensamento dos trabalhadores rurais brasileiros quando realizam a leitura da realidade imediata de suas vidas. O potencial intelectual desperdiçado no trabalho braçal pode ser desenvolvido se cultivada a vida escolar. As crianças constatarem a situação de vida a que são sujeitas e pensam em dar continuidade a suas vidas sobrevivendo no mesmo contexto mas com outra situação

⁸³ Segnini, 1994, p.66.



econômica e cultural. É comum manifestarem o desejo de formar família, casar e ter filhos. Podemos constatar essa manifestação nas seguintes falas:

Quando eu crescer eu quero ser uma advogada para ajudar todo mundo que precisa e também ter uns quatro filhos e ter um marido bom⁸⁴. [...] eu queria ser adulta, eu queria ser uma cantora, uma cantora e ter bastante fama e ter os filhos, os filhos que valorize a mãe que tem.⁸⁵

Apesar de dizerem que querem uma profissão diferente, afirmam querer continuar vivendo no mesmo lugar. O lugar de referência, no caso destas meninas, é uma área de ocupação na zona rural. Este exemplo mostra razões que, entre outras aqui não-exploradas, fundamentam a importância da escola no desenvolvimento intelectual, o pensamento capaz de abstrair problemas e soluções, independente de fatos reais, cotidianos. É o desenvolvimento da imaginação que é negado aos trabalhadores precoces, sem tempo para atividades de criação. O que pretendem, para o futuro, é pensado dentro da realidade vivida na infância. Na escola, como escreve Ratner⁸⁶,

[...] aprendemos a ler, escrever e a fazer cálculos para usar uma variedade de situações não-específicas,

⁸⁴ V. S., (+ -12 - sexo fem.), Cruzeiro do Sul/PR.

⁸⁵ R. V. N., (10 - sexo fem.) Cruzeiro do Sul/PR.

⁸⁶ Ratner, 1995, p.85.

enquanto crianças não-escolarizadas aprendem a usar instrumentos práticos para fins específicos.

A escolarização, na vida da criança, permite a formalização de conceitos e o desenvolvimento cognitivo pela abstração. A cognição dos trabalhadores precoces, processada nas atividades penosas socialmente impostas para o desenvolvimento do setor primário de produção, através do trabalho informal, não permite a escolarização, impossibilitando o desenvolvimento das atividades cognitivas em todo seu potencial. Nesse universo de vida, as abstrações generalizadas que os trabalhadores precoces realizam, fazem parte do mundo dos sonhos com uma vida diferente, e condições materiais adequadas a uma vida digna. É a imaginação que os leva à abstração de um mundo diferente do mundo concreto que descrevem - "É o lugar onde nós sobrevive".⁸⁷

O mundo sonhado está relacionado à garantia de segurança econômica.

Observamos, em atividade de desenho livre e escrita, desenvolvida com crianças e adolescentes trabalhadores do Município de Alto Paraná/PR, no ano de 2001, que a dificuldade em criar, em imaginar cenários que não sejam os de seus cotidianos, limita a possibilidade de atividades que não sejam estritamente necessárias à sobrevivência, inclusive na escola. Se um desenha um coqueiro, os demais tentam copiar. Se um escreve uma poesia popular, os demais copiam. Ao

⁸⁷ M. S. (16 - sexo masc.) Roteiro/AL.



colorirem os desenhos, apresentam preocupação com a fidelidade das cores presentes nas plantas e objetos reais. Apresentam dificuldade em aceitar o uso de cores que não sejam primárias.

Em alguns momentos, durante a realização de desenhos, não conseguiam socializar os lápis coloridos. Todos queriam as mesmas cores, as primárias. Somente após a intervenção de adultos questionando sobre o problema, conseguiram estabelecer acordo para o uso coletivo. Preferiam esperar pela cor desejada a arriscar o uso de cores que não reproduzissem a cores reais das plantas e objetos.

Estudos de Vigotski⁸⁸ apontam que "Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas".

Entendemos que a escola têm, como papel fundamental, o de possibilitar o trabalho coletivo orientado para o exercício da imaginação criativa, no desenvolvimento de atividades de abstração de descobertas, de formação de novos conceitos. A relação professor-aluno (adulto-criança) nas circunstâncias de aprendizagem exerce função essencial na vida escolar, por constituir formas de transmissão e aquisição de conhecimento, além das desenvolvidas entre as crianças.

Relatam os trabalhadores que a escola, ao ensinar a ler e escrever, possibilita a inserção num mundo de responsabilidades sociais onde é possível sonhar com a prosperidade do trabalhador, com a possibilidade

de planejar a vida. Mediante estas considerações, quinze acreditam que a escola é fundamental para a vida das pessoas, com base em experiências próprias. Os outros vinte e um, que nunca freqüentaram escola, afirmam não saber se a escola é importante na vida, mas sabem dizer as inúmeras dificuldades na vida de um analfabeto, a começar pelo desemprego e desamparo social. O sonho, com uma vida diferente da vida rural de trabalhador temporário na zona rural, aparece vinculado à perspectiva de ser operário assalariado na zona urbana, como podemos verificar no relato de J. F. S. (22 - sexo masc.) Roteiro/AL: "Meu maior sonho é ter um serviço fixo no setor industrial."

Os Sonhos

Participar da vida escolar tem o significado de poder sonhar e realizar desejos neles contidos, como poder brincar e aprender ler e escrever. Os sonhos, em grande parte não realizados pelas crianças trabalhadoras dos últimos 83 anos, de acordo com as amostras que colhemos para este estudo, são lembrados como conseqüências da falta de estudo provocada pelo trabalho precoce. Temos, como exemplo, o relato de D. F. S. (25 - sexo mas.) Roteiro/AL:

⁸⁸ Vigotski, 1988, p. 115.



É importante ir para escola apesar de eu não ter a oportunidade de frequentá-la, hoje eu estou tentando dá a volta por cima e saí da lista dos analfabetos.

Observamos que os sonhos não-realizados obedecem a três ordens de prioridade:

O sonho em ter brinquedos, uma vida confortável, roupas, um meio de locomoção como a bicicleta, um carro, é manifesto e explicado mediante à situação de privação, de pobreza, pela falta de condições dignas de vida na zona rural. São sonhos, com coisas concretas, às quais não se podia ter acesso. Os sonhos essenciais são relativos ao futuro, como o de ser artista ou jogador de futebol, médico ou advogado, ser mais inteligente, trabalhar vivendo com tranquilidade. É o sonho que possibilita estar em outros lugares e ser outra pessoa.

Os sonhos de poder estão relacionados à saída do campo, ao poder brincar com colegas. Divertir-se, namorar e deixar de trabalhar; ficar adulto logo e casar. Comprar um pedaço de terra e livrar-se do patrão, passear, ir embora da roça. O relato de I. V. S. (52 - sexo feminino) Maringá/PR, é um exemplo: "Sonhava ser mais inteligente. Sonhava sair bastante, deixar de trabalhar na roça, queria casar".

É o sonho com a fuga da situação de trabalho penoso em idade precoce e da fome endêmica explicada por Josué de Castro (1992 e 1957), Wilkinson (1974), Minayo (1985), Chonchol, (1989), e também pelo

Pontifício Conselho "COR UNUM", (1997), como a forma mais cruel de controle das populações praticada em todo o mundo capitalista.

Além do sonho de expectativas de vida, também apresentaram os sonhos perturbadores do sono. O sonho comum durante o sono, relatado por todos os trabalhadores era sonhar que os serviços executados no dia-a-dia não tinham fim. Apesar da existência dos sonhos de expectativa, o medo aparece durante o período de repouso provocado pelo desconforto e desencontro com a realidade de sua vidas.

Os sonhos de conquistas intelectuais dos trabalhadores precoces de hoje são referentes ao aprendizado da leitura e da escrita, como caminho que poderiam seguir para vencer as dificuldades da vida rural. É comum a manifestação do desejo de "ser professora, estudar sempre, desenvolver a inteligência" uma vez que entendem (tanto os trabalhadores, hoje, adultos, como os trabalhadores precoces atualmente em atividade) haver dificuldades de aprendizagem entre os trabalhadores precoces. Estes sonhos com a possibilidade de desenvolvimento dos potenciais intelectuais são definidos como sonhos gerais, comuns a todos os trabalhadores precoces. As pessoas adultas, ao falarem deste sonho comum de realização intelectual, expressam, no olhar e no tom das palavras, o desejo de liberdade, para brincar, estudar e viver sem a necessidade do trabalho. Este sonho de liberdade, muitas vezes, é manifestado com um broto de lágrima, como sonho perdido por aqueles



que passaram a vida trabalhando. É o sonho que representa o desejo da coletividade dos trabalhadores precoces de todas as épocas.

São sonhos de liberdade que configuram os pensamentos para as lembranças do passado seja ele distante ou não. O sonho com a liberdade e exercício de projeção de vida, independente das condições reais de vida.

Entre todos os sonhos, demonstram os trabalhadores, que os maiores, os mais significantes dizem respeito à necessidade de fuga do trabalho penoso, quando crianças. Foram citados como sonhos para com o futuro: ter poder de decisão sobre seu trabalho, sobre sua vida, ficar rico, ter saúde, ter amigos, deixar de trabalhar na roça na condição de assalariado temporário, deixar de ser criança e constituir família. São sonhos relacionados com uma vida digna, com garantia do direito econômico para a manutenção da integridade física e emocional sua e da família, como podemos observar na manifestação do sonho de J. T. S. (33 - sexo masc.) Roteiro/AL:

Sonhava ir embora daquele lugar, casar, ter filhos, família, ter uma condição de vida melhor para ajudar minha família e pessoas necessitadas.

Os maiores sonhos imediatos relacionados à infância foram identificados, como ter um brinquedo e ter recursos financeiros para realizar os pequenos sonhos, o que entendemos ser o sonho com o direito de viver os sentimentos e ter lazer, ao falarem da obrigação do

trabalho para o sustento, como o motivo da falta de tempo para convivência familiar, para o lazer e para as brincadeiras.

Na idade adulta, revelam, que os sonhos essenciais, de realização pessoal, perderam-se. Restaram os sonhos de ter paz, saúde, uma habitação, um pedaço de chão ou ter um trabalho fixo no setor industrial, ter condições para manter a saúde dos filhos. Quando adultos, aqueles que viveram a realidade de suas infâncias submetidos ao trabalho precoce, revelam a falta de expectativa de vida, de esperanças, de futuro.

Os sonhos de poder diminuem. Restringem-se, tão somente, poder viver melhor. Aqueles que moram na cidade pensam em comprar um pedaço de chão. Os que vivem na zona rural sonham em parar de trabalhar no campo e aposentar-se, ou na impossibilidade de realizar esse sonho, poder manter-se ocupado, trabalhando para, unicamente, realizar uma boa compra de alimentos por mês. São sonhos com a realidade imediata.

Os sonhos com o futuro, são reduzidos. De modo geral, sonham ganhar na loteria e organizar a moradia. 99% dos trabalhadores ouvidos que viveram a realidade do trabalho precoce sonham, na vida adulta, com o direito à dignidade e cidadania, como é o caso de M. Q. C. B. (49 - sexo fem.) residente em Roteiro/AL: "Sonho ficar bem de vida, fazer uma boa casa pra morar" e de N. P. R. (44 - sexo fem.) residente em Maringá/PR:

Quando criança sonhava ter uma boneca e nunca pude ter. Depois sonhei casar e morar na cidade. Vim mas

continuei a trabaia na roça até minha menina morrer queimada na roça de algodão, era recém-nascida. Hoje sonho que meu marido vai parar de beber e eu de trabaia.

Estes sonhos são demonstrativos da condição do trabalhador braçal vivida pela população rural em atividades penosas desde a infância. São expropriados no direito de sonhar com o futuro. Esse destituir do trabalhador é característico do processo de exclusão que nega ao homem o desenvolvimento da imaginação, que possibilita pensar livremente, planejar o futuro, alimentar esperanças, ter expectativa de vida. O desenvolvimento desse importante processo cognitivo é limitado, inibido, exaurido, expropriado.

Estas observações apontam os limites impostos no processo de exclusão aos trabalhadores desde a infância, no que lhe é de direito humano poder desenvolver, entre outros, a imaginação como fonte cognitiva que alimenta os sonhos.

Ao chegar à idade maior, os trabalhadores apresentam dificuldade de pensar em vida futura, uma vez que, imaginar o futuro, foi um sonho não-realizado na infância e na adolescência. Parecem condenados a viver apenas o presente, com as lembranças de um passado embrutecido pela dura realidade do trabalho que continua a penalizar suas vidas adultas, ao constatarem as conseqüências da vida de trabalhador braçal avaliadas como negativas.

A Fome

Na América Latina, escreveu Chonchol⁸⁹,

A progressão da fome na economia de plantation⁹⁰ foi freada enquanto existiram as "roças". Mas com as grandes usinas e a monocultura açucareira de exportação, a crise alimentar abateu-se sobre a população. Atualmente, o plantio de cana adentra as cidades e os camponeses alimentam-se apenas de feijão-preto, carne-de-sol. Nada de peixe, nada de leite, nada de vitaminas [...]. A altura média dos camponeses diminuiu.

Para Wilkinson⁹¹,

A verdade da questão é que a escassez é, tanto uma pré-condição para a existência de relações de exploração, como o motivo do desenvolvimento, e um estado de abundância que favorece a estabilidade.

No ano de 1985, Abramovay⁹², alertava sobre o problema da fome no Brasil ao lembrar "[...] que o país produz 150 milhões de toneladas de cana por ano, mais 1,7 milhão de toneladas de feijão [...]".

⁸⁹ Chonchol, 1989, 162-163. (Chonchol - engenheiro agrônomo, foi ministro da agricultura no governo Allende, no Chile. No ano de 1989, foi diretor do Instituto de Altos Estudos da América Latina, na Universidade de Paris - III).

⁹⁰ Economia de Plantation é a economia agrícola, o setor primário de produção.

⁹¹ Wilkinson, 1974, p. 217.

⁹² Abramovay, 1985, p. 86.

No ano de 1999, a safra brasileira de grãos foi de 82,6 milhões de toneladas, a soja e a cana de açúcar, para exportação, tiveram um aumento de 1,9% e o Brasil foi o 3º maior produtor de cana do mundo. No ano de 1996, a produção de laranja aumentou 10,8%, 21.811 toneladas. Em 1997, o Brasil produziu 32% da produção mundial de laranja, sendo considerado o maior produtor mundial. As regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, foram responsáveis por 90% das lavouras.⁹³

Pensando sobre esta questão, observamos que o Estado do Paraná, que ocupa uma área de 199.709km quadrados, tem sua economia agrícola baseada na cana-de-açúcar, milho, soja, trigo, café e mandioca. No mês de agosto de 2001, exportou, pelo Porto de Paranaguá, 171 mil toneladas de açúcar e teve 1,5 milhão de hectares de milho plantados, 17% menos que no ano de 2000.

No mês de setembro de 2001, foram vendidas no Brasil 140 colheteiras de cana, 26% a mais do que nos anos anteriores. Essas máquinas foram vendidas ao preço de 555 a 600 mil reais cada. A Cameco do Brasil, reuniu em Ribeirão Preto/SP, 150 produtores para demonstrar suas máquinas. Eles faturam acima de 1,8 milhões por ano com a cana e por isso são visados como potenciais compradores em condições de investir na mecanização. O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) criou linha de crédito especial para compra de máquinas agrícolas intitulada Madefrota, com taxas fixadas de

⁹³ Disponível em <http://www.mre.gov.br/textos/brasilsint/agricultura-n.htm> - acesso em



8,75% e 10,75%, de acordo com o tamanho da propriedade, incentivando esta forma de trabalho.

Observamos, também, que a concentração da produção de cana coloca o Estado de Alagoas em 2º lugar e o Estado do Paraná em 3º lugar no país. No ano de 1999 a liderança de produção média foi do Paraná, com 334.439 ha e 27.634.744 toneladas de cana. O Paraná ocupa 4,8% da área de exploração agrícola, mais nobre em qualidade, com cana, o equivalente a 6% das propriedades do Estado, cerca de 24.538 estabelecimentos médios. Na região de Umuarama, ocupa 20,8%; Maringá, 15,6; Jacarezinho, 13,5%; Londrina, 12,8%; Cornélio Procopio, 11,3% e Paranavaí, 11,6%.

A média de produtividade brasileira no ano de 1999 foi de 72.181 kg/ha. O destaque regional foi do Paraná com 82.630 kg/ha e Alagoas com 61.532 kg/ha. O estado de Alagoas ocupa uma área de 27.933 km quadrados e tem sua economia agrícola baseada na cana, no coco e no fumo e possui uma população de analfabetos de 41,61%. A produção nacional, no ano de 1999, foi realizada com a ocupação de setenta e três mil, quinhentas e trinta e três pessoas. Somente no Estado do Paraná são vinte e nove empresas - entre Usinas e Destilarias, representando 8,3% das unidades em operação no Brasil.

O café também merece destaque. Eram cento e quarenta indústrias de torrefação no Paraná no ano de 1999. Beneficiam em média

novecentos e quarenta mil sacas por ano. Vale lembrar que o consumo interno é de 4,06 kg/habitante/ano, ou seja, setecentos e dez xícaras de 50 ml/habitante/ano.⁹⁴

Os números ajudam-nos a entender o medo da fome sendo transformado em sonho com uma realidade onde famílias de trabalhadores tenham poder econômico para comprar alimentos em quantidade e qualidade necessárias para uma vida saudável.

⁹⁴ Disponível em [CNN.com.br/http://cnn.com.br/2001/brasil/08/30/safra/](http://cnn.com.br/http://cnn.com.br/2001/brasil/08/30/safra/); <http://www.brasil.gov.br/mapa/parana.htm>; <http://www.utv.br/poscolheita/noticias.htm>; Secretaria da agricultura e do abastecimento do Paraná - SEAB (seab@pr.gov.br).

CAPÍTULO II

OS TRABALHADORES PRECOCES



Foto: Maria Aparecida Cecílio. Cruzeiro do Sul/PR, dezembro de 1999.

Este capítulo é dedicado às crianças e adolescentes ouvidos nos anos de 2000 e 2001, que vivem a realidade do trabalho na zona rural e encontram-se em situação-limite. Abordamos questões semelhantes às

abordadas com os adultos que trabalharam na infância e adolescência em atividades braçais na zona rural. Observamos que a condição de vida da população infanto-juvenil, que trabalha na zona rural no início do século XXI, é desumana. Vivendo a exclusão dos direitos à cidadania, alimentam expectativas sobre a possibilidade de freqüentar a escola, traduzindo um grande sonho, o de ler e escrever. A necessidade da leitura e da escrita, entendidas como instrumentos cognitivos, lembra-nos Ratner⁹⁵, que, ao discutir, o uso de instrumentos cognitivos considera que os mesmos "fortalecem a consciência ao conferir um sentimento de domínio sobre as coisas".

O sonho com o poder ler e escrever simboliza, diante da condição de vida do trabalhador precoce na atualidade rural brasileira, o domínio do uso de suas energias para o trabalho diante da impossibilidade de realizá-lo. Este domínio da força físicomotora possibilita o vislumbre de uma realidade que permita o desenvolvimento do trabalho intelectual, uma vez que o trabalho braçal pode resultar em dinheiro, que traduz o sonho com uma perspectiva de vida distinta de sua realidade imediata. Mediada pelo trabalho braçal em jornadas excessivas e em atividades cada vez mais degradantes, a vida dos trabalhadores precoces não permite o tempo para a escola e para a brincadeira.

Observamos, ao comparar os depoimentos dos adultos que trabalharam na infância e na adolescência com os depoimentos do

⁹⁵ Ratner, 1995, p.45.



trabalhadores precoces em atividade, que os conceitos de brincadeira passaram por transformações que os diferenciam. A brincadeira perdeu a coletividade como característica essencial. A referência da família na formação dessa população, seus conceitos de mundo e as conseqüências do trabalho precoce e penoso, são questões compreendidas como indicadores de desenvolvimento biopsicológico, por representarem o universo de vida de uma população excluída do direito à escola, à alimentação, à saúde, direito à infância, assim como as gerações de seus pais e avós.

O agravante, na vida da população que vive essa realidade, é a não-existência do espaço entre o trabalho e a brincadeira. O desejo de brincar é realizado nos limites do condicionamento da brincadeira imaginária em situações de trabalho, ou quando possível, aos domingos com seus vizinhos próximos.

No processo de urbanização do Brasil, a condição de vida da população pobre e produtiva, que sobrevive do trabalho precoce, assume caráter penoso. Nos estados do Paraná, Região Sul do País e Alagoas, Região Nordeste, a sobrevivência dessa população assume características distintas de relacionamento familiar, pela obrigatoriedade de os filhos trabalharem. Suas atividades fazem parte dos processos de extração em atividades do setor primário das cadeias de produção que concentram trabalho braçal em atividades desumanas, impostas socialmente, também, a crianças e adolescentes. São atividades que

depreciam a condição humana de necessidades superiores, próprias do desenvolvimento humano, como, por exemplo: o exercício afetivo-emocional no grupo familiar e o exercício do pensamento abstrato com a contribuição da escola e, somados a estes, todos os exercícios que podem ser realizados no brincar.

No que se refere ao grupo familiar, encontramos na síntese dos estudos antropológicos de Hugles, sobre as mães pobres, no Brasil, lembrada por Ratner⁹⁶, exemplos da mediação do trabalho precoce na vida familiar, mais precisamente, no relacionamento mãe e filho.

O apego maternal pelos filhos e o pesar pela perda de um filho alicerçam-se em compreensão cognitiva socialmente mediada: não são naturais. [...] As crianças um pouco mais velhas são incorporadas à família e a expectativa é de que vivam e contribuam para o bem-estar material e psicológico da família.

Para Hugles, conforme mostra Ratner, a criança passa a ter importância para as famílias pobres no Brasil quando começam a trabalhar. Perdê-las seria ruim para a família, seria prejuízo. Ratner refere-se ao trabalho de Hugles para mostrar que o instinto maternal, o sentimento de apego, não é um sentimento universal, e que as condições sociais podem transformá-lo.

⁹⁶ Ibidem, p 76.



O Brasil é um dos países que possuem Constituições Federais mais completas, um Estatuto da Criança e do Adolescente considerado mundialmente avançado. Embora isto, as práticas sócio-educativas garantidas em lei não atingem a população rural, assim como os direitos econômicos garantidos na Constituição Federal. A lei e a prática da justiça social não andam de mãos dadas. Além de injusta e desumana, a condição de vida dos trabalhadores precoces é ilegal e permite a degradação humana como nos mostra Ratner de acordo com o trabalho de Hugles.

Constatamos que 100% das crianças e adolescentes entrevistadas nos anos 2000 e 2001, para este estudo, revelam que seu maior sonho é aprender a ler e escrever, alfabetizar-se. Alguns sonham tornarem-se professores. Imaginam a escola como um lugar de aprender a ler e escrever e acreditam que é uma instituição importante para todas as pessoas, independentemente de sua situação socioeconômica. Descrevem o lugar como sendo uma sala cheia de cadeiras, bancos, mesas, giz, livros, alunos, quadro, apagador e professor. Imaginam um ambiente onde todas as pessoas ficam lendo e escrevendo, imaginam a escola como o lugar que possibilita um jeito diferente de viver. Como diz D.P.S. (12 - sexo masc.) Roteiro/AL:

A escola é pra aprender a ler e escrever. A gente aprende a ler e escrever e arranja serviço em todos os lugares. Vejo cadeira, quadro, giz, muitos livros e muitos

alunos. A escola é boa, as pessoas brincam, estudam. O papel da escola é ensinar, ela serve pra preparar o aluno a ler e escrever.

A. F. S. (8 - sexo masc.) Cruzeiro do Sul/PR, diz que "a escola serve pra qualquer coisa que a gente quiser na vida".

Acreditam que a escola deve valorizar o estudo das pessoas, sua leitura e escrita. Deve também ser espaço para as pessoas brincarem e estudarem e, ainda, profissionalizarem-se em computação. Pensam na escola como algo público que oferece material didático para os estudantes e propicia a ampliação da prática da leitura, pelo prazer. Imaginam um espaço para ler, brincar, correr e comer merenda. É a projeção de tudo que desejam desfrutar. Mas, ao mesmo tempo, são cientes do resultado da forma de trabalho que executam na zona rural brasileira, como bem escreveu Antunes⁹⁷, como "[...] resultante da forma do trabalho na sociedade capitalista tem-se a desrealização do ser social".

Entendem que o papel da escola, na visão de quem não a freqüenta, como é o caso da maioria dos trabalhadores precoces em atividade na zona rural, é o de preparar o aluno para ler, escrever e ensinar o que ele precisa para aprender ler e escrever. É ajudar as pessoas a "arrumarem" condições para um serviço melhor, um serviço que não seja desumanizante. Compreendem que a escola tem que

⁹⁷ Antunes, 1999, p.124.

preparar as pessoas para o ingresso no mercado de trabalho formal. Manifestam o entendimento de que a escola tem o papel de "[...] ensinar os povos sendo um lugar para todas as pessoas aprenderem alguma coisa, tem o papel de ensinar as pessoas a se respeitarem"⁹⁸.

Argumentos sobre o trabalho precoce

Entre as pessoas adultas ouvidas para este estudo, os que argumentam que o trabalho precoce não atrapalha o desenvolvimento humano somam 50%. Justificam o posicionamento, com o argumento de que o trabalho precoce dá força para a vida adulta, desenvolve na criança a coragem que permanece no adulto possibilitando o "enfrentamento" dos problemas da vida adulta. Consideram que o trabalho livra as crianças e adolescentes da marginalidade, oportunizando a formação de um adulto responsável, "trabalhador". Podemos constatar esse pensamento no seguinte depoimento:

[...] tenho dez filho aí. Mais chega da escola, não vai ficar brincando também. Não, vai fazer alguma coisinha, por que ele come, bebe e vesti. Ali serve pra me ajudar e serve prá eles também. Agora, hora de ir pra escola, vai é pra escola que vai estudar. Comigo sempre foi assim. Os mais velhos nem tanto. Não teve estudo por que a gente

⁹⁸ Resumo elaborado por J. A. S. S. (13 - sexo masc.), e J. B. S. (15 - sexo masc.) -

morava naquele buracão, das ilhas lá. Lá não tinha escola. Ficaram sete anos lá, agora tem que estudar [...], o colégio táli a mil metro. Só não estuda quem não tem vontade por que está disponível pra eles ir na aula. [...] Eu falo pros filhos: vão trabalhar, vocês são novo. Serviço não mata ninguém, pelo contrário, faz bem pra saúde. Não facilita não, que nada cai do céu. A gente tem que fazer com os braços⁹⁹.

A lógica usada para justificar o trabalho precoce está vinculada à idéia de que o trabalho é responsável pela dignidade humana e que só o trabalho precoce garante trabalho para subsistência na vida adulta. Para ser um cortador de cana, com trabalho garantido na vida adulta, é necessário trabalhar cortando cana na infância para aprender a profissão e ser campeão na produção, confirmando assim, o poder de ideologização no processo de formação do trabalhador. Essa lógica é fundamentada como lei da vida para os roceiros, uma vez que o entendimento da realidade concreta, para quem vive da zona rural, é de que só existe trabalho braçal para o roceiro e por esse motivo as pessoas devem entrar em contato com o meio desde cedo. Utilizam o argumento do trabalho como valorização da vida do homem; o homem é aquilo que produz. Retomamos a frase de José João Paulo da Silva¹⁰⁰, 79 anos,

Roteiro/AL.

⁹⁹ A. F. S. - (+ - 45 - sexo masc.) Querência do Norte/PR - 2000 (entrevista concedida a Elias Canuto Brandão).

¹⁰⁰ Cf., Folha de São Paulo - Caderno Especial, 1º/05/97, p. 6.



(Zona da Mata Pernambucana), citada na introdução deste trabalho para que possamos observar o quanto este pensamento é real: "[...] só não cai na palha da cana aquele que tiver a sorte de morrer quando nasce".

Ao equacionar a produção da mais-valia absoluta, Marx¹⁰¹ responde ao que entende por jornada capitalista, apontando suas conseqüências para a vida do trabalhador, o que explica a essência da frase de João Paulo:

Entende-se por si, desde logo, que o trabalhador durante toda sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho, portanto, pertence à autovalorização do capital. Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças vitais físicas e espirituais, mesmo o tempo livre do domingo - e mesmo no país do sábado santificado - pura futilidade! Mas em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por mais-trabalho, o capital atropela, não apenas os limites máximos morais, mas também os puramente físicos da jornada de trabalho. Usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção sadia do corpo.

¹⁰¹ Marx, 1988, p.202.

Constatamos, na população adulta investigada, que 55% dos que trabalharam na infância e adolescência apresentam problemas de saúde atribuídos ao trabalho precoce e penoso. Os problemas mais comuns vividos são próprios das atividades realizadas sob exposição ao sol, chuva e frio, alimentação inadequada, água imprópria para consumo, produtos químicos e movimentos repetitivos e de deslocamento do centro de equilíbrio do corpo, contrariando o seu funcionamento mecânico e humano, o que caracteriza a atividade penosa e seqüelas de acidentes de trabalho.

O balanço do corpo envergado, ao realizar atividades como o corte da cana, a capina, entre outras, com uso de força para o movimento do braço ao conduzir o instrumento de trabalho, exige do trabalhador posturas irregulares, forçadas por movimentos repetidos e repetitivos.

Os trabalhadores movimentam seus braços repetidas vezes durante a jornada diária de trabalho, agarrados a instrumento que pesa dois ou mais quilos, como o podão e a enxada. Observamos que o peso do braço pode causar desequilíbrio. Se somado ao peso da ferramenta e ao impulso para a realização de um movimento, podemos considerar as possibilidades de desequilíbrio potencializadas.

Os trabalhadores da zona rural executam suas atividades em pé, oscilando a inclinação a todo momento. Essa oscilação de posição está relacionada ao centro de gravidade localizado na bacia de nosso corpo.



Podemos dizer então, que a pessoa que trabalha capinando, arrancando mandioca, cortando cana, colhendo feijão e café, por exemplo: trabalha em posição desequilibrada porque mantém seu centro de gravidade oscilando ou, diariamente, deslocando-se da bacia.

Observamos, nas conversas com os trabalhadores infanto-juvenis, freqüentes reclamações de dores nas costas. Entendemos que essas dores sejam a manifestação das conseqüências das posturas assumidas por seus corpos durante o trabalho, provocado pelo esforço exigido nas atividades realizadas com movimentos repetitivos, oscilados e de inclinação, são "reflexos posturais".

As posturas, nas atividades realizadas na zona rural, exigem o distanciamento entre os pés, o que modifica a "base postural", refletindo nos tornozelos, joelhos e articulações coxofemorais. A conseqüência é atribuída ao fato de baixar o centro de gravidade com freqüência.

O cansaço reclamado pelos trabalhadores, pode ser analisado sob a perspectiva da má organização dos esforços exigidos pelo trabalho, nas atividades desenvolvidas no trato com as lavouras, o que reforça o caráter penoso das tarefas executadas por crianças e adolescentes.

Os trabalhadores reclamam por sofrerem fortes dores de cabeça durante o tempo de trabalho, o que, entendemos, ao avaliarmos as condições de realização de suas atividades, que estas dores podem provavelmente ter como causa a falta de oxigenação cerebral, devido às

posturas assumidas, ao baixo consumo de água e pela alimentação escassa e na maioria dos casos, inadequada para o desenvolvimento.

A julgar por estas informações, a vida física do trabalhador precoce é deformada pelo trabalho que o condiciona a posturas que exigem o deslocamento do equilíbrio durante longas jornadas diárias de atividades pesadas e penosas. Mesmo considerando que esse tipo de trabalho seja realizado durante quatro horas diárias, será atividade penosa. Se, durante dois meses acamado, o ser humano apresenta alterações ósseas por manter-se deitado, sem o exercício de equilibrar-se em pé, entendemos que as posturas de deslocamento do equilíbrio do corpo podem causar danos ao ser humano em desenvolvimento, a começar pela estrutura física.

As doenças que se manifestam na vida adulta, se observadas as explicações biomecânicas, podem constituir e abranger as conseqüências do trabalho precoce, apesar de afligirem também os não trabalhadores rurais. Encontramos adultos que trabalham desde crianças e que, na idade maior, sofrem com artrose, bico de papagaio, úlcera, infecção das colunas vertebral e cervical, cicatrizes, rompimento de ligamentos por cortes com ferramentas de trabalho e folha de cana, deslocamento e desgaste de vértebras das colunas, hipertensão, nervosismo, intestino preso, deficiência na aprendizagem, perda precoce dos dentes, dores generalizadas, déficit de visão, olfato e audição, diabetes, inquietude, perda de membros, atrofia muscular; obsessão pelo trabalho, sonhos

perturbadores, reumatismo, varizes, queimaduras, derrame cerebral e ocular, dor de cabeça.

A projeção das manifestações de doenças sofridas pelos adultos que trabalharam precocemente são fatores que nos levam a considerar o estado de saúde dos trabalhadores precoces, na vida adulta, como consequência do trabalho penoso. São fatores que acentuam os indícios de que trabalho precoce seja causa primeira. São causas que nos lembram Marx ao escrever que: "O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa".¹⁰²

Observamos que 50% dos adultos ouvidos afirmam ter vida regular. São as pessoas que trabalharam em regime familiar sem a obrigação de ser produtivas, sem executar atividades penosas.

Entre o trabalho e a brincadeira

[...] a representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade assim leva diretamente à linguagem escrita¹⁰³.

¹⁰² Ibidem, p.180.

¹⁰³ Vigotski, 1988, p.147.

A brincadeira coletiva, característica do período de exploração da mão-de-obra infanto-juvenil nas unidades familiares de produção, é a manifestação da existência do espaço de vivência entre o trabalho e brincadeira. Os adultos que relataram suas infâncias e adolescências vividas entre as décadas de 1920 a 1980, lembraram de trinta e uma brincadeiras coletivas praticadas aos domingos.

Observamos que, antes da introdução do trabalhador precoce na monocultura como unidade produtiva, ou seja antes da década de 1970, apesar da exploração praticada por suas famílias nas atividades agrícolas, as crianças e os adolescentes brincavam nos horários de descanso e aos domingos. Havia possibilidade de construção do espaço para brincadeira em suas vidas. Esse espaço era coletivizado, socializador e humanizante, pois possibilitava o desenvolvimento da comunicação humana, não apenas em palavras, mas em gestos, sentimentos, expressão física e cultural.

Havia o encantamento na vida da população trabalhadora ao agir sobre os objetos transformando-os em brinquedos. A magia de transformar a espiga de milho em boneca, a abóbora em vaca, possibilitava a brincadeira coletiva, em grupo, promovendo o exercício da imaginação e da criação. Poucas pessoas afirmaram não ter brincado nesse período, mesmo trabalhando muito com sua família.

As brincadeiras lembradas caracterizam a busca da descontração e a simulação de situações reais da vida adulta do grupo familiar e



comunitário de sua convivência durante a infância e a adolescência na construção de padrões de comportamento. Na pesquisa de Luria e Vigotski sobre o desenvolvimento cognitivo, entende-se que as ações desenvolvidas pela criança, durante uma brincadeira, resultam em uma reorganização do pensamento, atividade essencialmente humana na incorporação da linguagem na vida mental da criança. Tal processo é impedido na vida do trabalhador precoce, que se vê sem o tempo para brincar.

Ao aprender atividades complexas com objetos, corrigindo seu próprio comportamento através de relações sociais e adquirindo sistemas lingüísticos complexos, as crianças são levadas, invariavelmente, a desenvolver novas motivações, criar novas formas de atividade consciente e propor novos problemas. A criança substitui suas brincadeiras iniciais de manipulação por outras que envolvem temas e papéis inéditos. Aparecem então regras socialmente condicionadas para essas brincadeiras que se tornam regras de comportamento.¹⁰⁴

São raras as lembranças de brincadeiras não coletivas narradas pelos trabalhadores. Foram lembradas, como brincadeiras individuais, a atividade de andar a cavalo, brincar de boneca e carrinho durante as noites e usar a imaginação na falta de brinquedos e amigos. O caso de I. V. S. (56 - sexo fem.), residente no município de Maringá/PR, ilustra o uso

da imaginação na busca de amigos para brincar. Ela conta: "Eu catava galhas de café e fazia de conta que a galha de café era uma criança e brincava com ela".

Ao falar da imaginação da criança, Vigotskii¹⁰⁵ defende a tese de que a imaginação faz parte dos processos criadores da criança. Para criar, a criança necessita transpor limites do vivido.

Não se limitam, em seus jogos, a recordar experiências vividas, sem que as reelaborem criadoramente, combinando-as entre si e edificando, com elas, novas realidades, de acordo com suas preferências e necessidades. [...] esta faculdade de compor um edifício com esses elementos, de combinar o antigo com o novo, fixam as bases da criação.

Das brincadeiras coletivas praticadas no Brasil até 1970, de acordo com aqueles que foram trabalhadores precoces na época, hoje poucas são praticadas, não só pelos trabalhadores rurais mas por todas as crianças. Ao iniciar os anos setenta observa-se a introdução de brinquedos de material plástico como caminhão, revólver, ambulância, boneca e bola, em alguns casos, brinquedos de plástico derretido e reciclado, na maioria, brinquedos para brincadeiras individuais, próprias de uma nova realidade sócio-histórica.

¹⁰⁴ Luria, 1990, p.25.

¹⁰⁵ Vigotskii, 1987, p.12.

As narrativas lembram brincadeiras coletivas praticadas até a década de 1970 como:

1. Correr em grupo para atrapalhar os namorados que passeavam na praça nos finais de semana: lembram que os meninos achavam divertido passar correndo entre os casais de namorados nas praças das igrejas para separá-los e em seguida observar a reação de cada um.
2. Balançar de cipó sobre vala funda para sentir frio na barriga: esta atividade é descrita como brincadeira de meninos e meninas na busca de emoções fortes e aventuras, que fazem as pessoas perderem o medo de altura e velocidade. Brincadeiras como estas eram realizadas longe dos olhares dos pais.
3. Bater peteca: a peteca, objeto produzido com palha seca de milho e penas de galinha. Objeto produzido por meninas e meninos. Uma peteca motivava um grande grupo na brincadeira que possui regras de jogo. Perde o jogo o grupo que deixar a peteca cair, por mais vezes, durante um tempo previamente determinado. Essa brincadeira é lembrada como uma das mais praticadas por todas as idades nas noites de lua cheia. Requer movimentos físicos rápidos, visão aguçada, noção de espaço e velocidade na resposta ao recebimento-surpresa, do brinquedo.
4. Batizar boneca: a manifestação da influência religiosa da Igreja Católica aparece na brincadeira que aproxima meninos e meninas

na simulação do sacramento do batismo, exigindo concentração, organização e memória para a imitação.

5. Boto, no nordeste. No sul é conhecida como pega-pega: brincadeira mais praticada entre os meninos, sendo na região Nordeste caracterizada pela lenda do "Boto Cor de Rosa" que se transforma em um lindo rapaz que sai da água para pegar as meninas. No Sul, não tem a mesma conotação. É uma brincadeira que estabelece regras de organização (tempo de duração, definição de critérios de escolha do participante que inicia a brincadeira) na adaptação da brincadeira conforme o número de participantes.
6. Casinha de boneca: exclusiva das meninas. A confecção de bonecas com espiga de milho fazia parte da brincadeira, como atividade criadora e de exercício da imaginação.
7. Corrida a pé: mais praticada por meninos.
8. Corrida de saca: consiste em entrar em um saco de estopa e correr pulando com os pés juntos até uma barreira pré-determinada.
9. Cuscuz da véia - consiste em desmanchar escultura de areia sem derrubar o marco inicial de madeira. O participante que derruba sai da brincadeira. O processo de eliminação define o vencedor.

10. Esconde/esconde: brincadeira realizada à noite, em grupos de adolescentes, com regras de comportamento definidas e transmitidas de pai para filho.
11. Fazer bonecas de trapo: a atividade de construção de bonecas também é lembrada como forma de as mulheres adultas descontraírem as crianças de sexo feminino, reproduzindo os afazeres entendidos no grupo familiar, como obrigações femininas.
12. Futebol: praticado por meninos.
13. Imitar mocinhos de filmes de aventura: os meninos pertencentes a famílias de poder aquisitivo, que eram proprietárias de terra, lembram que, mesmo nas famílias equilibradas financeiramente, os filhos trabalhavam e, algumas vezes, durante o ano, assistiam aos filmes no cinema da cidade mais próxima. Os sonhos dos meninos que assistiam os filmes era ser mocinho, ser herói, ser dono do próprio destino e não precisar trabalhar.
14. Jogar bola-de-meia no terreirão: brincadeira exclusiva de meninos. A bola é produzida pelo grupo através da socialização de meias fora de uso. Pode ser observada na zona rural de alguns municípios paranaenses.
15. Jogar burquinha, no Estado do Paraná: exclusiva dos meninos. Essa brincadeira é hoje conhecida no Estado de Alagoas como "Chimbra" e no Estado de São Paulo como "Fubeca". É realizada com pequenas bolas de vidro.



16. Jogar "máia": só para meninos. Brincadeira com regras definidas pelos adultos e imitada pelos meninos. Consiste em atingir alvo, geralmente de madeiras, com medalhões de ferro à distância.
17. Lenço atrás: brincadeira semelhante à de roda. Os participantes ficam em círculo. Uma pessoa é escolhida para correr ao redor do círculo com um lenço na mão e, no momento em que desejar, deposita o lenço atrás de um dos participantes. Todos devem estar atentos. O escolhido deve apanhar o lenço, sair correndo para pegar a depositante, antes que chegue ao local de seu assento, que geralmente é o local vago por quem pegou o lenço. Quando a tarefa tem sucesso a pessoa pega, sai da roda. Em caso contrário começa-se nova rodada de lenço atrás.
18. Nadar no rio: brincadeira coletiva de meninos. Os meninos aprendiam a nadar sem orientações técnicas. Ouvimos de um adolescente que "para aprender a nadar basta comer um peixinho". A tentativa, o erro e o acerto parecem ser o método desenvolvido pelos meninos nessa atividade.
19. Namorar de brincadeira: a imitação do namoro como comportamento adulto é motivo de brincadeira que aproxima meninos e meninas, longe dos pais. O toque, o olhar observador e a curiosidade sobre o sexo oposto motivam a brincadeira e promovem as primeiras experiências de autoconhecimento.

20. Ouvir história: de modo geral, o contar histórias parece ser a forma que os adultos encontravam para viver momentos de descontração com as crianças e adolescentes. São momentos lembrados com carinho pela maioria das pessoas que ouvimos. Ouvir histórias dava asas à imaginação, possibilitava a fantasia, a construção dos personagens e a viagem nos sonhos.
21. Passar anel: reunia meninas e meninos na observação das ações do participante que assume a tarefa de passar nas mãos postas dos demais participantes, um anel que deve, a qualquer momento, ser depositado nas mãos de uma pessoa. Em seguida, uma pessoa é escolhida para adivinhar com quem ficou o anel. A tarefa de adivinhar consiste em observar atentamente as reações das pessoas do grupo para fazer a leitura das expressões de cada participante na tentativa de descobrir com quem está o objeto.
22. Pé na lata: brincadeira que exige muitos movimentos rápidos e pensamento estratégico para atingir o objetivo de colocar o pé na lata.
23. Pegar judas: praticada no Sábado de Aleluia, quando meninos e meninas produzem um boneco de pano para ser destruído coletivamente.
24. Pular altura: atividade desenvolvida pelas meninas com o uso de elástico. Brincadeira competitiva, exigindo equilíbrio, concentração e movimento de impulso.

25. Pular corda: brincadeira mais praticada pelas meninas. Exige agilidade, concentração, esforço físico e ritmo.
26. Represar o rio para brincar na água: somente meninos.
27. Roda e cantoria: brincadeira descrita como aglutinadora de meninas e meninos e até alguns adultos. Narram estas atividades como quem narra um culto à música.
28. Roubar a bandeira: realizada entre adolescentes de ambos os sexos. É uma brincadeira cultural e regional. É mais praticada nos Estados do Nordeste brasileiro.
29. Subir e descer correndo as escadarias da igreja nos finais de semana: ir à igreja é uma atividade lembrada por haver, entre a celebração e volta para casa, a escadaria para brincadeira de meninos e meninas.
30. Subir e pular de árvore: descrevem-na como a mais encantadora das atividades de lazer para meninos e meninas. Representa o constante desafio. Exige equilíbrio, segurança, garra, noção de peso e resistência. Significa a busca de novas emoções.
31. Tô no poço. Praticada no nordeste, entre adolescentes como forma de aproximação entre meninos e meninas. A brincadeira consiste em vendar os olhos de um componente da brincadeira enquanto os demais posicionam-se para que a pessoa de olhos vendados tente adivinhar a posição das pessoas nomeando corretamente. Quando

ocorre o acerto a pessoa que estava com os olhos vendados beija e abraça a pessoa nomeada.

32. Virar cambalhota – plantar bananeira em grupo: são atividades de movimentos físicos que exigem equilíbrio, agilidade, força muscular e energia. Praticadas por meninas e meninos. No caso das meninas, lembram que praticavam contra a vontade dos pais que diziam que a mulher perde a virgindade ao forçar seus movimentos com os quadris e pernas.

33. Pular amarelinha

As brincadeiras e seus significados

Os significados das brincadeiras, na vida infanto-juvenil, entre as décadas de 1920 e 1980, para os trabalhadores entrevistados no Estado do Paraná e no Estado de Alagoas, no ano de 2000, que viveram este período trabalhando com seus pais, foram sinônimo de lazer, diversão e festa, formas de passar o tempo e descansar da roça, cantar e distrair-se nas tardes de domingo.

A imitação, o fazer de conta e o sonhar, trazendo para a realidade os sonhos com o futuro, usando o imaginário para migrar para o plano do desejo, são lembrados como desafios alimentados pela esperança de ter segurança, de satisfazer os desejos de saborear a vitória de sentir-se

herói na prática de movimentos livres, sem o condicionamento e acondicionamento do trabalho. A imaginação é o brinquedo mais utilizado. O imitar, o cantar e o sonhar, são formas de brincar que satisfazem os desejos e fazem a esperança fluir. É o exercício de trazer à memória lembranças. Importa lembrar aqui que para Vigotski¹⁰⁶,

[...] através do brinquedo, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto. A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. [...] a criança opera com um significado alienado numa situação real. [...] no brinquedo a criança segue o caminho do menor esforço - ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer - e, ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e, a renúncia à ação impulsiva constituem o caminho para o prazer no brinquedo. Continuamente a situação de brinquedo exige que a criança aja contra o impulso imediato pois, a cada passo, vê-se frente a um conflito entre regras do jogo e o que ela faria se pudesse, de repente, agir espontaneamente. O maior autocontrole

¹⁰⁶ Idem, 1988, p.130 e 131.



da criança ocorre na situação de brinquedo. [...] o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. [...] as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que, no futuro, tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade.

Notamos nas palavras de Vigotski que, durante a brincadeira coletiva, a criança sujeita-se às regras, abrindo mão da ação espontânea para satisfazer o desejo de brincar, de ter prazer. O autocontrole exercitado na situação de brincadeira corresponde a uma situação de sujeição momentânea, de uma decisão da criança em submeter-se em prol da realização de seus próprios desejos. Entendemos que, na situação de trabalho, a criança e o adolescente também exercitam o autocontrole exigido na execução das tarefas para que seus movimentos sejam adequados às exigências de força e concentração. A sujeição, neste caso, acontece em função da apropriação ao trabalho sem prazer, em função da necessidade de sufocar seus desejos. O autocontrole na situação de trabalho é privação de desejos, enquanto na brincadeira, o autocontrole destina-se à realização de desejos. Nesse sentido, a brincadeira é sinônimo de liberdade para a execução dos desejos, embora em situações de exercício do autocontrole. Ao contrário, o trabalho exige a apropriação de ações na construção do caminho da sujeição que leva à expropriação dos desejos.

Também entendemos, com Vigotskii¹⁰⁷, que a imaginação é uma função vital na vida do ser humano, principalmente na infância e adolescência. É a atividade imaginadora que vincula a fantasia à realidade e que precisa ser exercitada. Para explicar os fundamentos dessa importância para o desenvolvimento humano, utilizamos as palavras do autor:

A primeira forma de vinculação de fantasia e realidade consiste em que toda elucubração se compõe sempre de elementos tomados da realidade e extraídos da experiência anterior do homem.

A segunda das formas em que se vinculam fantasia e realidade é mais complicada e distinta, não se realiza entre elementos de construção, fantasia e a realidade, senão entre produtos preparados pela fantasia e determinados fenômenos complexos da realidade.

A terceira das formas de vinculação entre a função imaginativa e a realidade é o enlace emocional, que se manifesta de duas maneiras: por uma parte, todo sentimento. Toda emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ela, como se a emoção pudesse eleger impressões, idéias, imagens congruentes com o estado de ânimo que nos dominasse naquele instante.

¹⁰⁷ Idem, 1987, p.16.



Resta ainda falar da quarta e última forma de relação entre a fantasia e a realidade. [...] Consiste sua essência no que o edifício erguido pela fantasia pode representar algo completamente novo, ao tomar outro objeto real; porém, ao receber forma nova, ao tomar nova encarnação material, esta imagem "cristalizada", convertida no objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre os demais objetos. [...] Sentimento e pensamento movem a criação humana¹⁰⁸.

Podemos, então, dizer que o brincar move a criação. O brincar na infância e na adolescência é ação que desenvolve as habilidades intelectuais. No exercício de sentir e pensar as condições concretas de vida, suas relações com o outro, alimenta o imaginário com os sonhos que fantasiam uma realidade menos agressiva do que a vivida na zona rural. A família constitui, nesse processo de desenvolvimento intelectual, o aporte que dá sustentação ou fragiliza as ações da criança e do adolescente.

É na família que a criança encontra o outro mais próximo para construir suas relações ao praticar atividades lúdicas. O papel desempenhado pelos pais nesse processo pode influir decisivamente nos referenciais básicos de formação de conduta das crianças, a partir do

¹⁰⁸ Ibidem, p.19, 20, 21, 24 e 25.



momento em que consideram ou desconsideram a importância do brincar, para o desenvolvimento de seus filhos.

[...] o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade.[...] o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. [...] É uma situação imaginária, mas é compreensível somente à luz de uma situação real que, de fato, tenha a lembrança de alguma coisa que realmente acontece, além da imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova.¹⁰⁹

Ficou na lembrança dos trabalhadores precoces de décadas passadas, a ausência de muitos pais e mães que não brincavam com os filhos. Em suas narrativas há um tom de descontentamento e fúria ao dizer que o contato físico com os pais ocorria quando apanhavam de vara. Alguns pais, às vezes, brincavam, mais com palavras, com adivinhações ou contando histórias. Em geral, os pais não davam importância para a brincadeira e não tinham tempo para brincar com os filhos. Os relatos das infâncias mostram-nos essas lembranças conforme podemos verificar nos seguintes depoimentos:

O. L. S. (62 - sexo masc.) Maringá/PR,

Comecei a trabalhar aos nove anos na capina; derrubava mato com foice e machado aos doze anos, das oito da manhã até as dezenove horas. Tinha vontade de brincar mas precisava ajudar os pais. À noite brincava de bola no terreirão. Trabalhava mais não recebia, o pai é que recebia. Dizia que era para a garantia de comida. Gostava de meus pais. Só não gostava quando batia na gente!

P. S. F. S. (18 - masc.), Roteiro/AL:

Os meus pais nunca brincavam comigo, porque eles trabalhavam muito! Comecei trabalhar com nove anos, limpar mato, cortar cana, cubiá cana, para ir ao trabalho eu pegava um gaiolão. Trabalhava no plantio na Usina destilaria, na Usina P. R., Usina C. - Antigamente eu ganhava cinco cruzeiros, hoje ganho quinze reais. Eu tinha vontade de brincar também. Meus pais obrigava a trabalhar porque eu tinha que ajudar eles no trabalho pra alimentar. O dinheiro pra gente fazer a feira. O trabalho atrapalhou muito por que eu hoje não sei fazer nem meu nome. A minha coluna dói muito e mal consigo trabalhar. Prejudicou muito, porque na hora de fazer sexo eu me sinto cansado.

¹⁰⁹ Idem, 1998, p. 134 e 135.



T. P. N. (69 - sexo: fem.), Maringá/PR:

Os pais não conversava com os filhos, as crianças eram bobas. Eu sonhava crescer e deixar de ser criança. Era ruim ser criança. A gente apanhava muito. Os pais não entendia as crianças. Eles batiam com o lóro do arreio (uma correia de couro usada para arriar cavalo) e bainha de facão, com cinto. Trabalhava em Mata do Sino, em Minas Gerais, na fazenda do Eduardo Senedésio. Lugar cheio de pedra. O café era colhido no pano, o terreno era ladeira. Trabalhava das seis horas até as quinze. Depois dos dez anos não brincava, às vezes, à noite batia peteca com o claro da lua.

K. M. (78 - sexo: fem.), Paranavaí/PR:

Comecei trabalhar com sete anos em casa. Na roça oito anos, ia a pé. Não recebia, trabalhava para os pais. Sentia vontade de brincar. Os pais não dava importância para brincadeira. Gostava mais da mãe.

L. A. A. (20 - sexo: fem) Roteiro/AL:

Comecei trabalhar com nove anos, cortava cana, o transporte era um carro baú da Usina C. . Quando via crianças brincando sentia inveja, porque eles tinham oportunidade de brincar e eu não tinha. Os pais não brincavam, só batiam na gente. Gostava de meus pais e ainda gosto, apesar de tudo!

As brincadeiras coletivas aconteciam entre os irmãos, primos e vizinhos próximos. Os meninos e meninas, por orientação dos pais, brincavam em separado, na maioria das vezes. Observamos que a alegria não é descrita como sinônimo de brincadeira. Os sentimentos que a envolvem estão vinculados às necessidades imediatas de autoconhecimento das crianças e adolescentes, da superação de medos e da descoberta de novas emoções, o que demonstra a complexidade do valor da brincadeira no desenvolvimento humano.

Para Vigotski¹¹⁰, o que se vê e o que se ouve, são as bases de apoio à função criadora. Explica que, no mecanismo da criação, "[...] encontramos sempre a percepção externa e interna que serve de base à nossa experiência".

Nesse processo de autoconhecimento a família, a escola e o trabalho, são bases para o desenvolvimento da percepção humana, são fontes para experiência de relacionamento, de comunicação, de ação coletiva. No que se refere ao trabalho, essa atividade inibe a brincadeira, limitando o exercício da criação, na relação e na comunicação com o outro. Limita a experiência da fantasia movida em pensamento, linguagem e ações concretas. Esse impedimento, converge o pensamento e ação à experiência do trabalho, caracterizando o pensamento e a linguagem dos trabalhadores precoces como se fossem pequenos adultos ao argumentarem que o trabalho é mais importante que a brincadeira em

¹¹⁰ Ibidem, p. 31.



suas vidas. Essa conduta poderia ser explicada, segundo Vigotskii¹¹¹, pelo desenvolvimento paralelo da imaginação e da razão. "A imaginação, estreitamente ligada ao raciocínio, marcha ao mesmo passo".

Esse raciocínio é uma forma intelectualizada de responder à necessidade concreta posta pelo capital expropriador, enquanto argumento para o trabalho precoce realizado. O argumento é o resultado da imaginação de uma forma madura de justificar a necessidade de colocar o trabalho como prioridade em suas vidas. Seguindo o raciocínio de Vigotski¹¹²: "Todo inventor, por genial que seja, é sempre produto de sua época e de seu ambiente".

Os sentimentos, em relação ao desejo de brincar contido durante a jornada de trabalho diária, descritos como "imensa vontade de brincar", vontade, aliás, que os deixava "doidos", causava tristeza e reflexão por serem crianças e terem que trabalhar, quando outras poucas crianças brincavam sem trabalhar. A "inveja" também é descrita como sentimento que somava com a tristeza, com a mágoa e revolta contra os pais. Referem-se a estes sentimentos como "sentimentos fortes", de perda da liberdade de exercitar a fantasia, novas combinações com os elementos de sua realidade. Na concepção de Vigotskii¹¹³, "Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação".

¹¹¹ Idem, 1987, p.42.

¹¹² Ibidem, p. 37.



Resgistramos a seguir o depoimento de M. L. L. (63 - sexo fem.) residente na cidade de Maringá/PR, que exemplifica estes sentimentos:

Aos cinco anos comecei a trabalhar na roça, a pé, em Montes Claros, Minas Gerais. Não recebia nada pelo trabalho. Na minha época não existia crianças que brincavam, todas trabalhavam pra ajudar os pais na lavoura. Era difícil ver criança brincando. O dia que a gente brincava era Domingo. A gente pegava sabugo de milho, enrolava uns trapos e fingia que era boneca. Às vezes brincava com os irmãos ou com algum vizinho. A única brincadeira que eu me lembro que a gente fazia, era pegar pedaços de trapo e fazer bonecas. A brincadeira significava, era uma coisa assim, fora do trabalho, era um descanso pra gente quando não estava na roça. Não me lembro de nenhuma alegria. Sinceramente, eu nem sabia o que era uma família. Pra mim família e nada era a mesma coisa. Nunca freqüentei escola. Eu gostaria! Quando via as moças da cidade lendo, eu achava bonito. Meu pai dizia que égua não precisa aprender a marchar, só tem que procriar e assim eram as mulheres. Meus pais nem conversavam comigo. Sinceramente eu não sei se gostava de meus pais! Eles obrigava a trabalhá, era lei! Eles diziam que eles não eram obrigados a tratar ninguém. Hoje eu tenho problema

¹¹³ Ibidem, p. 17.



de coluna e de visão e acho que foi devido a muito esforço físico quando era criança.

Esse autocontrole que a criança tem que exercer sobre seus desejos e sentimentos, ao ter que trabalhar, faz parte da formação do trabalhador, de acordo com a lógica de agregação da mão-de-obra registrada na Cartilha do SENAR, já observada e comentada.

Vigotski¹¹⁴ comenta sua pesquisa sobre a interação social e a transformação da atividade prática registrando que o resultado culminou na seguinte conclusão:

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas, caracteristicamente humanas de comportamento, produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos.

Estas percepções internas sobre a realidade vivida estão vinculadas à limitação da percepção concreta que poderia ocorrer ao brincar, experimentando outras emoções advindas dos movimentos físicos e do relacionamento com o outro. Para Vigotskii¹¹⁵ a "[...]

¹¹⁴ Idem, 1998, p.33.

¹¹⁵ Idem: 1987, p.51.

imaginação na esfera intelectual corresponde à vontade na esfera do movimento".

A falta de tempo para pensar em brincar, dado o ritmo intenso das atividades praticadas na zona rural, limitava a fantasia e, o trabalho era motivo de orgulho, apesar da vontade de brincar, que era vencida pela preferência imposta ao trabalho, compreendido como gerador de subsistência. A crença no crescimento profissional e espiritual estava vinculada ao trabalho mediante as ideologias do contexto em que viveram.

A realidade do trabalho precoce e penoso era entendida como destino. Todos os adultos ouvidos, dizem que, até hoje, sentem vontade de brincar ao verem crianças brincando. Esse desejo é externado com lágrimas por algumas pessoas. Na voz, o tom ressentido, na face, o olhar distante, como se neste momento retornasse ao passado.

A vontade de brincar que era contida, presente na lembrança das pessoas que trabalharam na infância e adolescência, sem tempo para brincar e estudar, causa sofrimento. O sofrimento causado pela sujeição às regras de produção fazia as pessoas controlarem seus pensamentos direcionando suas falas para as atividades físicas em execução. Essa realidade é apresentada como uma forma de fugir ao sofrimento, que era provocado, quando se falava dos prejuízos vividos pela situação de trabalho que impedia atividades escolares, entre elas a de brincar.



Sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato. O desenvolvimento correspondente a regras conduz a ações, com base nas quais torna-se possível a divisão entre trabalho e brincar, divisão assim, é encontrada na idade escolar, como um fato fundamental. [...] a essência do brincar é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual - ou seja, entre situações no pensamento e situações reais.

Vigotskii¹¹⁶ transcreveu a fala de um menino trabalhador de 15 anos, Semión Vékshin, para demonstrar esse sofrimento. A narrativa descreve o sentimento diante da vontade de brincar:

[...] me levantava pela manhã, queria dormir, porém não, olho para mim e começo a trabalhar. Olho para os outros meninos, jogam, porém a mim me dá raiva, que outros companheiros que têm pai e mãe, estão livres, jogam. Assim trabalhei e sofri até 1920.

O sofrimento manifestado pelo menino está vinculado à concepção de trabalho como escravidão, como falta de liberdade e ao sentimento de raiva. É o sofrimento pela consciência do aprisionamento causado pelo

¹¹⁶ Ibidem, p.76.

trabalho precoce. É a constatação das limitações em situações concretas que resultam em sofrimento pela falta de direito à liberdade para brincar.

Constatamos a manifestação desse sofrimento no depoimento de A. M. F. (77 - sexo masc.), residente em Maringá/PR:

Trabalho desde de 10 anos. Comecei em Barbalha, Ceará. Ficava doido de vontade de brincar. Não xingava por que apanhava. Aos sábados e domingos, brincava escondido do pai. Só os meninos nadavam no açude e caçava. Ia trabaia a pé com uma cabaça de água e enxada. Não recebia. Só o que comia! Sonhava ficar adulto e casar. Estudei um pouco mas não aprendi nada. Não gostava muito de meu pai. Ele me deu uma surra de bainha de faca até eu sangrar! Não tinha prazer, só fazia o que o pai deixava, era o pai que mandava e o filho que obedecia.

São relatos como este que nos possibilitam entender a importância vital do brincar. O reconhecimento do direito da criança às garantias de condições sócioeconômicas e legais para que ela possa exercer o direito de brincar, é uma atitude política necessária e urgente no Brasil e reconhecida pelos homens públicos cientes de que brincar é direito, como verificamos quando o então ministro do trabalho, Paulo Paiva, no dia 6 de setembro de 1996, em Brasília, no Palácio do Planalto, na presença do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, durante cerimônia de assinatura do termo de compromisso para a erradicação do trabalho

infantil, em discurso, fez um manifesto de indignação para falar sobre os direitos da criança brasileira de ter o Estatuto da Criança e do Adolescente respeitado e a garantia de frequência à escola assegurada com políticas de assistência social. Ao finalizar disse que o trabalho a ser realizado neste sentido deve ocorrer:

[...] buscando criar para suas famílias alternativas de acesso ao trabalho e à renda, com vistas a dar condições definitivas para que a criança tenha preservado, principalmente, o seu direito de brincar¹¹⁷.

O trabalho e a brincadeira

O trabalho e a brincadeira são os espaços prioritários para discussão da formação biopsicológica, por definirem a realidade e o sonho, a sobrevivência e o prazer, a atividade concreta e a abstração. O trabalho e a brincadeira, o encontro do que se aprende trabalhando e do que se deseja aprender de outras formas, fora do trabalho, representam a construção de espaço da liberdade da imaginação na contradição vivida. É o espaço da formação dos conceitos que envolve um jeito de viver estranho à vida convencionalmente aceita para nossas crianças e adolescentes que vivem nos espaços urbanos. Ao adentrarmos esse

¹¹⁷ Diagnóstico preliminar dos focos do trabalho da criança e do adolescente no Brasil. Ministério do Trabalho - Brasília, 1996.

mundo estranho, diferente da realidade social difundida economicamente para os brasileiros, podemos verificar a forma de exploração praticada sobre essa população, a partir da jornada de trabalho e das condições de trabalho sob as quais vivem milhares de trabalhadores precoces.

A brincadeira

Identificamos uma forma de conceber a brincadeira que é manifestada pelos trabalhadores precoces de diferentes regiões do Brasil. Brincadeira para eles, é movimento, encontro de amigos, divertimento, animação e cantoria durante o trabalho. 100% dos trabalhadores precoces entrevistados disseram brincar durante o trabalho porque trabalham cantando. Da necessidade de fuga da situação real de trabalho economicamente imposta a estes trabalhadores, emerge a necessidade de criar brincadeiras, que neste caso, é cantoria que disfarça o peso das tarefas diárias ao alimentar a imaginação do trabalhador, que pensa estar brincando ao cantar.

Se acreditamos que a fala presume a ação, podemos dizer que o cantar presume o movimento ritmado, o controle sobre o movimento. Nesse aspecto, a brincadeira de cantar é mais uma forma de autocontrole da atividade executada, do que, propriamente, uma brincadeira como pensam os trabalhadores.



Nas falas dos trabalhadores, que ainda vivem do trabalho em regime familiar de produção, são descritos grupos de brincadeiras formados por familiares e vizinhos mais próximos, como em tempos passados. As brincadeiras praticadas coletivamente foram reduzidas em quantidade e frequência. Identificamos as seguintes brincadeiras coletivas hoje praticadas: jogar bola (inclusive bola-de-meia), brincar de roda, pular corda, brincar de boto, jogar queima, jogar dominó, jogar baralho bozó, pega-pega, esconde-esconde, jogar chimbra, tô no poço. A maior parte delas praticada apenas na região Nordeste do país. Relatam que há mais frequência nas brincadeiras individuais, como brincar de boneca, jogar pião e brincar com carro de madeira e rolemã. São brincadeiras praticadas nos finais de tarde, aos domingos.

Observamos que, entre os adultos ouvidos, o número de brincadeiras por eles praticadas entre as décadas de 1920 e 1980, enquanto crianças e adolescentes, trabalhadores na zona rural, era três vezes mais do que o número de brincadeiras praticadas hoje. Ou seja, o trabalho precoce praticado hoje torna-se mais penoso, à medida que as crianças e adolescentes perdem o espaço da brincadeira, da criatividade na produção de brinquedos e regras ao brincar, da coletividade e da imaginação livre, não condicionada ao ambiente de trabalho.

A família que era referência para o trabalhador precoce em décadas passadas, continua a ser a referência que os atuais trabalhadores precoces apontam em seus depoimentos, como fonte de



tudo o que precisam, como garantia de segurança. O conceito de família, tanto no Estado do Paraná como no Estado de Alagoas, é expresso como comunidade de pessoas que dão educação para as crianças, carinho, tudo o que elas precisam, roupas e comida. É representada pelos pais, irmãos, tios e avós. A família é identificada como grupo de pessoas que respeitam as crianças como seres em desenvolvimento, em suas carências materiais e afetivas.

Para estes trabalhadores, o mundo é o planeta em que vivemos, onde a maioria das pessoas vive passando por dificuldades. É o lugar onde as pessoas trabalham e moram com suas famílias. É o lugar no qual os trabalhadores sobrevivem, é a casa onde a família mora, onde as crianças correm e brincam. Vemos aqui que o trabalho não é mencionado como parte do mundo dos trabalhadores precoces. Observamos que há uma diferença substancial entre o conceito de mundo dos trabalhadores precoces de décadas passadas e os de hoje.

Se, para os que viveram a infância e a adolescência, em décadas passadas, o mundo era restrito ao lugarejo onde moravam; para os trabalhadores da atualidade, o mundo imaginado é descrito antes do mundo real. A idéia de Planeta - lugar onde se habita e se sobrevive, é a própria casa. Essa idéia demonstra uma lógica de pensar o mundo inversa a do trabalhador do passado. O mundo vivido antes, era composto por grupos familiares próximos entre si, por existirem habitantes no meio rural. Hoje, a realidade dos trabalhadores precoces não é mais a

de viver em povoados rurais, mas à margem das cidades, o que permite uma visão socialmente imposta para o que quer que seja mundo para ele, trabalhador, e para o outro, com o uso de termos científicos na definição de mundo, como no caso da palavra planeta.

Observamos que imaginam a dimensão espacial de um mundo físico desconhecido e descrevem o mundo particular e limitado que conhecem. Se antes os trabalhadores precoces trabalhavam com seus familiares, dentro de uma determinada propriedade, hoje são levados a trabalhar em localidades distantes de sua moradia, de seus familiares, em longas jornadas em automotores, nem sempre adequados ao transporte humano. Diante desse mundo do trabalho que conhecem, entendem que ir para escola é uma forma de estudar e aprender muitas coisas, principalmente ler e escrever. Ir para escola significa ter energia para aprender. No mundo que conhecem, o trabalho ensina a pegar a enxada e ir para o roçado.

No mundo rural que descrevem, trabalho é aquilo que as pessoas praticam quando vão plantar roça, plantar e cortar cana. É amarrar cana, limpar mato, é cobrir adubo no canavial, ir para a mata; cortar capim e fazer ração, fazer limpeza no pasto, cuidar da casa e vender peixe na rua e no mercado.

Trabalho é atividade braçal. O sonho de ir para a escola é traduzido pela possibilidade de sonhar com o trabalho intelectual, o que significa o não-emprego de esforço físico exigido na atividade braçal.



O argumento utilizado, pelos trabalhadores precoces, para explicar o trabalho desde a infância, é genérico. Dizem que as pessoas trabalham ainda criança para alimentar-se, vestir-se e calçar-se. Imbuídos desse pensamento, acreditam que, somente trabalhando, garantirão a subsistência da família. Os pequenos trabalhadores são educados para o trabalho. A família é o primeiro agente dessa educação e reprodutora das lógicas capitalistas que apregoam o trabalho como a solução para os problemas sociais com crianças e adolescentes e como forma de garantir o sustento próprio. Em um país, com alta produtividade agrícola como o Brasil, ainda convivemos com a prática da exploração de trabalho precoce sendo justificada como a única saída para as famílias que vivem do trabalho rural.

Nos Estados do Paraná e Alagoas as monoculturas que oferecem trabalho a crianças e adolescentes, com maior frequência são: cana-de-açúcar e álcool, a mandioca, a batata, o milho e feijão. Na região Nordeste, também são explorados na pesca. Os trabalhadores precoces entrevistados, são explorados em atividades descritas como limpar canavial, plantar cana, capinar roçados, limpar pastos, colher feijão, cortar cana, cortar capim, fazer ração, pescar mariscos e adubar a cana. São atividades realizadas sob exposição ao sol, ao cheiro forte do adubo e do veneno, além dos insetos e animais peçonhentos.

Estes trabalhadores são encontrados nos canaviais, nos roçados de subsistência familiar, nas matas, nos pastos, nas lagoas, nas usinas e

nas destilarias. Um diagnóstico preliminar realizado pelo Ministério do Trabalho do Brasil, no ano de 1996, nos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina e Paraná, que são Estados onde encontramos a exploração do trabalho precoce e penoso na cultura da cana, principalmente, no período de corte da cana, aponta riscos biológicos, ergonômicos, físicos e químicos e acidentes, o mais comum: a intoxicação por agrotóxicos.¹¹⁸

A jornada de trabalho diário dos trabalhadores precoces dá-nos a dimensão do quanto é penoso o labor na zona rural. Nas diferentes atividades desenvolvidas, as jornadas diárias diferem de quatro a quatorze horas de trabalho. O horário de início no trabalho exige que as pessoas levistem-se durante a madrugada a fim de enfrentar longas estradas para chegar às plantações. Constatamos que, dependendo da distância do local do trabalho, levantam-se entre três e cinco horas, encerrando o expediente entre quinze e vinte horas.

Sábados e domingos

As atividades desenvolvidas aos sábados e domingos nos Estados de Alagoas e Paraná revelam as formas de sobrevivência familiar. O

¹¹⁸ Cf, Diagnostico preliminar dos focos do trabalho da criança e do adolescente no Brasil. Ministério do Trabalho - Secretaria de Fiscalização do trabalho e Secretaria de



descansar inclui buscar lenha na mata para cozinhar os alimentos durante a semana. O lazer restringe-se a tomar banho de rio e a lavar as roupas, também no rio. No caso do Estado de Alagoas, quando existe um rio nas proximidades das moradias. Jogar bola, brincar e fazer compras para a semana, são atividades realizadas aos domingos. Aos sábados pela manhã, aqueles que trabalham na pesca, vendem peixe e coco no mercado.

A alimentação

A alimentação durante a semana é um combinado de baião de dois (arroz e feijão), farinha de mandioca, às vezes, fubá, às vezes, charque, macarrão e farinha de carne. Contam que nem sempre há alimento e que não possuem condições para realizar mais que duas refeições diárias.

Os hábitos alimentares dos trabalhadores rurais, de modo geral, não somente dos precoces, tanto no Estado de Alagoas como no Estado do Paraná, diferem na quantidade de alimentos. O racionamento de alimentos é uma prática a que as famílias estão acostumadas. Alguns trabalhadores dizem fazer apenas uma refeição por dia. Explicam-nos que as refeições geralmente são organizadas, no sistema de racionamento familiar, de forma a distribuir, pelo menos, uma refeição diária a todos os membros da família. O sistema é descrito assim:



- Café da manhã e jantar, ou apenas jantar, ou apenas almoço;
- O importante para as famílias é garantir uma refeição por dia.

A água

A água consumida durante o dia de trabalho é transportada em frascos de refrigerante de dois litros, colhidos na cidade. A partilha da água e do fumo de corda entre os trabalhadores simboliza o companheirismo. Nem todos têm condições de levar água para o local de trabalho, necessitando da colaboração dos colegas de trabalho para obter água. No Estado de Alagoas, a falta de água potável é uma constante que agrava a situação.

As consequências da alimentação inadequada e da hidratação precária, após um dia de trabalho, são observadas pelo cansaço e dores em diferentes regiões do corpo. Reclamam de dores nos braços. Nervos e músculos ficam estriados. Nas mãos, calos e juntas inchadas. Peito dolorido ao respirar, coluna vertebral e cervical doloridas provocando dificuldades nos movimentos, quando estão em situação de repouso.

A aceleração dos batimentos cardíacos, ardência, avermelhamento e embaralhamento dos olhos, dores de cabeça e tontura; pernas com a panturrilha inchada e dolorida; dores no abdome, provocadas por

queimaduras com adubo e ferimentos em acidentes de trabalho com ferramentas, como enxada e facão, atingem 99% das pessoas ouvidas, apresentando cicatrizes provenientes dos ferimentos sofridos durante o trabalho¹¹⁹.



Foto: Maria Aparecida Cecílio. Cruzeiro do Sul/PR, dezembro de 1999.

Na página 29 do Manual de Treinamento do Cortador de Cana, anteriormente citado, temos a informação de que as pessoas continuam a trabalhar mesmo depois de acidentadas, quando se afirma que: "[...] a ambulância, no dia seguinte ao do acidente, vem renovar o curativo do

¹¹⁹ Faganello, 1995, p. 25, ao falar de acidentes de trabalho diz que[...] *as partes do corpo mais atingidas são: mãos, olhos, pernas e pés.*

acidentado". A cartilha ilustra a frase com desenho de um trabalhador sendo atendido no canavial.

O transporte para o trabalho, em outras localidades/municípios, é realizado em caminhões comuns ou nos conhecidos como gaiolões, ou ainda em ônibus quando a distância é muito grande. Muitos dos trabalhadores, na agricultura, vão para o trabalho caminhando.

O trabalho precoce que encontramos durante nossas investigações de campo está vinculado a familiares, a destilarias, a usinas, a pescadores e fazendeiros. Os preços praticados na exploração do trabalho precoce variam de 1,50¹²⁰ a 6,00¹²¹ reais por dia, sendo que os pagamentos são semanais ou quinzenais e quase sempre não são em espécie, mas em vale-compra para retirada de alimentos nos empórios dos patrões.

No Estado de Alagoas, no início do ano 2001, o valor da tonelada da cana cortada é de 2,50¹²² (dois reais e cinquenta centavos). Os trabalhadores que aproveitam os finais de semana para vender peixe recebem 1 real a cada 5kg de peixe vendido ou 4 a cada 10 kg de peixe, mais 1 kg de peixe.

¹²⁰ M. A. S. - (15 - sexo masc.) - Roteiro/AL.

¹²¹ D. P. S. - (11 - sexo - masc.) Roteiro/AL.

¹²² J. A. S. S. - (13 - sexo masc.) Roteiro/AL.

Fazemos constar estas questões por acreditarmos que é "[...] a tarefa do pesquisador [...] pôr às claras as relações reais, não as figurativas".¹²³

Insalubridade

O contato, com a lavoura, sol e produtos químicos causa efeitos ainda não pesquisados visando à prevenção. O que sabemos, até o momento é o que ouvimos e vimos: crianças e adolescentes de pele ressecada; áspera e apresentando manchas de tom amarelado; outras, com manchas parecidas com cicatrizes de feridas, cabelos endurecidos e sem brilho. Também observamos problemas respiratórios.

O depoimento (2002) de um adulto que trabalha em contato com produtos químicos desde a adolescência, descrito a seguir na íntegra mesmo sendo longo, apresenta algumas informações sobre os efeitos para o ser humano, dispensando comentários. DD (38 - sexo masc.) residente no município de Ivaté/PR, relata o problema que vem enfrentando:

Trabaio com herbecida para a empresa X, na cana, das oito às quatro. Tenho uma hora de almoço. Uso equipamento de segurança que é uma calça, camisa, luva, máscara e boné. Máscara preta, troca o paninho

¹²³ Vigotski: 1998, p. 70.



uma vez por semana só. O herbicida tem de dois tipos, um é o Velpa e o Senco, misturado com água num tanque de dois mil litros. Nós coloca nas costas uma bomba. A máquina lá é de ar, não é de bombar. Dezoito litros nas costas. Passo umas 10 bombas no dia. Dois anos na cana! Depois eu sinto alergia na pele, coceira, fica vermelho. Como na roça. Nós coloca as bolsa no caminhão de veneno. Acho que não pode né?! Não tem nenhum lugar assim pra colocar! Come onde tiver uma sombra na roça. A água leva da usina numa garrafa. Despeja direto na boca. Eu fico muito nervoso. Tem vez que fico agitado, agressivo. Tem dia, mais no final de semana, aí ataca! Sinto irritado. A gente não pode passar veneno por muito tempo. O máximo é dois anos. Lá na usina eles falô. Já tem dois anos no dia 10 de maio. A gente faz exame de sangue. Viche! Mas aqui não dá nada não! Já fiz três vezes já! Mas não dá nada não! Nem que der alguma coisa, o médico é da usina mesmo! Eu nunca fiz exame fora não. Tem vez que verméia o olho. Tem vez que sinto o cheiro do veneno. É um pouco forte! O Senco tem o cheiro é forte, agora o Velpa não. Nunca olhei a embalagem para ver a fábrica. Se pudesse mudaria de serviço. Os amigos não reclamam! Tem um que bebe. Eu não bebo e não fumo. Tem vez que dá um aperto na boca do estômago. De vez em quando! Acho

que é o veneno. Eu sinto o cheiro forte e em seguida sinto o aperto no estômago. Queima um pouco só. Passa sozinho. Dá mais por volta das dez horas. Qualquer veneno provoca isso. Nós somos em dez pessoas que passa veneno, nós nunca conversemo sobre veneno. Tá fazendo mal. Esses tempos atrás já! Impotência né! Dá um nervoso na gente né! Não consigo falar sobre isso com minha muié! Dá um nervoso danado na gente. Dá vontade de sumi! Tem vez que fico nervoso com os filhos, sinto mal. Não consigo sabê o que tá acontecendo. Não é fácil não! O setor nosso lá não é ouvido não! Curso tem, não vou dizê que não! Dá, mais! Põe luva, mas sapeca as mão. Sai tudo a pele. Tem vez que fica feio, escama tudo. Sai o couro. Eles falaram no curso que dá impotência. Eles não dá tratamento. Tenho que procurá tratamento. Não pode deixar não né!

No caso das crianças, observamos que elas não conseguem entender como ocorre a formação das manchas em suas peles, mas presumem o efeito de produtos químicos que são utilizados nas grandes plantações e acabam nos pequenos riachos, onde as crianças paranaenses e alagoanas se banham. Observamos no município de Cruzeiro do Sul/PR um riacho que apresenta água de coloração amarelada.

Os moradores da localidade suspeitam que uma fábrica de ração

animal deposita restos de ossos no riacho. No município de Roteiro/AL vimos água de tom avermelhado. Segundo os moradores, as usinas de açúcar e álcool da região jogam resíduos na lagoa de onde boa parte da população retira seu sustento, suspeitam que seja o vinhoto, um subproduto da indústria de álcool, que, de acordo com informações da Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária, pode ser transformado em adubo para as plantações de cana, se for condicionado em lagoa apropriada para evaporação da água.¹²⁴

Constatamos que há muitos estudos sobre os efeitos de intoxicação por agrotóxicos inalado ou por ingestão direta e pelo contato direto com a pele, em grande quantidade, de uma só vez. São estudos que visam ao tratamento e à prevenção de acidentes ocasionais, com seres humanos e animais e com o solo, no contato direto por falta de orientação ao usuário. Muitos levam à criação de centros de atendimento à população, como o Centro de Controle de Intoxicação da Universidade Estadual de Maringá/PR.¹²⁵

Na busca de literatura sobre o assunto, deparamo-nos com os estudos de Pinheiro, Nars e Luz (1998), que discutem a Agricultura Ecológica e a máfia dos agrotóxicos no Brasil, Pinheiro (1998) explica essa máfia como "[...] uma estrutura de poder organizacional secreto que atua politicamente dentro de uma sociedade à margem da lei"(p. 15). Ao

¹²⁴ Cf.

¹²⁵ CCI - Fone/Fax: (44) 261-1131 r. 227. E-mail: sec-cci@uem.br.



entrar em contato com estes estudos, entendemos o quanto é complexa a tarefa de falar sobre a insalubridade na vida do trabalhador precoce na zona rural. Constatamos que há, no Brasil, desde a década de 1950, o incentivo político governamental para o uso de agrotóxicos, sendo que, na década de 1970, estava associado ao Crédito Rural. A chamada revolução verde que possibilitou a disseminação da agricultura industrial no Brasil, colocou nas mãos da indústria química o poder de manipulação sobre a vida, não só dos insetos e ervas daninhas, mas também dos trabalhadores que executam a tarefa de aplicação dos herbicidas e inseticidas, e da população que fica exposta aos efeitos dos produtos, na maioria das vezes, por puro desconhecimento de sua nociva ação sobre a vida humana. Observamos que Pinheiro (1998) é enfático ao falar sobre os venenos que "[...] alguns são piores que radioatividade" (p. 11).

No ano de 1989, no Brasil, foi aprovada a Legislação Nacional de Agrotóxicos - Decreto 24.114/1934, Lei nº 7802, alterada no mesmo ano por Decreto Presidencial englobando os produtos de Engenharia Genética no mesmo texto. Conta Pinheiro (1998) que "[...] 88 por cento dos agrotóxicos eram comercializados nesta época (década de setenta) através de dinheiro público"(p. 21), o que dificultava o desenvolvimento de pesquisas sobre os efeitos dos agrotóxicos sobre a vida humana no país.

Entendemos que é importante registrar, antes de dar continuidade à discussão, que os agrotóxicos foram inventados antes da Primeira



Guerra Mundial para serem usados como arma química. Seu uso como "defensivo agrícola" só foi efetivado após a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, alguns órgãos governamentais resistiram à política de implantação da Agricultura Industrial à base de agrotóxicos, como podemos constatar no relato de Pinheiro (1998) sobre um encontro de Toxologia dos Agrotóxicos ocorrido no Rio de Janeiro no ano de 1985, dizendo que:

A comitiva da Secretaria de Agricultura do Paraná levou na sua bagagem o filme "Dose Diária Aceitável". O veneno nosso de cada dia, do cineasta daquele Estado, Frederico Fulgraff, que mostra a origem dos agrotóxicos na guerra, o envenenamento das colheitas, a Guerra do Vietnã e os herbicidas, o Agente Laranja na Amazônia, com exumação de cadáveres. (p.30).

A resistência destes órgãos consistia em enfrentar a propagação dos agrotóxicos como simples "defensivos agrícolas" que era feita pela ANDEF (Associação Nacional dos Defensivos Agrícolas) no Brasil. Apresenta Pinheiro (1998), ao fundamentar seus questionamentos a respeito dos efeitos dos agrotóxicos sobre a vida humana, o estudo de Cagliari iniciados no ano de 1983 e concluídos em 1988. A enfermeira Cagliari trabalhava na maternidade do Hospital Regional de Passo Fundo. Durante a investigação a enfermeira registrou 600 bebês com anomalias neurológicas, gástricas e ósseas por agrotóxicos.

Pinheiro (1998) também apresenta os estudos do Patologista Araújo que evidenciam câncer por agrotóxico, a partir da constatação do alto índice da doença nos trabalhadores da uva. O pesquisador trabalha no Hospital Taccini, em Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul, onde, por dez anos realizou a pesquisa entre 1979 e 1988, publicada pelo Instituto Brasileiro do Câncer, com sede no Rio de Janeiro. O patologista constatou que a aplicação manual de agrotóxicos causa maiores problemas. O resultado da pesquisa evidenciou que, na região pesquisada, há predominância de cânceres de mama e leucemias e que o índice mais alto é de câncer de pele, mas este é oriundo da intensa exposição ao sol.¹²⁶

Ao tomar conhecimento dos resultados destas pesquisas, buscamos, nos estudos de Pinheiro, Nars e Luz (1998)¹²⁷, informações sobre os produtos utilizados como defensivos agrícolas, aqui apresentados. Encontramos os seguintes produtos: Tordon, da DOW-CHEMICAL, conhecido como Agente Branco da Gerra do Vietnã, utilizado para dessecar florestas e capoeiras, o ALDRIN, Neantina - fungicida mercurial da Bayer, MERPACINE - mercurial da Ciba-Geigy, 2,4D - usado como arma de guerra, Fósforo da Bayer (segundo Pinheiro 1998, incendeia-se no pulmão das pessoas - usado como arma de guerra), Neguvon, Folidol. O estudo também revela o impacto tóxico sobre o homem:

¹²⁶ Pinheiro, 1998, p. 34 a 37.



Lesões hepáticas (inseticidas organoclorados), lesões renais (inseticidas organoclorados, fungicidas mercuriais - fenil e metoxi-etil), diminuição da colinesterase cerebral (inseticidas carbamatos - carbofuran), neurite periférica (herbicidas 2,4-D e 2,2,5 -T, alguns dos fosforados orgânicos), ação neurotóxica retardada (inseticidas fosforados orgânicos - EPN e leptophos, desfolhantes DEF, atrofia testicular (tridemorph - calixin), esterilidade masculina (oligospermia) (DBCP), hiperglicemia - diabetes transitórios (2,4 -D e 2,4,5-T), hipetermia (dinitrofenóis e pentaclorofenol), fibrose pulmonar irreversível (paraquat), diminuição das defesas orgânicas - abaixamento do teor de anticorpos (fungicidas à base de estanho - Du-Ter, Bresstan), teratogênese (impurezas de dioxinas e furanos clorados, parathion metílico), mutagênese (dimetil-sulfato e Paraquat), carcinogênese (arsenais inorgânicos - amitrol).¹²⁸

No Brasil, foi lançado recentemente o herbicida Plateau da Basf para uso na cana e no amendoim, com o princípio ativo Imazapic, ao mesmo tempo em que a Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia orienta o cultivo consorciado de amendoim e feijão com a cana por trazer benefícios como a proteção do solo, o controle de ervas daninhas e a manutenção de

¹²⁷ Pinheiro, 1998, Passim.

¹²⁸ Pinheiro, 1998, p. 131 e 132.



empregados, além do lucro que as culturas associadas possibilitam.¹²⁹ A contradição mostra que o uso do agrotóxico mantém as indústrias químicas e as empresas que comercializam aparelhos para a análise de traços ambientais como o cromatógrafo por exemplo¹³⁰. Se, por um lado, o mercado oferece o produto tóxico, por outro oferece maneiras para suposto controle de impacto ambiental. No entanto, pesquisas na área de saúde revelam que o impacto sobre o homem não é controlado, por este motivo reforçamos que é necessário conhecer os efeitos tóxicos dos produtos utilizados na agricultura e isso implica saber que

[...] um veneno não atua sobre um indivíduo ou organismo, mas no interior da célula [...] O veneno atua sobre a membrana, o citoplasma ou sobre o núcleo da célula. Sua ação dependerá da função desta célula, que responderá alterando suas reações, secreções, velocidade de reações; estimulando ou inibindo reações específicas. Obviamente, as quantidades necessárias para provocar estas reações e aberrações são infinitesimalmente menores que as quantidades estabelecidas pela toxocologia clássica. [...] Um tumor só é perceptível muito tempo depois que uma célula, apenas uma, tenha sido alterada por um efeito tóxico. Esta

129

Disponível

em:

;

alteração pode ocorrer dentro de uma mitocôndria, um lisossomo, isto é, em nível subcelular, mas é o bastante. Aqui se inicia a fisiologia toxicológica dentro da célula, com as alterações no metabolismo, tendo ela como um gigantesco e complexo sistema.¹³¹

Acreditamos na importância de pensar as conseqüências do uso destes produtos para o ser humano em formação, por entendermos que novas pesquisas deverão ser realizadas, preferencialmente, por entidades com independência econômica, ideológica ou acadêmica, pautando esta questão específica. A abordagem que aqui fizemos não responde à questão específica de como atua o agrotóxico na vida do trabalhador precoce mas esperamos que seja um sinal de alerta aos pesquisadores.

¹³⁰ Produtos C.G.S. Disponível em: _____ ; E-mail: _____
. Fone: 55-11241-002 ; Fax: 55-11-240-6282 (São Paulo).

¹³¹ Pinheiro, 1998, p. 143.



CAPÍTULO III

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHADOR PRECOCE



Foto: Maria Aparecida Cecílio. Cruzeiro do Sul/PR, dezembro de 1999.

Unidades neurológicas

Como uma criança ou adolescente consegue manter-se no trabalho penoso resistindo às exigências de movimentos repetitivos e

concentração de força, a alimentação e água inadequada, a longas jornadas, ao sol, ao calor, ao frio e a falta de liberdade para brincar?

Antes de iniciarmos a discussão desta questão, queremos clarear o motivo que nos levou a trabalhar o aspecto biomecânico do trabalho penoso. O estudo está relacionado ao entendimento de que o ser humano deve ser compreendido na sua totalidade. Se entendemos que o ser humano é um todo particular no meio social e sofre suas influências, entendemos que o trabalhador precoce, que tem seu desenvolvimento alterado, a olhos vistos, na condição física, e esta, por sua vez não ocorre isolada dos processos mentais, então, a análise de aspectos visivelmente perceptíveis é uma forma de olhar para as conseqüências do trabalho precoce.

Diante desta perspectiva, pesquisamos sobre a biomecânica do corpo em movimento e em repouso. Porque trabalhamos nesta questão apoiados nas explicações da biomecânica no entendimento de Gaiarsa (1984)? Antes de tomar esta decisão, investigamos grupos de pesquisa nesta área no Brasil. Deparamo-nos com pesquisas voltadas para o mercado de peças mecânicas usadas na substituição de membros humanos, para os estudos sobre a força física. Enfim para fontes que não ofereciam o respaldo necessário à discussão a que nos detemos neste capítulo. A maioria das pesquisas realizadas no Brasil e publicadas pela Sociedade Brasileira de Biomecânica, analisam experimentos em laboratório com monitoramento de movimentos em situações-padrão. As

situações de pesquisa são produzidas com critérios de regularização dos atos, o que traz pequena contribuição para a discussão da situação irregular, de movimentos não-padronizados desenvolvidos pelos trabalhadores nas atividades braçais em idade precoce no campo.

Em publicações dos resultados das pesquisas recentes na área de biomecânica, observamos a dedicação dos pesquisadores, como Costa (2001), Perez (2001), entre outros, em analisar momentos articulares regulares. Produzem critérios para análise de padrões de movimento que podem ser utilizados como parâmetros para algumas análises de irregularidades nos movimentos como os realizados no trabalho braçal por possibilitarem o pensar situações opostas.

Diante da limitação de fontes médicas para discutir a especificidade da questão que abordamos neste trabalho, ou seja, o desenvolvimento do trabalhador precoce, estamos recorrendo ao estudo de Gaiarsa(1984), como profissional da saúde, que polariza a discussão da biomecânica em seus trabalhos, com uma abordagem científica que vai além da análise do momento articular da biomecânica, discutindo irregularidade nos movimentos em situações não-padronizadas. Observamos que a preocupação que nos coloca a atividade precoce em questão, também é preocupação do médico e pesquisador José Róiz ao estudar as conseqüências dos esportes para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Ele afirma que:

Antes dos 25 anos de idade, isto é, antes do completo amadurecimento, todas as partes de nosso corpo crescem e se desenvolvem ao mesmo tempo. Dar preferência ao desenvolvimento muscular nessa fase acarretará atraso no desenvolvimento de todos os outros órgãos.¹³²

Explica que para os jovens que desenvolvem mais a musculatura no esporte, e aqui, entendemos também, no trabalho precoce e penoso:

[...] implica um estresse físico [...] esses estresses, repetindo-se com muita frequência, como geralmente acontece, causam enorme transtorno no organismo da maioria porque nela predomina o glicocorticóide sobre a insulina. O glicocorticóide, como se sabe, é um dos hormônios do estresse. [...] a dificuldade de nutrir os próprios tecidos deve prejudicar a formação de anticorpos e diminuir a resistência a todas as doenças, inclusive ao câncer.¹³³

Vale ressaltar que trabalhamos com o apoio das explicações biomecânicas centradas na visão de Gaiarsa (1984), mas não nos debruçamos sobre os fundamentos teóricos do pesquisador. Buscamos uma reflexão da área médica (biomecânica) como uma forma específica e muito particular, de analisar o caráter penoso (no sentido físicomotor) da atividade desenvolvida pelos trabalhadores precoces no meio rural.

¹³² Róiz, 2002, p. 11.

Dito isto, podemos, assim iniciar a discussão que pensamos ser importante para compreensão de uma visão de trabalho infanto-juvenil, penoso, partindo de situações não-padrão na realização de movimento e no uso da força.

Chamamos a atenção para o fato de estarmos discutindo o trabalho braçal, ou seja, uma forma de trabalho distinta da forma de trabalho manual pela forma característica de usar força e movimento. Essa tipologia de trabalho é considerada penosa pela utilização de grande parte dos músculos de nosso corpo, de modo concentrado. Os músculos adutores são os mais forçados, o que torna tal forma de trabalho mais exigente no emprego de força durante os movimentos. Estudos recentes como de David e Ávila (2001) afirmam que, "Dados para compreensão desses momentos em crianças são bastante escassos na literatura" (p. 6).

Se entendemos que o trabalho manual praticado nas indústrias, por crianças e adolescentes, em diferentes épocas e em diferentes países era penoso, prejudicial ao desenvolvimento humano e deformador, o que discutimos neste capítulo é o quanto é: penoso e prejudicial ao desenvolvimento humano o trabalho braçal.

Se, no trabalho manual, a exigência é a frequência dos movimentos manuais e o autocontrole, muitas vezes, numa posição única; no trabalho braçal, estamos questionando o movimento repetitivo com uso de força em postura de desequilíbrio, de desorganização da estrutura

¹³³.Idem.



física do corpo, além do autocontrole que as atividades exigem. Para tanto, observamos, no estudo de Costa e Vieira (2000), que é possível compreender como surge o movimento no corpo, antes de discuti-lo.

O movimento do corpo humano, sob o ponto de vista mecânico, surge a partir de mudanças nas condições de equilíbrio entre as forças (internas e externas) que atuam sobre o aparelho locomotor. Durante movimentos voluntários, o equilíbrio é alterado pela redistribuição de tensões musculares dentro do aparelho locomotor ou por forças que atuam externamente a ele. Uma vez iniciado o movimento, as mudanças na posição dos segmentos e do corpo todo, em relação às forças externas (principalmente à da gravidade) e as mudanças no grau de tensões musculares alteram as relações de equilíbrio entre as forças atuantes sobre o aparelho locomotor. Tais alterações prosseguem até que o organismo se aproxime, ou se afaste cada vez mais, de um estado de equilíbrio. Assim, nos movimentos voluntários, mudanças nas tensões musculares podem levar ao processo de movimento, e este, por sua vez, altera as condições de produção das tensões musculares. (p. 55)

O pressuposto da existência de um limite de concentração de força (tetânia) possibilita a compreensão do significado da resistência ao esforço físico exigido no trabalho braçal, tornando-o penoso, em idade precoce. Ao considerarmos os movimentos realizados nas atividades

laborais, com a utilização de instrumentos cortantes que exigem movimento de impacto e controle ritmado na execução das tarefas diárias, podemos pensar em situações concretas que permitam a compreensão de alguns aspectos dos efeitos do esforço físico sobre o corpo.

Tomemos a enxada, o podão e foice como exemplos. O controle destes instrumentos deve ser realizado com precisão e força para que o objeto seja a continuidade da mão. O peso do objeto é somado ao peso do braço, causando impulso e retenção com rigidez e rapidez. Esse movimento, para ser realizado, exige precisão visual e coordenação motora eficiente. Nos casos de acidente, essa concentração de força coordenada é falha em momentos de distração. O manuseio do podão, explicado como atividade penosa possível na idade precoce, encontra no contexto rural de trabalho a especificidade do desenvolvimento mental que caracteriza o antes e o durante o uso do instrumento de trabalho.

O uso do instrumento pressupõe o planejamento de seus movimentos e a força concentrada que ele exige durante o movimento. Isso nos faz supor que haja uma preparação mental do ato de movimentar-se e ao instrumento, de acordo com cada situação de trabalho.

A compreensão do desenvolvimento mental por unidade neurológica possibilita a reflexão sobre o desenvolvimento potencial de cada indivíduo, a partir de situações ímpares que o envolvem em seu



ambiente de trabalho, explicando que algumas funções motoras são automáticas.

O pequeno A. F. S., do Município de Cruzeiro do Sul/PR, ao explicar um profundo corte no solado do pé, dizia que o acidente aconteceu porque ele não conseguiu controlar o peso da enxada na hora de forçar a parada do instrumento, devido ao impulso durante a capina. Como não usava calçado, o objeto cortante causou-lhe uma fenda no pé.

Acidentes como este e até piores, é potencial com crianças e adolescentes, pela falta de força concentrada e controlada em quantidade suficiente para a atividade e pelo fato de que não nos é:

[...] dado controle voluntário do corpo inteiro. Para desempenhar-se bem, a vontade precisa aprender e interagir com automatismos natos e adquiridos, podendo, no limite, influir bastante sobre a edificação e desarticulação de esquemas motores, assim como interagir com um grande número de outras organizações automáticas que são dadas e indestrutíveis – fazem parte do plano básico de organização do sistema nervoso [...] da organização dos subsistemas motores situados na medula, em todo o eixo nervoso encefálico e em muito do cerebelo; é aí que se regula e se coordena o funcionamento de uma porção de mecanismos motores que são usados quando agimos voluntariamente – mas sobre os quais não temos controle direto.

Primeiro, os famosos reflexos de estiramento, que o neurologista pesquisa, nos joelhos, nos tornozelos, no braço, etc.; são os reflexos mais difundidos do Sistema Nervoso. Qualquer músculo estirado rapidamente estirado, mesmo que em apenas três por cento do seu comprimento, responde rapidamente com uma contração física forte. A função destes reflexos – os mais rápidos do corpo é essencial para o equilíbrio do corpo – que o corpo se inclina bruscamente em uma direção, os músculos do lado oposto são estirados e automaticamente puxam o corpo de volta. Estes reflexos são tão rápidos que agem antes que se perceba a inclinação. Depois, os subsistemas alternantes que integram os reflexos cruzados dos membros, herança nossa havida dos quadrúpedes, da corrida e, na verdade, essenciais a todas as atividades realizadas de pé.¹³⁴

A falha mecânica que motivou o corte em A. F. S. de 8 anos, pode estar no desejo de não estar trabalhando. O fundamento que nos possibilita pensar que não houve, no momento do movimento do instrumento, conexão entre vontade e automatismo, ocorrendo um momento de distração, de não-concentração no movimento executado.

¹³⁴ Gaiarsa, 1984, p.47.



Sobre essa capacidade de controle e reorganização mental das percepções, ressalta Ratner.¹³⁵

O controle consciente sobre os órgãos físicos é evidente, a partir da experiência cotidiana, como quando decidimos erguer a mão, mas tem recebido também interessantes demonstrações experimentais.

E lembra:

Shaw (1940) descobriu que a imaginação inerva¹³⁶ neurônios efectores, e quanto maiores as respostas imaginadas, mais forte a inervação: imaginar-se erguendo cargas pesadas produz correntes de ação muscular maiores do que imaginar-se erguendo cargas leves.

E salienta, Powel (1973) demonstrou que [...] treinar mentalmente uma atividade, tal como o arremesso de dardo, melhorou o desempenho real em 28%.

Estas informações fazem-nos pensar também no estímulo social de campeão de produção influenciando na formação intelectual, à medida que provoca a imaginação do trabalhador precoce com a idéia de alta produtividade, como sinônimo de destaque, como garantia de trabalho e sobrevivência no processo de competitividade estabelecido pelo sistema de produção, do setor primário, que utiliza força de trabalho humana.

¹³⁵ Ratner, 1995, p.205.

No ambiente de trabalho na zona rural, o estímulo é idéia de produtividade, como garantia de ocupação na vida adulta, e a concorrência pela maior produtividade em menor tempo. Poderíamos dizer que o estímulo é a produtividade desenfreada. O elo, é o trabalho penoso e a resposta a idéias de garantia de ocupação remunerada na vida adulta. São signos que nos permitem pensar a estrutura das operações simples.

É comum, entre os trabalhadores precoces, a preocupação em ganhar dinheiro, o que facilita a exploração do trabalho dessa população uma vez que a motivação para o trabalho torna-se o meio indireto de garantia da efetivação da operação motora. Memorizada a idéia do dinheiro como motivação final de seus atos, os impulsos de reação contrária, são inibidos.

Na visão biomecânica, exemplificada por Gaiarsa¹³⁷, os movimentos, sem esforço consciente, que realizamos, são automatismos, constructos mentais acionados cotidianamente por todos nós e que explicam a influência que sofremos pela repetição de movimentos necessários ao deslocamento em determinado meio ambiente.

[...] as reações de colocação, que nos permitem, por exemplo, subir uma escada no escuro. O pé sente o nível do degrau, e praticamente sem nenhum esforço

¹³⁶ Inervar no sentido de prover com nervos.

¹³⁷ Gaiarsa, p. 48.

consciente, nós assentamos o pé na superfície do degrau seguinte.

Os automatismos são fontes de explicação para fatos que ocorrem no cotidiano. Podemos pensar, com base no seguinte exemplo: se um trabalhador desvia o olhar que deveria estar centrado em seu objeto de trabalho durante sua atividade, por segundos que seja, esse desvio de olhar pode representar a motivação de um acidente por falta de controle da sua ação, motivada por mecanismos inconscientes. Isso justifica a necessidade do uso de equipamentos especiais de proteção do trabalhador da cana, por exemplo. Podemos observar o exemplo de Gaiarsa¹³⁸, ao explicar o controle do equilíbrio.

Se uma pessoa, andando de bicicleta, voltar a cabeça para um lado, poderá perder a direção porque inadvertidamente um braço agiu ao contrário do outro, e os dois juntos mudaram a direção do percurso sem que, de momento (é uma fração de segundo) a pessoa sequer se aperceba do desvio que seus braços imprimiram no guidão [...]. É como um outro agindo à minha revelia!

São exemplos, como estes, que nos permitem pensar o quanto é perigoso uma criança ou um adolescente trabalhar com instrumentos cortantes quando a vontade é de estar brincando, passeando, conversando com os amigos, estudando. Um pequeno desvio de olhar, durante o manuseio de instrumento cortante, pode causar danos físicos

irrecuperáveis. No Estado de Alagoas, ouvimos, no ano de 2000, um Educador de Base relatar o caso de uma menina que, por momentos de distração, afundou-se num monte de esterco químico utilizado nas plantações de cana. Sofreu queimaduras de terceiro grau em quase todo corpo.

Funções físicas voluntárias

A respiração, em meio aos canaviais queimados, é descrita por muitos trabalhadores como algo difícil de realizar. O cheiro dos produtos químicos utilizados nas plantações, o cheiro da cana queimada, das aves e répteis mortos durante as queimadas é lembrado como problema enfrentado ao respirar. A situação revela-se pior com o calor intenso e a pequena quantidade de água consumida. Neste cenário, a exemplo de outros, a alteração do ritmo de respiração altera também as sensações que se referem a movimentos e postura no cotidiano do trabalhador precoce. O controle da respiração é determinado no e para o cumprimento das tarefas diárias. Sabemos que:

[...] a respiração é a única função visceral executada inteiramente por músculos voluntários, e controlada diretamente pelo sistema nervoso central¹³⁹.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Ibidem, p.48 e 49.

Porque a respiração é uma função vital, é importante entendermos que:

A respiração é uma função que deve realizar-se constantemente ou, quando menos, não pode cessar por mais de uns poucos segundos.

Como a respiração se faz pelo tórax, como ela envolve uma expansão deste tórax, como ela é feita inteira por músculos voluntários, como ela está no centro de uma enorme interação (dos braços entre si, dos braços com o tórax, dos braços com as pernas), quando nos movemos:

1. O comportamento crônico do EQUILÍBRIO (Postura) traz INSEGURANÇA (instabilidade);
2. O comprometimento CRÔNICO da RESPIRAÇÃO traz ANGÚSTIA."

[...] Se, em certas movimentações a pessoa não pára para respirar, a execução vai ficando cada vez mais comprometida até se desorganizar de todo. No limite, a pessoa pode desmaiar por deficiência na oxigenação cerebral, como acontece no final de competições de alto esforço.¹⁴⁰

Diante destas informações , ressaltamos que respirar é uma das tarefas de muito esforço para um ser em desenvolvimento que trabalha braçalmente. O duplo esforço, exigido por movimentos automatizados e

¹⁴⁰ Ibidem, p.128 e 165. A respiração envolve fossas nasais, faringe, laringe e traquéia.



força autocontrolada pelo trabalho e movimentos voluntários como respirar, caracterizam o trabalho precoce como penoso.

Ratner¹⁴¹ lembra a observação de Sapir (1974),

[...] respirar é tão socializado quanto as doutrinas religiosas: Há maneiras polidas e não polidas de respirar. [...] Comumente, o ritmo característico de respiração de um dado indivíduo é encarado como uma questão de definição estritamente individual. Mas se se desloca a ênfase para a consideração de uma certa maneira de respirar como devida às boas maneiras ou à tradição social ou a algum outro princípio a que comumente se atribui a um contexto social, então, todo o tema da respiração deixa imediatamente de ser uma preocupação meramente individual e assume a aparência de padrão social. [...] todas elas são passíveis de ser separadas como modalidades socializadas de conduta que possuem lugar definido na história da cultura humana, embora não sejam obviamente, nem um pouco menos, fatos de comportamento individual do que o modo mais casual e normal de respirar, tais, como raramente se imagina, têm outras implicações que não as puramente individuais. Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, não existe uma linha divisória rígida, como classe de comportamento, entre um dado estilo de respirar, desde

¹⁴¹ Ratner, 1995 p. 103.

que ele seja socialmente interpretado, e uma doutrina religiosa ou uma forma de administração política.

Segundo Gaiarsa¹⁴², automatismos posturais são velozes, são 95% do inconsciente, são 95% do que fazemos. São equilibradores, e mais velozes que a deliberação.

Como os automatismos são percebidos pela consciência?

Pela perturbação funcional crônica do sistema extrapiramidal e/ou do cerebelo. Uma organização viciada da postura; no espaço (má distribuição das forças que atuam simultaneamente).

Se minha postura não é confortável, minha respiração também será afetada assim como as costas são afetadas. Nos relatos dos trabalhadores adultos e precoces aparecem reclamações freqüentes de dores nas costas e tontura. As dores e as tonturas podem ser manifestações das percepções dos reflexos das posturas exigidas pelos movimentos que causam constante desequilíbrio no ambiente de trabalho no meio rural, na maior parte do tempo, sob sol escaldante.

As condições de vida do trabalhador precoce apontam indícios dos motivos de desconforto físico e psicológico daqueles que automatizam seus movimentos no e pelo trabalho diário de caráter penoso. Constatamos que há reclamações de dores lombares, cervicais,

¹⁴¹ Ratner, 1995, p.165.



abdominais e de cabeça, com freqüência. Relatam os trabalhadores que, dificilmente, conseguem consultar um profissional da saúde sobre estes problemas e acabam por aprender a conviver com o que chamam de "incômodos".

Expõe Gaiarsa¹⁴³ sobre estas manifestações dolorosas, dizendo que:

Nas costas, (na metade de trás do corpo dividido por um plano frontal) acumula-se tudo o que a pessoa reprime [...]. Além disso, a coluna contém 160 pequenas articulações, o que também contribui para fazer dela, na certa, a região proprioceptivamente mais clara do corpo. Mas o paradoxo é completo, apesar destes fatores favoráveis quase ninguém sente ou percebe sua coluna. Enfim: a imensa maioria das pessoas além de não ver, não sente as próprias costas e a coluna que é a região mais sensível do corpo em relação a propriocepção!

Entendemos que, na população de trabalhadores rurais, o que caracteriza a "propriocepção"¹⁴⁴ é a face penosa das atividades uma vez que constatamos haver trabalhadores que dizem não sentir as costas, mesmo apresentando emborcamento dos ombros para frente.

¹⁴² Gaiarsa, 1984, p.50.

¹⁴³ Ibidem, p.53.

¹⁴⁴ Propriocepção: sensações que se referem ao movimentos e à postura.

É no emborcamento, como busca da postura confortável, que se acomoda uma postura característica nos trabalhadores que não desenvolveram a propriocepção. Outras partes do corpo são indicadas por Gaiarsa¹⁴⁵ como focos de expressão que merecem a atenção dos pesquisadores. Lembra que,

[...] depois da face e da voz, as mãos são as partes expressivas do corpo [...]. A capacidade expressiva de qualquer parte do corpo é proporcional ao número de movimentos que ela pode fazer ao número de sinais que ela pode emitir.

Observamos de modo especial, as mãos dos trabalhadores precoces. São mãos que chamam a atenção pela forma física avantajada. A aparência calejada. As falanges ressaltadas. A pele é grossa. Os dedos são longos, unhas grossas e, muitas vezes tomadas por micoses.

Ao cumprimentar-se um trabalhador adulto ou precoce, sentimos seu aperto de mão. Há concentração de força no movimento de apreensão e impacto controlado. Parece-nos que, quanto mais movimento de esforço o corpo realiza, mais sensação de firmeza a pessoa apresenta nos movimentos. Observamos ainda o desenvolvimento de garras nos dedos. As pontas dos dedos são velozes e fortes, apresentam capacidade de segurar objetos com as pontas dos dedos com facilidade e firmeza, uma capacidade que não é comum às pessoas da mesma idade não

¹⁴⁵ Gaiarsa, 1984, p. 55.



sujeitas ao trabalho no meio rural. Ao apanharem sementes verdes de mamona no chão e atirarem-nas uns nos outros em momentos de descontração, percebemos que há força de apreensão e impulso nas pontas dos dedos que possibilitam o acerto de alvos a longa distância. As mãos dos trabalhadores precoces são expressivas pela força e pela imagem seguidas pelos olhos com agilidade e comunicabilidade.

A organização dos movimentos

A estrutura osteomuscular movimentada quando se manuseia o instrumento de trabalho é, em parte, explicada ao se fazer a correlação entre a descrição do abaixar de um braço com uma barra enganchada ou um instrumento de trabalho.

O abaixamento do braço não precisa de músculo nenhum para se realizar, basta que se deixe de fazer força. Mas se estamos agarrados pelas mãos a uma barra fixa, os músculos abaixadores do braço (adutores) podem [...] levantar o tronco, enganchados nos úmeros fixos na barra. Para esta função, temos, ao menos, dois grandes músculos agindo: o grande dorsal e o grande peitoral; e vários músculos menores, o redondo maior, o corpo maior do tríceps e do biceps e o coraco – braquial, auxiliados pelo supra-espinhoso, o sub-escapular e o

pequeno redondo. [...] Note-se o número e a diversidade dos cabos de tração ligados à adução do braço.¹⁴⁶

Na organização desta estrutura osteomuscular podemos observar, que o caráter de trabalho penoso é identificado no esforço praticado a cada movimento realizado:

O esforço muscular mais econômico é o das fibras musculares que incidem perpendicularmente sobre a alavanca óssea; quanto mais oblíquos, em relação à perpendicular, menos eficientes. [...] Se pretendermos maximizar o rendimento muscular, se quisermos resultados com economia de esforço então aprenderemos a usar o grande peitoral principal ou exclusivamente nas suas fibras horizontais quando quisermos a adução precisa e econômica do braço.¹⁴⁷

Para sabermos se há esforço em um movimento, é necessário que se observe o uso dos músculos, pois o esforço continuado pode exceder a capacidade de movimento de uma quantidade de músculos em detrimento do desenvolvimento de poucos músculos compridos.

Um músculo, uma fibra muscular só consegue exercer esforços dentro de comprimentos determinados, e

¹⁴⁶ Ibidem, p.68

¹⁴⁷ Ibidem, p.69.



mesmo aí o esforço varia em função do comprimento a cada instante¹⁴⁸.

Supondo que a atividade laboral braçal precoce inibe o desenvolvimento muscular, lembramos que o trabalhador precoce estimula o uso de músculos mais alongados, provocando desconforto físico, já na infância, comprometendo uma vida saudável na idade adulta, eis as razões das constantes e intensas dores reclamadas pelas pessoas que trabalharam desde a infância.

Para cada momento de um movimento, há um ou dois músculos em comprimento ótimo para realizar o esforço, e uma porção de outros cada vez menos operantes [...] no poder mecânico da fibra como de escrever pela sua velocidade de contração.¹⁴⁹

Ao trabalharmos em processos de alfabetização, junto a trabalhadores do campo, observamos a lentidão ao manusearem um lápis e a dificuldade de coordenação motora presente nas atividades de escrita, ao mesmo tempo em que apresentam agilidade para dançar, bater palmas, ou seja, para movimentos ritmados de movimentos amplos.

O endurecimento do punho ao segurar um lápis, pela concentração de força atribuída ao ato de apreensão do objeto, impede os movimentos coordenados que possibilitam grafar livremente. Por vezes, ouvimos dos trabalhadores, em processo de alfabetização, reclamações de dores no

¹⁴⁸ Ibidem.

braço e nas mãos por segurarem o lápis por mais de 15 minutos nas tentativas de escrita. Dizem os trabalhadores que suas mãos são duras de tanto pegar na enxada, no podão, enfim, em instrumentos de trabalho que exigem firmeza. Essa firmeza é uma contração máxima que atrapalha, limita e torna morosa a produção escrita.¹⁵⁰

São os movimentos de uma articulação tão complexa e completa que, como bem diz Gaiarsa¹⁵¹:

[...] quem se proponha a explorar o aparelho motor em extensão e profundidade, disporá de uma tarefa para a vida toda, a consciência motora (proprioceptiva) pode ser de uma riqueza sem par.

Por esse motivo, não queremos aqui dar conta de explicar e definir movimento, mas observar traços básicos dos movimentos que são relevantes à compreensão dos movimentos executados pelo trabalhador precoce e suas conseqüências à vida. Como lembra Gaiarsa¹⁵²,

[...] os exercícios não-conscientes fazem fluir sensações de dores, é o caráter dos [...] Exercícios automatizados e forçados, na duração ou na forma, são prejudiciais.

A velocidade dos exercícios forçados é fator de repressão sensorial do aparelho motor. Assim sendo, podemos entender que, a estimulação

¹⁴⁹ Ibidem, p.70.

¹⁵⁰ Ibidem - Força isométrica máxima é aquela que impede o encurtamento do músculo quando em tétano perfeito (quando em contração máxima).

¹⁵¹ Ibidem, p.72.

¹⁵² Ibidem, p. 73 e 74.

precoce provocada pelo mundo do trabalho, antecipa conexões intelectuais na atividade cognitiva dos trabalhadores precoces. Essa idéia encontra amparo na explicação de Ratner¹⁵³ sobre o Córtex Cerebral: "[...] o córtex é a parte mais plástica do cérebro e é inteiramente modelada pelas informações que a ele chegam".

Isso significa que a plasticidade permite que as influências do meio ambiente alterem as atividades intelectuais, independentemente dos processos internos em desenvolvimento. As experiências, no mundo do trabalho, desenvolvem a cognição com as informações do meio.

Outro fator nesta área é a velocidade: exercícios rápidos jamais servirão para modificar a personalidade; o que é rápido a vista percebe, mas a propriocepção não. Mesmo que se vise velocidade.¹⁵⁴

Apesar dos indícios das conseqüências negativas do trabalho braçal forçado para a vida do sujeito à condição de explorado e de excluído dos direitos econômicos e sociais, encontramos a afirmação que ressalva a importância do pensamento ativo existente na vida das pessoas submetidas ao trabalho forçado: a formação da consciência, a formação da personalidade.

Segundo Gaiarsa¹⁵⁵

¹⁵³ Ratner, 1995, p.195.

¹⁵⁴ Gaiarsa, 1984, 77.

¹⁵⁵ Ibidem, p.79.

aceitando-se que cada milímetro cúbico de corpo contém dez receptores sensoriais, teremos 70.000.000 deles em nosso corpo. [...] nossa repressão sensorial é, ao mesmo tempo, nossa maior infelicidade pessoal e nossa maior desgraça coletiva.

Se exigirmos força e velocidade em nossos movimentos, serão na mesma quantidade, possivelmente, reprimidos. As atitudes assumidas frente aos movimentos de repreensão são fatos sociais que influenciam o meio onde as pessoas vivem. Os trabalhadores reprimem a fala, viajam nos olhares e ouvem muito, antes de dizer uma palavra. Revelam personalidade e consciência do valor de suas palavras. O conteúdo destas observações são encontrados também nas palavras de Gaiarsa¹⁵⁶:

As atitudes não são apenas processos mentais, valores subjetivos; elas retratam-se inteiramente no corpo. Por isso são um fato social. [...] Cada um tem seu modo de estar, e este modo influi no ambiente, no mínimo, como se fôssemos estátuas. [...] a Couraça Muscular do Caráter é precisamente a soma das não-liberdades da pessoa, resumo de tudo que ela pretendeu fazer e lhe foi proibido, de tudo que ela não pretendia e lhe foi imposto.

As atitudes podem ser identificadas segundo o contexto da existência material e emocional de uma pessoa, por meio de imagens.

¹⁵⁶ Ibidem, 81 e 83.



Na visão de Gaiarsa¹⁵⁷,

[...] as couraças musculares, se alguém se desse ao trabalho de descrevê-las, fotografá-las e catalogá-las, poderiam ser agrupadas em torno de modelos básicos. Estes modelos existem na ficção, na literatura, na astrologia, no cinema, na televisão. São classicamente o cínico, o cético, o descrente, o amargurado, a vítima, a apaixonada, o ressentido e outros personagens, atitudes semelhantes: todas elas podem ser identificadas no momento em que as temos sob os olhos.

Observando a importância desse trabalho de descrição de fotografias, entendemos que é possível citar algumas observações sobre características que identificam a postura de trabalhador braçal.

O desconforto postural leva a uma tentativa de firmar-se em pé e ereto. O

[...] balanço compromete o equilíbrio do corpo, após o instante de oscilação, a pessoa empertiga-se, ou assume atitude de dignidade ofendida, que é uma caricatura, um exagero da posição ereta: hiper-extensão da coluna e enrijecimento global do corpo - (para não cair!)¹⁵⁸.

O trabalhador precoce é revestido de uma armadura de defesa que o distancia do padrão de criança e adolescente descrito nos manuais.

¹⁵⁷ Ibidem, 86.

¹⁵⁸ Ibidem, p.95.

Vive a constante transformação de suas mentes e corpos numa velocidade que desloca os referenciais infanto-juvenis teorizados como universais. Essa velocidade própria transpõe a brincadeira e fantasia, enquanto ação de movimento livre. Para que ocorra essa transformação, mente e corpo, o processo de formação biopsicológica é desenvolvido com a influência social de seu meio e de seu tempo.

De acordo com estudo de Costa e Vieira (2000), "A natureza só é capaz de controlar a redundância do sistema motor, ou seja, os graus de liberdade excessivos" (p. 58). Entendemos, então que o autocontrole dos movimentos fortes é uma realidade própria do trabalho penoso, na medida em que exige força excesso.

O corpo

Para apresentar uma descrição exemplificada e resumida de corpo físico, tomamos as palavras de Gaiarsa.¹⁵⁹

Quanto mais subirmos, mais alargamos: temos primeiro o maciço amplo das cadeiras com seus poderosos músculos; depois, o maciço respeitável dos ombros com os braços e, lá no alto, que é a parte mais densa do corpo. Portanto, não somos um cilindro; somos mais

¹⁵⁹ Ibidem, p.101.

próximos de uma pirâmide cujo vértice está no chão e cujo base está no alto!

A instabilidade postural vivida pelas pessoas que trabalham em movimento contínuo pode ser explicada ao observarmos que

[...] os braços, por si pesados, podem mover-se com velocidade e podem fazer muita força. E estão bem alto na pirâmide. Isto quer dizer que nossos braços nos instabilizam muito em qualquer movimento que façamos¹⁶⁰.

Para compreendermos todas as conseqüências do trabalho penoso, teríamos que estudar todas as formas de exploração da força humana de trabalho, desde a capina, passando pelas pedreiras, usinas, carvoarias, laranjais e outras mais. Mesmo assim, teríamos que estudar casos específicos em separado e compará-los para então afirmar categoricamente as conseqüências. Mas não é este nosso objetivo no presente estudo. A preocupação primeira é indicar os indícios gerais da vulnerabilidade humana, quando se coloca um ser, em desenvolvimento, exposto às regras da produção. São regras que não respeitam nem mesmo as leis da física. Basta saber que "[...] quando, de pé, inclinamo-nos para a frente até as mãos tocarem no chão, fazemos nosso centro de gravidade sair do corpo".¹⁶¹

¹⁶⁰ Ibidem, p.102.

¹⁶¹ Ibidem, p.103.



"No corpo humano, o centro de gravidade está na bacia"¹⁶² possibilitando estabilidade para que o movimento involuntário de retorno ao equilíbrio ocorra na seqüência de uma inclinação. Podemos dizer, então, que a pessoa que trabalha capinando, arrancando mandioca ou cortando cana, trabalha em posição desequilibrada por manter seu centro de gravidade oscilando com a constante inclinação do corpo.

Observamos, nas abordagens, trabalhadores infanto-juvenis que reclamam de dores fortes nas costas, durante os períodos de colheitas. Entendemos que essas dores sejam exemplo da manifestação das conseqüências em seus corpos, do esforço osteomuscular exigido no trabalho por eles realizado, em atividades de movimentação intensa e subsequentes, em posição desorganizada e desequilibrada.

A postura

A postura física¹⁶³ dos trabalhadores demonstra características que possibilitam a distinção física entre trabalhadores precoces e não-trabalhadores. Mãos e pés grandes, largos e grossos. Braços longos e

¹⁶² Ibidem.

¹⁶³ Ibidem, p.152 - Postura: é o conjunto de tensões. Quando trabalha forte, o tecido muscular é o que mais consome oxigênio e o que mais produz calor.



musculosos, pernas com músculos¹⁶⁴ ressaltados, veias aparentes. Ombros largos. Em conformidade com os estudos de Gaiarsa¹⁶⁵,

Estamos chamando de postura àqueles conjuntos musculares que, em um dado momento, se configuram e permanecem (contrações isométricas), ou que começam a atuar automaticamente e ritmicamente, a fim de que outro dispositivo motor, ou uma ferramenta, possam operar apoiados nela – na postura.

São estas características, entre outras não-descritas, que aprendemos a observar ao conviver com pessoas que carregam na expressão corporal os sinais das conseqüências do trabalho penoso. Sua forma física é fonte de informação sobre sua constituição.

No entendimento de Gaiarsa¹⁶⁶,

[...] a Couraça Muscular do Caráter é todo o esforço de carga/contenção que dispendemos a fim de controlar a fluência dos afetos. É o dispositivo que transforma fluência em estrutura.

As expressões físicas, de acordo com os conhecimentos da biomecânica, mostram como é possível olhar para cada parte do corpo de uma pessoa e reconhecer nele um sujeito ao trabalho penoso e de suas emoções contidas. Mais uma vez, recorremos a Gaiarsa para descrever

¹⁶⁴ Ibidem, p.136 - Músculos: pesam 45% do corpo e absorvem 2/3 neurônios cerebrais para seu controle.

¹⁶⁵ Ibidem, p.40.

as informações mais genéricas através da postura física, a começar pelos ombros:

Ombro direito mais alto e um pouco para a frente - arrogante; ombro esquerdo ressentido, sempre puxado para baixo, para trás e para dentro - assustado; ombro direito avançado aberto e alto – desafio; ombro esquerdo recuado e encolhido, tendendo a girar para trás – fuga, ombros encolhidos junto à coluna – medo.

Segundo Gaiarsa¹⁶⁷, as expressões dos ombros são

[...] um dispêndio mensurável de energia (calorias produzidas, oxigênio e glicose consumidos), sem função objetiva (ao contrário: com efeitos demonstravelmente maléficos sobre a pessoa); - a tensão pode ser registrada mioelectricamente¹⁶⁸; é também fotografada e cinematografada (o inconsciente não é); os ombros presos intervêm em todos os movimentos que a pessoa faz, se ela se movesse sem as tensões anômalas, seus movimentos sairiam mais fáceis, melhor organizados, mais eficientes e mais graciosos. É difícil, para uma pessoa com estas tensões nos ombros, abraçar alguém ou fazer um gesto de carícia que comunique sentimentos e intenções, ou que deposite sensações agradáveis e conscientes de contato.

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ Ibidem, p.41.

Para Gaiarsa, sonhos e fantasias podem ser interpretados, em parte, através da posição de repouso do corpo:

[...] se durante o relaxamento, que é próprio do sono, o ombro esquerdo relaxar sozinho, a pessoa poderá sofrer de um pesadelo, porque tudo se passa como se as tensões crônicas segurassem ou contivessem sentimentos, no momento em que a tensão cede, o sentimento flui.

Para entendermos o desenvolvimento de um trabalhador, devemos também saber sobre seu sono. Durante nosso estudo, verificamos que o tempo de sono dos trabalhadores é curto e muitos reclamam de perturbações enquanto dormem. Se admitimos a teoria de Gaiarsa entenderemos que são as ações diárias que provocam tensão muscular. Porém, durante o sono a tensão é aliviada.

A somatória dos atos cotidianos definem as ações dos trabalhadores em atividades penosas e sua postura, de acordo com sua atividade laboral. "A postura de trabalho é o último passo da profissionalização!"¹⁶⁸ Assim, um trabalhador produtivo apresenta os sinais físicos das atividades que desenvolve.

Devemos considerar, aqui, o efeito do trabalho de ideologização realizado pelos exploradores da mão-de-obra infanto-juvenil durante o

¹⁶⁸ Refere-se a miologia, ou seja, estudo dos músculos.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 42.



processo de formação da postura de um trabalhador que corresponda aos interesses da produção capitalista.

O aprendizado, em situação tensa, ameaçadora, leva a pessoa a fixar-se fortemente naquilo que deu certo na primeira tentativa, mesmo que o gesto tenha sido mal organizado ou executado com grande dificuldade¹⁷⁰.

Entendemos ocorrer essa dificuldade: organizar uma postura, no caso dos trabalhadores precoces em atividades rurais pelo fato de as atividades praticadas impossibilitarem a posição equilibrada, durante seu desenvolvimento biopsicológico.

Ressalta Gaiarsa¹⁷¹:

Quando uma criança é obrigada a segurar o choro (a raiva, o medo, o amor) ela se endurece/imobiliza e fará assim depois, e para sempre, sempre que tenha que conter o afeto fluente.

Observamos que os meninos, mais que as meninas da zona rural, sofrem com a dificuldade de demonstrar afeto. Olhar baixo e rápido, sorriso de lábios cerrados, são fugidios. Falam pouco e demoram a aproximar-se de adultos que não sejam os pais.

Se "[...] a postura é a maneira de nos equilibrarmos a cada momento", então, podemos declarar, que os trabalhadores desorganizam

¹⁷⁰ Ibidem, p.45.

¹⁷¹ Ibidem, p. 46.



sua estrutura osteomuscular em desenvolvimento, com frequência diária, na condição de sujeitos, e a repetição de movimentos de inclinação dá-se com força concentrada. Se entendemos que o equilíbrio

É o elemento mais estável da movimentação do corpo humano, é o conjunto de forças que a cada instante garante minha posição de pé, qualquer que seja o esforço que eu posso estar fazendo. Como faço mil esforços e mil gestos por dia, devo ter muitas posturas.¹⁷²

No caso dos trabalhadores precoces, a quantidade de posturas é limitada pela repetição e repetitividade de movimentos definidos pelas exigências de produção em cada área de atuação, em cada atividade de trabalho.

Quando um corpo está em desenvolvimento e é submetido a atividades limitadoras de movimentos livres, os esforços devem promover uma organização desarticulada, ímpar, distante de uma postura desejada para uma pessoa saudável, pois consideramos que dessa organização depende a constituição do ser.

A mesma postura que nos embasa, mantém-nos em pé e nos carrega, são músculos de fixação e movimentação localizados entre os pés e a bacia, entre a base e o centro de gravidade. A postura, que se sustenta sobre essa base é a que dinamiza os braços em movimentos oscilatórios. Assim, é a

¹⁷² Ibidem, p. 107 e 108.



[...] postura de trabalho, que envolve primariamente ombros e braços. Está instalada sobre a anterior, de uma forma que permite enorme liberdade de movimentos. A postura de trabalho pode oscilar muito sobre a postura de base, além disso, os braços trabalham com frequência de modo assimétrico compondo esforços um com o outro e descarregando esforços ao chão, através da postura de embasamento.¹⁷³

Outras posturas são observáveis nos seres humanos, como a postura de

[...] controle vigilância sinalização: a cabeça com todos os seus órgãos sensoriais, principalmente os telereceptores, olhos, ouvidos, olfato.[...] As funções básicas de pesquisa, orientação e busca estão na cabeça, o que torna legítimo dissociar a postura da cabeça, das outras duas [...] a cabeça tem também uma postura de controle porque, de regra, é ela que observa o que as mãos ou o corpo estão fazendo e é ela que avalia ou diz quando é que está bom e quando não está.¹⁷⁴

Como compreender a cabeça abaixada com frequência nas atividades da lavoura? Será que o desenvolvimento do senso de orientação espacial é o mesmo das pessoas que trabalham com a cabeça em posição de giro confortável e pesquisa constante? Certamente

¹⁷³ Ibidem.

encontraremos aspectos que especificam o desenvolvimento do senso de orientação das pessoas que trabalham com a cabeça inclinada.

Observamos que os trabalhadores posicionam os pés distanciados na busca de fixação. Lembramos que o distanciamento entre os pés modifica a base postural, refletindo nos tornozelos, joelhos e articulações coxofemurais, pelo fato de baixar o centro de gravidade. Os pés passam a constituir garras de fixação para que fiquem em pé. Se um dos pés não for fixado, não tiver garra, o desequilíbrio pode levar a um desvio de trajeto e até mesmo a queda.

Acompanhando diariamente uma pessoa que não conta com o controle osteomuscular da perna e pé esquerdo, durante nove anos de caminhadas rotineiras, observamos que há tendência ao desvio de trajeto sem que haja percepção deste ato. A falta de garra para fixar os pés, a cada passo, leva a pessoa a sustentar todo seu peso, mais o esforço no mover o corpo para frente, sobre o pé coordenado. Em consequência desse ato, inclina-se no sentido do pé coordenado, deslocando o corpo para frente e para o pé coordenado, desviando seu trajeto que deveria ser em linha reta, e que, em função da falta de base de fixação no pé, sem coordenação, passa a andar em zigue-zague, de um extremo a outro da rua e de cabeça baixa.

Esse desequilíbrio desloca peso para coxa, joelho e pé coordenado, causando desconforto e insegurança, além de dores

¹⁷⁴ Ibidem, p.115.



musculares e articatórias. Ou seja, o senso de orientação é prejudicado em razão da inclinação da cabeça, no esforço para mudar os passos em busca do equilíbrio.

No momento em que saio do eixo de minha forma - massa e de minhas tensões posturais bem centrada (bem equilibradas), as forças que antes me equilibravam em oposição perfeita, agora entortam meu corpo e tendem a entortá-lo cada vez mais; fico assim obrigado a um equilíbrio forçado, para a manutenção do qual tenho que gastar mais energia que o necessário, de um modo que é definida e demonstravelmente maléfica¹⁷⁵.

A postura de ação para o corpo, resumidamente, movimenta uma caixa torácica, o que Gaiarsa¹⁷⁶ compara a um "[...] sino achatado, canga sobre o pescoço do boi", ombros ou cintura escapular, 50 a 70 centímetros de coluna, comparadas a 24 xícaras emborcadas. "Na dianteira, músculos da parede abdominal sobre a bandeja de esferas, bacia." Braços e mãos, que são considerados "órgãos executivos dos homens e mulheres" e a cabeça, têm peso médio de 5 kg.

A compreensão da postura de ação do trabalhador pode ser entendida ao considerarmos na atividade laboral braçal o caráter penoso do movimento, mais força. O cansaço reclamado pelos trabalhadores pode ser analisado sob a perspectiva da má organização dos esforços

¹⁷⁵ Ibidem, p.134 e 135.

¹⁷⁶ Ibidem, p.119 e 120.



exigidos pelo trabalho nas atividades desenvolvidas, no trato com as lavouras de culturas cultivadas braçalmente.

Observa Gaiarsa¹⁷⁷,

O bom profissional arruma primeiro a postura a fim de equilibrar, compensar os esforços que vai fazer nos braços, com um balanço nas partes inferiores do corpo; sendo pesadas elas se prestam bem a servir de contrapeso.

Entendemos que a posição ereta do trabalhador ativo, ao ficar em pé configura essa compensação.

A primeira característica das boas posturas é o alinhamento vertical preciso das partes. Cada parte superior do corpo descansa sobre a inferior segundo apoios ósseos, quase sem nenhum esforço muscular e sem nenhuma tendência das partes a deslizar ou escorregar (pela obliquidade das superfícies de apoio). [...] Sempre que fazemos movimentos repetitivos mais ou menos amplos e rápidos, como na marcha ou na corrida o ideal é que alavancas e pesos sejam iguais dos dois lados do corpo e, mais do que isso, que os pesos das partes iguais do corpo sejam iguais entre si. Aí teríamos um sistema de balanceamento fácil e perfeito de todos os

¹⁷⁷ Ibidem, p.121.



movimentos, um anulamento fácil dos momentos de inércia.¹⁷⁸

Todo esforço concentrado que desorganize a postura confortável é prejudicial, principalmente ao ser em desenvolvimento. Podemos observar que os

[...] Esforços respiratórios ou do corpo todo (esforços amplos) feitos com garganta aberta, alteram apenas ligeiramente a circulação; feitos com garganta fechada, alteram MUITO a CIRCULAÇÃO torácica, e, por consequência a circulação cerebral também, a circulação coronária, pulmonar, etc¹⁷⁹.

De acordo com levantamento realizado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em Pitangueiras, no ano de 1996:

[...] enquanto o adolescente trabalhador pesa em média 34 quilos, o que apenas estuda tem 49 quilos. Os trabalhadores também são 13 centímetros mais baixos, tem o braço 4 centímetros mais finos e o pescoço 2 centímetros mais estreito¹⁸⁰.

Os pais destes adolescentes são apontados como exemplo de futuro para os filhos que permanecerem nos canaviais:

¹⁷⁸ Ibidem, p. 125. Coluna dorsal (costelas); Coluna vertebral (músculos das goteiras peravertebrais); Coluna cervical (pescoço).

¹⁷⁹ Ibidem, p.129.

¹⁸⁰ Revista Veja, 10/96, p.37.



O pai, 40 anos, do adolescente Edimilson de Castro Flores, corta cana há trinta. Sofre dores terríveis na coluna e tem tosse crônica. A mãe, Jesuíta, cortou cana dos 10 aos 32. Hoje tem 33 e mal consegue andar.¹⁸¹

Diante destas considerações, perguntamos: O trabalho caracteriza a postura do trabalhador? Existem indícios para acreditarmos que o trabalho, em atividades que desorganizam constantemente a estrutura-padrão dos ossos e músculos, pode alterar a postura. Evidências técnicas confirmam essa possibilidade ao sabermos que,

[...] Se, por qualquer razão, tenho que ficar de cama dois ou três meses, meu esqueleto muda de consistência, rarefaz-se, reordena-se para existir assim como eu estou: deitado (o que, mecanicamente, é muitíssimo diferente do que existir de pé). Dois meses já bastam para se poder evidenciar diferenças em radiografias de ossos. Se a pessoa perde um membro ou começa a usar digamos, muleta de um lado, ao cabo de 6 meses sua estrutura osteoarticular mudou completamente em relação ao que era.¹⁸²

Alterações, como estas, podem ocorrer pelo fato de que

Todos os tecidos do corpo são vivos, inclusive o tecido ósseo e o conjunto (cujo metabolismo, aliás, é o mais

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² Gaiarsa, p.137.



baixo de todos, sugerindo que se trata de um tecido MUITO POUCO VIVO) Isto é, todos os tecidos do corpo estão em contínua formação, destruição e reformação. Certamente não somos uma coisa, nem os ossos, que, no corpo, são o que mais se parecem com pau e pedra, com coisa acabada.¹⁸³

Desse modo, o trabalhador que força seu corpo, principalmente durante o período de desenvolvimento, pode provocar efeitos estranguladores à sua postura para o resto de seus dias.

Os pequenos momentos de inércia - trabalho leve com as mãos, pouco nos perturbam, mas sempre, que de pé, gesticulando ou andando, e mais ainda quando em trabalho pesado ou fazendo esporte, a importância dos momentos vai crescendo.¹⁸⁴

Na vida do trabalhador rural precoce esses momentos de inércia são raros, pois o fazer força é condição básica dos exercícios. Essa informação é de suma importância no processo de compreensão de sua formação intelectual, à medida que nos aproxima do complexo humano constituído como ser trabalhador. Para não perder de vista a formação do ser integral, é interessante constatar que, em média, para um padrão de vida sem uso de força concentrada no trabalho:

¹⁸³ Ibidem.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 148.



Dedicamos 2/3 do nosso sistema nervoso e 4/5 do nosso peso (músculos + esqueletos) a esta função: resposta mecânica ao mecânico que há no mundo. As funções viscerais (intestinos, afetos) não têm sentido sem estas coordenadas que nos ligam e nos permitem lidar com as coisas do mundo.¹⁸⁵

Estas respostas mecânicas que nos envolvem fazem-nos usar 60% de nosso sistema nervoso e 80% de nosso peso. Confere que em média, restar-nos-ia, matematicamente falando, a título de exemplificar em números, 40% de nosso sistema nervoso e 20% de nosso peso, para ser usado em atividades não-mecânicas, em atividades conscientes, em pensamento vivo. Se isto ocorre com pessoas em condições normais de vida, ou seja, sem esforço penoso, podemos pressupor que, no caso das pessoas que concentram esforços em atividades mecânicas, o percentual de potencial para atividades de pensamento vivo seria diminuído, seria amputado, ou, no mínimo, aniquilado.

¹⁸⁵ Ibidem, p.162.



CONCLUSÃO

Por que a sociedade contemporânea convive com o trabalho de crianças e adolescentes?

Para Ratner¹⁸⁶, numa sociedade

[...] onde a interação social é governada pelas regras que governam a troca de mercadorias, sendo as decisões pessoais e sociais cada vez mais subordinadas às decisões comerciais, a constituição humana da sociedade e da tecnologia fica em segundo plano. Tudo parece acontecer por causa do mercado, e perdemos de vista o fato de que, antes de mais nada, o mercado é um fenômeno específico, construído pelo homem. Assim, a produção de mercadorias fomenta o engodo da reificação ou fetchismo - que as relações sociais, os artefatos e até mesmo as características humanas possuem propriedades de coisas, independentes da atividade humana. Contudo a reificação é, na verdade, um fenômeno social: a interpretação dos acontecimentos

como naturais e associas deve-se inteiramente, à estrutura de um determinado sistema social.

Nesse sistema social organizado no Brasil, observado a partir da década de 1970, a forma de exploração dos seres humanos em desenvolvimento, é a mediação da estrutura da consciência de uma população que se vê desprovida de futuro. Os universos de vida dos meninos e meninas explorados precocemente no trabalho constituem também universos psicológicos de um mundo capitalista, sendo os significados de suas emoções, desenvolvidos segundo sua condição social e econômica de vida, sem horizontes onde possam mirar seu futuro.

Os contextos que envolvem a vida da população trabalhadora precoce estão contidos nas engrenagens das cadeias de produção que segregam, apropriam e violam os direitos mais elementares para o desenvolvimento da vida humana.¹⁸⁷

O direito à liberdade para brincar, à escola para participar e ao tempo para conviver com a família, não é vivido nas proporções necessárias ao desenvolvimento humano saudável. O processo de apropriação coloca o trabalho como meio e fim da sobrevivência. A escola fica no mundo da imaginação.

¹⁸⁶ Ratner: 1995, p. 91.

¹⁸⁷ Cf. tabelas 78 a 124 (Educação) - IBGE/2000 - CD-ROM multidados/PNAD - 1999.



São estes aspectos, também da sociedade brasileira, que confirmam nossa hipótese de que o senso comum, ideologicamente formado por pressupostos capitalistas, reforça a indústria do analfabetismo e da exploração do trabalho precoce em atividades penosas.

É no período republicano de organização da sociedade brasileira que ficam registradas, em textos de lei e nas práticas convencionadas, as evidências da exploração orquestrada da mão-de-obra infanto-juvenil. É nesse período que as condições de vida do trabalhador rural empobrecido, em grande parte morando nos arrabaldes das cidades, apontam os sinais de evidencia da necessidade urgente de políticas públicas no atendimento a demandas de saneamento básico, de acompanhamento nutricional e escolar das famílias.

Crianças e adolescentes, que trabalhavam em regime familiar de produção, passam a ser visadas como instrumento de trabalho útil, não só no setor rural de produção. Com a intensificação do fluxo migratório campo-cidade a partir da década de 1970, o trabalho precoce é caracterizado como forma de corrigir os vícios da "bandigagem e da vagabundagem"¹⁸⁸. O conceito de aprendiz toma forma legal e passa a ser discutido como parâmetro para utilização do código penal. A violência contra a criança e o adolescente aumenta. Quando pobres e encontradas nas ruas, são tratadas como vadias, se são exploradas no trabalho, são

tratadas como máquinas descartáveis e em muitos casos, inexistentes para o Estado por não possuírem documentação. Este é um grande motivo para os órgãos oficiais do Governo Federal intensificarem as campanhas conjuntas, envolvendo a comunidade civil organizada nas atividades de resgate da cidadania iniciando pela documentação da população como a primeira providência prática de reconhecimento da existência da pessoa humana. Este trabalho pode ser realizado por todos os ministérios públicos em ações colegiadas, programadas sem prazos de conclusão, no entanto, com prazos determinadas para avaliações e planejamentos cabíveis a cada etapa de trabalho em rede nacional.

Nesse contexto, a deficiência alimentar é um aspecto agravante no desenvolvimento das vidas humanas submersas nas cadeias de produção. A escola, para maioria dos trabalhadores precoces, ainda é um sonho não realizado. Há falta de esperança entre os trabalhadores para com os governantes frente as abordagens realizadas por programas temporários e de ação estanque, por sentirem-se instigados a participar e tolhidos no direito de dar continuidade à participação. Os grandes produtores continuam a poluir as fontes de água doce e os mares, sem a fiscalização necessária das administrações públicas em muitos municípios.¹⁸⁹

¹⁸⁸ "bandigagem e vagabundagem" (termos utilizados para caracterizar os desempregados).

¹⁸⁹ Cf. Pinheiro, 1998 - Exemplos de casos de poluição no Brasil são documentados.

A vida dos trabalhadores rurais, nos Estados do Paraná e Alagoas, a exemplo de outros Estados, é feita de insegurança e assalto a seus direitos. Crianças e adolescentes brasileiras e brasiguaias, que vivem do trabalho no campo, estão perdendo suas identidades, apesar da convenção de Haia (5/10/61), aprovada no Brasil pelo decreto legislativo n.º 397/97, que define as formas de atendimento aos direitos dessa população infanto-juvenil.

Embora possamos constatar que há iniciativas no atendimento da população infanto-juvenil, concluímos que inúmeras crianças e adolescentes continuam trabalhando em atividades penosas, em muitos casos, devido o caráter temporário das ações implementadas para o atendimento à essa população. Há uma urgência de ações permanentes no atendimento às atividades educativas que visam a retirada definitiva do trabalhador precoce das atividades penosas. Os critérios de avaliação dos programas devem considerar a emancipação da condição de trabalhador braçal como meta dos programas.

A ciência social destes trabalhadores, sobre sua condição de vida, é sinal de perda precoce da espontaneidade e da naturalidade própria da maioria das crianças que não trabalham. O trabalho braçal precoce é mediador das emoções e provoca sofrimento ao trabalhador precoce por limitar e por impedir a liberdade de brincar. O trabalho tem, para estes trabalhadores, significado de anulação de desejos como o de brincar e estudar. É na realização destes desejos que devem ser pautadas as

políticas públicas na abordagem desta problemática social, considerando não apenas a idade cronológica para o atendimento, mais as possibilidades de desenvolvimento humano da população alvo.

A consequência social da prática de exploração do trabalho precoce foi constatada em nossas investigações como analfabetismo que mantém contingente inestimado pelos órgãos governamentais, de trabalhadores usados no mercado de trabalho informal sem seus direitos sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais e legais/civis respeitados¹⁹⁰. As condições de vida destes trabalhadores rurais, no início do século XXI, são deploráveis e inaceitáveis do ponto de vista humano, econômico, sociocultural e científico, cabendo aos Ministérios ações colegiadas na criação de linhas de investimento social que reünam, não em fundo de miséria, mas em política orçamentária pública que garanta o atendimento regular de ações permanentes.

O esforço físico exigido no trabalho penoso é, em seu aspecto biopsicológico, prejudicial ao desenvolvimento humano dos trabalhadores por vários motivos, entre eles:

- alimentação inadequada, pois é um dos fatores de degradação humana;
- falta de direito ao descanso e água potável em quantidade suficiente, desfavorecendo o desenvolvimento saudável.

¹⁹⁰ Cf. tabelas 125 a 163 (Trabalho Infantil)- IBGE/2000 - CD-ROM multidados - PNAD - 1999.



O condicionamento físico e psíquico ao trabalho limita a atividade, com movimentos livres, e diminui o espaço da brincadeira. Constatamos, mediante entrevistas com trabalhadores, que em três décadas, o número de brincadeiras coletivas praticadas por estes trabalhadores na infância e na adolescência diminuiu em dois terços. Mesmo considerando este dado como amostragem, é significativo do ponto de vista da importância da brincadeira para o desenvolvimento humano. Compreendemos que a redução da quantidade de brincadeiras coletivas torna-se um fator prejudicial, quando entendemos que, para o trabalhador braçal, a brincadeira significa também liberdade e autoconhecimento.

No trabalho precoce, o trabalhador desenvolve autocontrole de seus desejos no sentido de sufocá-los, anulá-los mediante a necessidade de trabalhar. Alterações mentais ocorrem nesse processo da prática do autocontrole pela necessidade de produção do sustento. O pensamento e a linguagem do trabalhador estão permeados por preocupações com o trabalho, para o sustento próprio e dos familiares, sendo o trabalho braçal entendido como a única forma de obtê-lo.

O casamento e a maternidade precoce também constituem o rol de conseqüências. Na fuga das condições sócio-econômicas vividas com os pais, os adolescentes acabam por aventurar-se no casamento, sonhando com a possibilidade de constituir um núcleo familiar diferente e acabam, na maioria das vezes, reproduzindo a situação vivida junto aos pais.

Dentro dos limites de nossa investigação, concluímos, de acordo com os dados coletados para este estudo que:

A escola, nas décadas de 1920 a 1970, era entendida pelos trabalhadores precoces, conforme amostragem das entrevistas realizadas com pessoas adultas que viveram suas infâncias e adolescências trabalhando na zona rural, como uma ferramenta para o sucesso e para a felicidade, uma necessidade cultural de acesso restrito a uma minoria.

Dos trinta e seis entrevistados, trinta e quatro informaram que seus pais eram analfabetos;

- Apenas dois informaram que seus pais eram alfabetizados e viam, na escola, uma possibilidade de transformação para vida de seus filhos;
- Quinze pessoas freqüentaram a escola, por alguns dias e, após décadas, são capazes de explicar a importância da escola como possibilidade de transformação das condições de vida por terem aprendido a assinar;
- Dos trinta e seis entrevistados, quatorze pessoas realizaram a tentativa de estudar na adolescência, desistindo no primeiro mês de aula;
- Vinte e uma pessoas que não freqüentaram escola, nem mesmo por alguns dias, apontam o desemprego e o desamparo social como consequência do analfabetismo.

Diante destes exemplos, compreendemos que existe um potencial intelectual no trabalho braçal precoce que deve ser desenvolvido na vida escolar, no trabalho com o professor, na relação com pessoas de diferentes setores sociais, sem a mediação do trabalho braçal e exercendo seus direitos sócioeconômicos, culturais e humanos. Entendemos, com a realização da presente pesquisa, que os aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação destes trabalhadores precoces no meio rural precisam ser reconhecidos como fatores que influenciam a vida da nação, sendo portanto, responsabilidade pública o compromisso de realizar trabalhos com a população trabalhadora rural convocando Universidades para a elaboração e execução de políticas públicas a serem implementadas, com definição orçamentária, com prazos mínimos para início.

Nos Estados de Alagoas e Paraná, os dados estatísticos, que nos orientam na compreensão dos aspectos da formação do trabalhador precoce, representam as características geopolíticas das regiões e refletem a base econômica desenvolvida em cada um. O levantamento das bases econômicas das diferentes regiões do Brasil possibilitam a orientação de políticas de redistribuição orçamentária para o atendimento à população rural.

Sabendo que o Estado do Paraná tem um território de 199.709 Km quadrados e ocupa 334.439 ha com plantações de cana, ou seja, 4,8% da área agrícola distribuída em 6% das propriedades, o que equívale a

24.538 estabelecimentos médios, com uma produção de 82.630 kg/ha no ano de 1999.

O Estado de Alagoas, reservadas as devidas proporções geográficas em relação ao Paraná, com um território de 27.933 km quadrados, produziu no mesmo ano 61.532 kg/ha de cana. Os dados neste caso, são usados para mostrar que implícitos nestes números estão os contingentes de trabalhadores que vendem sua força de trabalho. Considerando a fidelidade destes dados, observamos, neste estudo, que a média brasileira de produção de cana no ano de 1999 foi de 72.181 kg/ha, sendo que os Estados de Alagoas e Paraná foram destaque regional de produtividade.

O que isso quer dizer? Quer dizer, diante das questões que estamos trabalhando, que naquele ano, o Brasil ocupou 73.533 pessoas nessa produção. Esse contingente encontra-se temporariamente trabalhando, em grande parte, nas safras destes Estados, sustentando sua economia de base.

Dentre estes trabalhadores, confirmando os diagnósticos do Ministério do Trabalho no Brasil no ano de 1996, estão muitos dos trabalhadores precoces que vivem trabalhando e sonhando com outras profissões que não sejam braçais, e provavelmente, não são contabilizados. Vivem trabalhando, excluídos do direito de desenvolver a imaginação, como fonte cognitiva, que poderia alimentar seus sonhos

com possibilidades concretas de transformação em suas vidas. Entre estes sonhos prevalece o de ler e escrever.

Constatamos que a realidade, que impede a realização deste sonho, prejudica o desenvolvimento biopsicológico das crianças e adolescentes, pelo esforço físico, ao provocar a freqüente desorganização osteoarticular, pelas doenças que acarreta, pelo sofrimento que provoca ao sufocar os sonhos e impedir a liberdade de movimentos e a realização de desejos. O sonho, com a escola faz com que olhem para a escola como um caminho para a inserção no mercado de trabalho formal, como a instituição que tem o papel de ensinar.

Na vida destes trabalhadores, brincadeira é entendida como movimento livre, é encontro de amigos e divertimento. Expõem que, ao cantar durante o trabalho, estão brincando. Entendemos que essa cantoria, que para o trabalhador é uma brincadeira, ao constataremos que o movimento durante o trabalho exige concentração e autocontrole, é a forma que o trabalhador encontra para administrar seus movimentos forçados nas atividades que desenvolve.

Nas atividades desenvolvidas pelos trabalhadores precoces, o autocontrole de movimento e força durante a maior parte do dia está em manter o trajeto de seus movimentos repetitivos. Também a respiração exige do trabalhador esforço para controlá-la, conforme a necessidade de seus movimentos. O desconforto dos movimentos forçados tomam a respiração uma atividade difícil, penosa. O autocontrole dos movimentos,



por longas horas, afeta a execução dos movimentos livres, pela dificuldade na coordenação de movimentos necessários para grafar, por exemplo.

O meio social de trabalho em consequência de suas regras, altera as atividades intelectuais em virtude do movimento forçado e autocontrolado. As consequências posturais do esforço, na idade adulta, são constatadas pelo emborcamento da coluna vertebral e cervical. O esforço osteomuscular desequilibrado pode levar a deformações do corpo.

Compreendemos que a economia baseada também na cana, como nos Estados do Paraná e Alagoas, tem significativa importância no impacto social, quando discutimos o mercado informal de trabalho a ela subjacente. O trabalhador braçal precoce, submetido a atividades próprias dessa economia, pode sofrer deformações do corpo, além dos prejuízos no desenvolvimento intelectual, por permanecer fora da escola.

E finalmente concluimos que a pesquisa realizada confirma nosso suposto de que a vida mediada pelo trabalho braçal penoso, implica negativamente na formação osteomuscular pelo uso da força concentrada e na formação de processos cognitivos pela necessidade de autocontrole para produção, o que nos autoriza dizer que pesa sobre a responsabilidade pública o dever de pensar o desenvolvimento humano considerando como objeto de políticas a condição de vida dos trabalhadores precoces nas atividades do setor primário de produção,

principalmente as atividades de cunho agrícola. Para tanto, reforçamos, mais uma vez, a necessidade urgente de ação colegiada entre os Ministérios para a criação e implementação de políticas orçamentárias.

Observamos que iniciamos um estudo sobre o desenvolvimento do trabalhador precoce em atividades penosas, que merece aprofundamento, principalmente, no que se refere às conseqüências negativas para a vida humana



BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Ricardo. Fome e Assalariados Rurais. In Maria Cecília Minayo (Org.). *Raízes da Fome*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

AÇÚCAR / ALGODÃO / BATATA / FEIJÃO. Disponível em:
Engenho.htmengenho.htmengenho;

<http://www.mre.gov.br/textos/brasilsint/agricultura-n.htm>;

<http://cnn.com.br/2001/brasil/08/30/safra/>;

<tp://www.celepar.br/seab/aspectos/aspectos.html>;

<tp://www.celepar.br/seab/aspectos/algodão.html>;

<tp://www.celepar.br/seab/aspectos/batata.html>;

<tp://www.celepar.br/seab/aspectos/cana-de-açúcar.html>;

<tp://www.celepar.br/seab/aspectos/feijão.html>.

AGRICULTURA. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/parana.htm>;

<http://www.ufv.br/poscolheita/noticias.htm>;

</index.html..index.htmlingles/index.htmlingles/index.html>;

seab@pr.gov.br;

<http://www.química.ufpr.br/serviços/seguranca/alcool.html>

AMADOR JUNIOR, Rubens. *Boletim Acorda Brasil*. Ministério da Educação e Desporto, Brasília : 1997, Ano 1, N.º 2.

AMORIM, Ricardo e PINHEIRO, Daniela. Programa combaterá o trabalho infantil. *Folha de São Paulo* : 07/09/96, p. 11.

ANTUMES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo, Cortez, Campinas, SP: Editora Da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da Educação*, 2ª ed.. São Paulo : Moderna, 1996.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman. 2ªedição. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

ASSUMPÇÃO, João Carlos. Estados Unidos vigiam Brasil. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil, 1º/05/97, p. 12.

AVANCINI, Marta. *Situação é pior na África e na Ásia*. *Folha de São Paulo*. Especial – trabalho infantil. 1º/05/97, p. 11.

BIBLIOTECA DO DIREITO DA CRIANÇA. Disponível em: <http://www.unicef.org/brasil/sib2001/endex.htm>

BITENCOURT, Rosa. Crianças de rua ficam no sonho da volta à casa. *Gazeta do Povo*. 29/06/96, p. 32.

BIZZO, Nélío. O paradoxo social-eugênico e os professores: *ontem e hoje*. *Ciência, Ética e Cultura na educação*. São Leopoldo – RS, Ed. Unisinos, 1998. (p.165-189).



BLASKIEVICZ, Danielle. Violência contra crianças é maior dentro de casa.

Gazeta do Povo. 05/10/99, p. 3.

BLECHER, Bruno – RS. Sul valoriza trabalho desde os 7; indústria do fumo é favorecida. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil.

1º/05/97, p. 10.

BOLETIM DE INTEGRAÇÃO MERCOSUL - BANCO DE DADOS.

Disponível em: <http://www.mre.gov.br/getec>

BOLETIM DOS IMIGRANTES. Infância globalizada. Londrina, ano 5, n.º 18. 1º/05/98.

BOLETIM INFORMATIVO: Educação para Cidadania - PCA/UEM. n.º 1/1998.

BONAMIGO, Luciane de Rezende. *O trabalho e a Construção da Identidade: Um estudo sobre meninos trabalhadores na rua*. Revista Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre, V. 9 - n.º 1/ 1996, p. 129-152.

BRAGA, Paulo Henrique - Londres. Reino Unido Viola Carga horária. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil. 1º/05/97, p.11.

BRANDÃO, Elias Canuto. *Educação e Consciência: a formação da consciência sóciopolítica dos trabalhadores assentados*. Piracicaba, SP, Impresso, 2000.

BRASIL - MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO.

Acorda Brasil. Boletim do MEC: Brasil em ação. Brasília : MEC/UNB, Ano 1, n.º 2, 1997.

BRASIL EM AÇÃO – FUNDACENTRO – Ministério do Trabalho. Entidades que apóiam e participam com ações. 15/10/97. Fone: 0800-610101.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BULGARELLI, Marcelo. Direitos Humanos. *O Diário do Norte do Paraná*. 10/10/99, p. 9.

CADERNOS TERCEIRO MUNDO. Disponível em: Etml@etm.com.br; <http://www.etm.com.br>

CAMPANHA UNICEF. Disponível em: Lixoecidadania@uol.com.br

CAMPANHOLE, Adriano e CAMPANHOLE, Hilton Lobo. *Constituições do Brasil: Compilação dos textos, notas, revisão e índices*. São Paulo. Editora Atlas S. A., 4ª edição, 1979.

CARVALHO, Mário César. Dinheiro do Governo financia mineradora que usa crianças. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil. 1º/05/97, p. 8.

CARVALHO, Mário César. Governo atrasa o dinheiro de bolsas. *Folha de São Paulo*. 28/11/99,

CIPOLA, Art. A FALCÃO. Da nova Charges dentro do país. *Folha de São Paulo*. 7/10/96, p. 5.

CARVALHO, Mário César. Mato Grosso do Sul. Bolsa de R\$50 tira mil crianças das carvoarias, mas falta escola. *Folha de São Paulo*. Especial – trabalho infantil. 1º/05/97, p. 7.

CASTRO, Josué. *Geografia da Fome*. Editora Cruzeiro, 1946. Última edição, 1992, Rio de Janeiro,

_____. *O Livro Negro da Fome*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1957.

CHACON, Vamireh. *O Mercosul: a integração econômica da América Latina*. São Paulo, Scipione, 1996.

CHAGAS, Newton. Ministro mapeia trabalho infantil. *O Estado do Paraná* – ano 46, n.º 13.707, 04/12/96, p. 13.

CHALLITA, Mansour. Um povo de 15 milhões sem pátria. *Folha do Paraná*, 07/09/99, p. 3.

CHAMBOULEYRON, Rafael. *Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista*. In: *História das crianças no Brasil* / Mary Del Priore (org.) – São Paulo: Contexto, 1999.

CHONCHOL, Jacques. *O Desafio alimentar no mundo*. Tradução de Alcy Cheuiche. Editora Marco Zero, 1989.

CHUSSODOVYSKY, Michel. *A globalização da Pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo: Moderna, 1999.

CIPOLA, Ari e FALCÃO, Daniela. Crianças deixam escolas para trabalhar. *Folha de São Paulo*, 27/10/96, p. 8.

CIPOLA, Ari. No sisal, meninos trabalham para atender ao primeiro mundo. *Folha de São Paulo*, Especial – trabalho infantil – Bahia. 1º/05/97., p. 5.

COELHO, Everton Flores. *Deficiência sexual: do proibido ao permitido*. Porto Alegre – RS: D.C. Luzzatto Ed., 1987.

CONVENÇÃO RELATIVA À COMPETÊNCIA DAS AUTORIDADES E À LEI APLICÁVEL EM MATÉRIA DE PROTEÇÃO DE MENORES (Haia, 05.10.1961). Disponível em: [Direito.htmDireito.htm](#)

CONVENÇÃO DA ONU (20/11/89) - DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA - RATIFICADA NO BRASIL NO ANO DE 1990 - DECRETO 99.710/90. Disponível em: [Direito.htmDireito.htm](#)

COMBLIN, Pe. Joseph. *A ideologia da Segurança Nacional: O poder militar na América Latina*. Tradução de Veiga Fialho. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 3ª edição, 1980.

CONANDA. *Diário Oficial da União*, seção 2 do dia 19/05/2000. <http://www.mg.gov.br/sndh/conanda-membros.htm>.

CONANDA: Conselho Nacional de Defesa da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.ny.gov.br/sudh/conanda-pg.htm>

CONFERÊNCIA NACIONAL: Por uma Educação Básica no Campo - Texto Base. Edição: AEC e UNESCO. Brasília, 1998.

COSTA, César Amad e Mello, Leonel Itaussu. *A História do Brasil*. Editora Scipione: São Paulo, 1996.

CRIANÇAS NO MUNDO E NO BRASIL. Disponível em:

[//wwwz.uol.com.br/andi/redeandi/index2.html](http://wwwz.uol.com.br/andi/redeandi/index2.html)

CRUZ, Adriana Nucci e Paes. Trabalho proibido para menores. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 24/10/99, p. 3.

COSTA, Paula H. Lobo da e outros. *Momentos articulares resultantes durante o andar e o correr de crianças*. Revista Brasileira de Biomecânica - ano 2, n.º 3. São Paulo: Editora: Estação Liberdade, 2001.

COSTA, Paula H. Lobo da & VIEIRA, Marcus Fraga. *Revisitando Bernstein: uma linguagem para o estudo da coordenação de movimentos*. Revista Brasileira de Biomecânica - ano 1, n.º 1. São Paulo: Editora: estação da Liberdade, 2000.

CÚPULA PELA INFÂNCIA. Disponível em: [javascript.history.go\(-1\)](http://javascript.history.go(-1))

D'ANGELIS, Wilmar, 1957. *Contestado: a revolta dos sem-terra*. São Paulo: FTD, 1991.

DALL'AGNOL, Amélio. Pobreza, desenvolvimento e ambiente. *Folha do Paraná*. 10/10/99. P. 3.

DE LA RUA, Fernando. Pobreza é herança dos anos Menem - especial para A *Folha de São Paulo*. Tradução de Clara Allain. 27/06/99, p. 16.

DAVID, Ana Cristina de & ÁVILA, Aluísio ° Vargas. *Cinética da locomoção infantil: momentos articulares durante o andar*. Revista Brasileira de Biomecânica - ano 2, n.º 2. São Paulo. Editora: Estação da Liberdade. São Paulo, 2001.



DENNETT, Daniel C.. *Tipos de Mentos: rumo a uma compreensão da consciência*. Tradução de Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Movimento convida entidade. 09/11/96, p. 4.

_____. Sonhos iguais: menino que trabalha e menina que não trabalha são contra o trabalho infantil. 07/12/97, p. 16.

_____. Trabalho infantil é combatido na região. Caderno Cotidiano, 04/09/99, p. 6.

_____. Unicef critica miséria infantil no país. 14/12/99, p. 5.

_____. Unicef traça perfil de menor infrator. O diário do Norte do Paraná, 31/10/99. P. 3.

DIMENSTAIN, Gilberto. *O cidadão de Papel*. A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. São Paulo, Editora Ática, 1996.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS N.º 272. *A Fome no Mundo - Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*. Pontifício Conselho " COR UNUM". Petrópolis: Vozes, 1997.

DUARTE, Newton. *A autonomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigtski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar*. Educação e Sociedade (versão impressa) V. 21 n.º 71, Campinas, julho/2000.

_____. *A individualidade para-si*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1993.

_____. *Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar*. Cadernos CEDES (versão impressa). V. 19 n 167 44, Campinas: abril/1998.

_____. *Vigotski: e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

_____. *As pedagogias do "Aprender a Aprender" e algumas ilusões da Assim Chamada Sociedade do Conhecimento*. Trabalho apresentado na Sessão Especial Intitulada Habilidades e Competências: a Educação e as Ilusões da Sociedade do Conhecimento, durante a XXIV Reunião Anual da ANPED, de 8 a 11/10/2001.

ECOLOGIA. Disponível em: <http://www.ecologica.com.br/nbr01amb.htm>

ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do Jogo*; Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ESCÓSSIA, Fernanda. Tráfico de drogas 'alista' 3.000 crianças nas favelas do Rio. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil, 1º/05/97. P. 9.

ESTADO DO PARANÁ. Cinquenta mil crianças vivem do lixo. 17/06/99, p. 6.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - LEI FEDERAL
8.069/90 - Impresso.

EUCLIDES, Maria Luzinete. *Orientação em Normatização Documentária*.
Marília : Biblioteca da UNESP, 2001, impresso.

FAGANELLO, Benedito Fernandes e COURY, Rubens Massud. *Corte
manual de cana-de-açúcar*. Curitiba: SENAR; Piracicaba: STAB, 1995,
(cartilha do trabalhador).

FALCÃO, Daniela. Brasil fica em 105º lugar e se iguala ao Vietnã no
ranking de mortes até 5 anos. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14/12/99,
3º caderno, p. 1.

FALCÃO, Daniela. Menino furta ônibus e dirige 12 km. *Folha de São
Paulo* - Cotidiano 09/11/96, p.3.

_____. Notas do Enem comprovam o fosso entre a educação
de ricos e pobres. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 15/12/99, p. 1, 3º
caderno.

FERNANDES, Florestan. *Tensões na Educação*. Salvador: Salvador/BA:
SarahLetras, 1995.

FOLHA DE LONDRINA. Editorial. A Exploração do Trabalho Infantil.
18/06/99, p. 3.

_____. Agência Folha. Campo perdeu R\$15 bilhões de
95 a 98. 10/10/99, p. 7.



_____. Campanha quer tirar crianças do 'lixão'.
16/06/99. P. 6.

_____. Editorial. Exploração das crianças. 30/05/99. P.
3.

_____. Menor de 16 anos não pode trabalhar.
03/05/99, p. 7.

_____. Parceria Visa erradicação do trabalho infantil.
05/07/99. P. 8.

_____. Trabalho infantil. Editorial. 07/12/99, p. 3.

FOLHA DE NOTÍCIAS. Adolescentes de todo o país discutem cidadania.
Paranavaí/PR, 9-15/11/98, p. 3.

_____. Da prestação de serviços à comunidade.
Paranavaí, 02 a 08/11/98, p. 5.

_____. Trabalho infantil ainda é grande no Paraná.
Paranavaí, 26/4 a 02/05/99, p. 6.

FOLHA DE SÃO PAULO - da folha Ribeirão. Indústria de calçados
erradica trabalho infantil, diz auditoria. 1º/05/99, p. 4.

_____. - das agências internacionais. Convenções
da criança completa dez anos (Indonésia). 22/11/99, p. 14.

_____. - Zaire - das agências internacionais. Fome
ameaça 80 mil crianças no Zaire. 09/04/96, p. 13.

_____. Ato público condena o trabalho infantil.

Folha Dinheiro n.º 14 de 23/06/99.

_____. Café fecha ano-safra com recorde.

Agrofolha, 22/06/99, p. 3.

_____. Empresa gaúcha dá curso profissionalizante. Cotidiano, 27/10/97, p. 5.

_____. Último Censo conta 4.250 menores em São Paulo. 14/04/96. Cotidiano, p. 5.

FOLHA DO PARANÁ. Agência Estado - Crianças e adolescentes têm destaque em jornais brasileiros. 26/06/99, p. 6.

_____. Folha amplia informações sobre ciência, educação e meio ambiente. 24/10/99, p. 11.

FOLQUENING, Victor. Taxa de Trabalho infantil está em queda no Paraná. *Gazeta do Povo*, 13/10/1999, p. 15.

FÓRUM NACIONAL DE PREVENÇÃO E ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL. Disponível em:

<http://www.mtb.gov.br/sit/trainf/index1.htm>

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. ^a Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.



_____. *História da Sexualidade 2; o uso dos prazeres*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1984.

FRANCISCO, Luiz. Mil paralelepípedos rendem R\$25. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil. 1º/05/97, p. 4.

FUNDACENTRO / MINISTÉRIO DO TRABALHO. Lugar de criança é na escola: Brasil em ação. Brasília : Boletim Informativo, 15/10/1997.

FURTADO, Celso. *Análise do "Modelo" Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1982.

GAIARSA, José Ângelo. *Couraça muscular do caráter*. São Paulo: Ágora, 1984.

_____. *O que é Corpo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho na História*. São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

GARCIA PINTO, Cláudio César. *O entardecer da existência: ajuda para o idoso viver feliz*. Tradutor José Carlos Vitor Gomes. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1992.

GARCIA, Ademerval. A escola é o caminho. *Folha de São Paulo*. 3º caderno, 03/11/97.

GAZETA DE ALAGOAS. Plantadores de cana do Nordeste vão se mobilizar para cobrar subsídio atrasado. 23/12/2000.

_____. Trabalho Infantil. Folha Geral A 5. Maceió, 23/12/2000.

GAZETA DO POVO. Adolescente coleta lixo de madrugada. Ponta Grossa, 19/10/1999, p. 16.

_____. Crianças de rua ficam no sonho de voltar à casa. 29/06/1996, p. 32.

_____. Erradicação do trabalho infantil ganha um pacto. 09/09/1996, p. 12.

_____. Idade mínima para trabalho volta a ser 16 anos. Curitiba, 03/05/99, p. 18.

_____. Maioria das crianças trabalham sem salário. 28/10/1997, p. 13.

_____. Mercado de trabalho no Paraná tem 673 mil menores. 17/06/1996, p. 11.

_____. Paraná aumentou produção de açúcar e, 99/2000. 27/01/2000, p. 7.

_____. Vendendo a exploração infantil. 02/06/2000, p. 38.

_____. Violência atinge 33% das escolas da rede pública. 05/10/1999, p. 5.

GAZIR, Augusto – da agência da folha. FHC quer eliminar trabalho infantil. *O Diário do Norte do Paraná*, 20/10/99, p. 8.



GENOINO, José. A previdência e o Estado de Mal-estar. *Folha do Paraná*. 10/10/99, p. 3.

GONÇALVES, Reinaldo e POMAR, Valter. *O Brasil endividado: Como nossa dívida externa aumentou mais de 100 bilhões de dólares nos anos 90*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GONDIM, Abnor e FALCÃO, Daniela. Violência rural atinge crianças. *Folha de São Paulo*. 03/07/97, p. 11.

GRAJEW, Oded. Fim do Trabalho infantil. *Folha de São Paulo*, 04/12/96, p. 3.

GUARIGLIA, Ana Maria. Mostra vê trabalho infantil nos EUA. *Folha de São Paulo*, 28/10/96, p. 10.

GUIBU, Fábio – PI. Olarias empregam cerca de 800 'crianças do barro'. *Folha de São Paulo*, 27/10/96, p. 9.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IDI - Disponível em:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 1999. Rio de Janeiro: IBGE, CD-ROM, 2000.

INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS DA PUC/SP. Trabalho do adolescente: Mitos e dilemas. São Paulo : Série defesa dos direitos da criança e do adolescente, 1994.

IZIDORO, Alencar. São Paulo reduz mortalidade infantil. *Folha de São Paulo*, 14/12/99. Caderno Cotidiano, p. 3.

JAVORSKI, Jorge. Campanha pretende retirar crianças dos lixões. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 16/ 06/99 - p. 3.

JORNAL ASSUFRGS. Dois anos do real: o outro lado da moeda. Seção sindical, n.º 23 – julho de 1996.

KASTER, Jaime. Crianças enfrentam distância para ir à escola. *Gazeta do Povo* 14/02/2000, p. 11.

KASTER, Jaime. Crianças trabalham na roça para ajudar pais. *Gazeta do Povo*. 23/10/99, p. 15.

KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo: Summus, 1981.

_____. *O direito da criança ao respeito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

LBV - LEGIÃO DA BOA VONTADE. S.O.S. Brasil: Trabalho infantil: Mal que atinge milhões de crianças no Brasil. São Paulo: LBV em Revista, Ano VII, n.º 65, Março de 1997.

LDBEN – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL N.º 9.394/96. Curitiba: APP-Sindicato - CUT -CNTE, 1997.



LEOBET, Deise. Projeto no Paraná retira 30 mil crianças dos locais de trabalho. *Folha de São Paulo*. 05/05/97, p. 9.

LURIA, Alexander Romanovich. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. Tradução Fernando Limongeli Gurgueira. São Paulo: Ícone, 1990.

MACHADO, Lucila Regina de Souza e Outros. *Trabalho e educação*. 2ª edição, Campinas – SP: Papirus, 1994.

MANDATO SUPLICI. Disponível em: suplici@senado.senado.gov.br

MARINS, Francisco. *A guerra de Canudos*. São Paulo - Editora Ática S. A., 1990.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica à Economia Política*. In Cap. XXIV, "A Assim Chamada Acumulação Primitiva". São Paulo: Nova Cultural, 1998.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Volume IV.

_____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Vol. I.

_____. *O manifesto Comunista*. Karl Marx e Friedrich Engels. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MATEOS, Simone Biehler. Nossas crianças: a sucata do progresso: Quem lucra com o trabalho infantil. São Paulo : Editora Página Aberta Ltda, *Revista Atenção*, Ano 1, n.º 2, dez./95 / jan./96, 1996.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o império. In:

Priore, D. M. (Org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

MERISSE, Antonio et al. *Lugares de Infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creches e orfanato*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

MCGIARK, Jan. - do "The independent"- Menores são vítimas de abuso em prisões - Paquistão. *Folha de São Paulo*, 22/11/99, p. 14.

_____. - do "The independent". Crianças matam crianças na Colômbia. *Folha de São Paulo*. 22/11/99, p. 14.

MELLO, Liliana M. Conferência debate a assistência social. *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, 21/09/99, p. 3.

MELO, Antonio Carlos de. Direitos da Criança. *Folha do Paraná*. Porecatu. 24/10/99.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da Fome*. Editora Vozes, Petrópolis, 1985.

MOREIRA, Vânia. Acidente de ônibus deixa 17 bóias-frias feridos. Umuarama. *Folha de Londrina*. 28/10/97, p. 3.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo*. In: *História das crianças no Brasil* / Mary Del Priore organizadora. – São Paulo: Contexto, 1999.

MOURA, Lúcio Flávio. Trabalho reduz reincidência em crimes. *Folha de Londrina*, folha cidades, 11/05/99, p. 1.

MOVIMENTO DE MENINOS E MENINAS DE RUA. Disponível em:
mnmmr@mnmmr.org.br

NATALI, João Batista. Só 9 cidades implantaram renda mínima. *Folha de São Paulo*. 05/05/97, p. 9.

NEPOMUCENO, Cristiana. Record de grãos no país da fome. *O Diário do Norte do Paraná*. 15/02/98, p. 9.

NUNES, César Aparecido. *Desenvolvendo a Sexualidade*. Campinas, SP: Papirus, 1987.

OKAMURA, Lucila. Teto e desamparo são problemas graves. *Folha de Londrina*. 12/03/2000, p. 2.

OLIVEIRA, Jelson. *Raízes*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Marcelo. São Paulo emprega meninos em entreposto. *Folha de São Paulo*. 1º/05/97, p. 9.

OLIVEIRA, Rosangela. Castro debate o Estatuto da Criança. *Estado do Paraná*, 04/12/99, p. 17.

PAIVA, Paulo. *Diagnóstico preliminar dos focos do trabalho da criança e do adolescente no Brasil*. SEFIT - Secretaria de Fiscalização do Trabalho e SSST - Secretaria de Segurança e Saúde no Trabalho. Ministério do Trabalho, Brasília, DF, 1996.

PASSOS, Edésio. *Mercosul: Integração Latino-Americana e os trabalhadores*. Câmara dos Deputados Federais. Cadernos Parlamentares 3.92. Brasília, 1993.



PASTORE, José. A convenção da OIT sobre o trabalho infantil. *Folha de São Paulo*, 22/06/99, p. B. 2.

PEARCE, Joseph Chilton. *A criança mágica: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

PEGARARO, Paulo. Unicef financia programas para tirar crianças do lixo. *Folha do Paraná*, Cascavel/PR, 07/12/99, p. 1.

PELEGRINO, Érica. Falta de creche atinge 12 mil crianças. *Folha de Londrina*. Londrina, 02/03/2000, p. 4.

PET - PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL.
Informações: e-mail: encontro@eca.org.br

PIAGET, Jean. *Aprendizagem e Conhecimento*: por Jean Piaget e Pierre Gréco. Tradução da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: 1974.

_____. *Psicologia da Inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

_____. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, [1971?]

PINHEIRO, Sebastião, NARS Y. N e LUZ, D. *A agricultura ecológica e a máfia dos agrotóxicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 1998.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.



PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRAXEDES, Walter e PILETTI, Nelson. *O Mercosul e a Sociedade Global*. Editora Ática. São Paulo, 1994.

PRÉ-SOCRÁTICOS. Vol I, *Fragmentos, doxografias e comentários*. 4ª edição. – São Paulo: Nova Cultural, 1989. – (Os Pensadores).

PRESSE, France, de Grozuy, Rússia. Civis chechenos fogem do ataque russo. *Folha de Londrina*, 04/10/99, p. 8.

PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o Império. In: PRIORE, M. D. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

PUGSLEY, Joel. Trabalho do adolescente. *Folha de Londrina*, 04/12/96, p. 3.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: PRIORE, M. D. (org.) *História das crianças no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 1999.

RATNER, Carl. *A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REINSTEIN, Israel. *Trabalho infantil atinge 130 mil no PR*. 06/05/99. *Folha de Londrina*, p. 4.



REVISTA MARINHEIRO. Federación Catalana de l'Esplai e Movimento de Meninas e Meninos de Rua do Rio de Janeiro e de Maringá. Nº 1, abril de 2000.

RIGOUT, Fabrizio. Fábrica ilegal de papagaios choca crianças de classe média paulista. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil, 1º/05/97, p. 4.

ROCLER, José. *A nova dimensão do trabalho*. Gazeta do Povo. 1º/05/99, p. 6.

RÓIZ, José. Esporte Mata. Revista Caros Amigos, ano V, edição 59. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2002.

RONAN, Colin A. *História Ilustrada da Ciência*. Universidade de Cambridge. Vol. I, São Paulo, Cirulo do Livro, 1987.

ROSSI, Clóvis. Pobreza abala tese liberal. *Folha de São Paulo*. 27/06/99, p. 16.

S. O. S. BRASIL. Disponível em: www.lbv.org. Acesso em:

SÁ, Xico. Bolsa de FHC não chega às crianças. *Folha de São Paulo*. Especial – trabalho infantil – Pernambuco. 1º/05/97.

SABÓIA, João. *Trabalho infanto-juvenil no Brasil dos anos 90*. Caderno de Políticas Sociais. Série documentos para discussão. Brasília - DF, 1996.

SANTIAGO, Carlos Henrique – BH . Crianças tem aula sob árvore ou em quintal. *Folha de São Paulo* - Cotidiano. 08/03/97, p. 4.

SARTORI, Armando - RODRIGUES, Lia Imanishi e PEREIRA, Raimundo Rodrigues. *Tempos modernos 2*. Revista Atenção ano 2, n.º 5. Editora Página aberta Ltda., São Paulo, 1996.

SCARANO, Julita. Criança esquecida das Minas Gerais. In: PRIORE, M. D. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Benedita da. A realidade do trabalho infantil. *Folha de São Paulo*, 12/12/96, p. 3.

SODRÉ, Líliliana Gonçalves Pontes. *Primeiros anos de vida: conceito de infância*. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1993.

SOLIANI, André - de Buenos Aires - Miséria avança na Argentina. *Folha de São Paulo*, 27/06/99. P. 15.

SOUZA, Paulo Renato. "Temos vagas para todas as crianças". *Boletim Avança Brasil*, ano 1, n.º 2, 1997. Ministério da Educação e do Desporto.

SOUZA, Rosa de Fátima. Um Itinerário de Pesquisa sobre a Cultura Escolar, In: VINÍCIUS, M. C. (org.) *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas - SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdades de Ciências e Letras da UNESP, 2000.

STEMPFER, Alain Florent. Seu filho tem de ser melhor que você. São Paulo : Editora Abril, *Revista Exame*, Edição Brasil, 1997.



SUBSÍDIO DA II CONFERÊNCIA DOS DIREITOS - ABONG. Disponível em: <http://www.rebedia.org.br/abong.html>-

TELAROLLI, Júnior, Rodolpho. *Mortalidade infantil: Uma questão de saúde pública*. São Paulo: Moderna, 1997.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe operária Inglesa*. In *Consciência de Classe* - Cap. 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. III.

_____. *A Formação da Classe operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. II.

TILBURG, João Luís Van. *A televisão e o mundo do trabalho: o poder de barganha do cidadão-telespectador*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

TRABALHADORES: MUITAS LUTAS, UMA SÓ CLASSE. Cadernos de Formação, n.º 2, 13 de maio - Núcleo de Educação Popular. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

UNICEF - FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Disponível em: webmaster@unicef.org.br; <http://www.unicef.org.br>. Acesso em:

VALLE, Dimitri. Mãe é detida por explorar filha. *Folha do Paraná*. 08/05/99, p. 4

VASCONCELOS, Frederico. Montadora faz marketing como 'amiga', mas não pune fornecedor. *Folha de São Paulo* – especial – trabalho infantil, 1º/05/97, p. 12.

VEJA. *Levantamento realizado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Carlos*. 23/10/96, p. 37.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da Guerra In: PRIORE, M. D. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

VERGARA, Rodrigo. Brasil é o 63º pior em morte de crianças. Folha de São Paulo – Cotidiano - *Folha de São Paulo*, 12/12/96, p. 4.

VIGOTSKII, Lev Semionovich. *Imaginacion Y el Arte en la Infancia*. México – D.F.: Ediciones y distribuciones Hispânicas, S. A. de C.V., 1987.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILKINSON, Richard G. *Pobreza e Progresso: Um modelo Ecológico de Desenvolvimento econômico*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1974.



